



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ORLANDO PEREIRA DA SILVA

**BNEI ANUSSIM OU MARRANOS E OS CRIPTOJUDEUS DA
REGIÃO RURAL DE CARUARU/PERNAMBUCO**

RECIFE

2025

ORLANDO PEREIRA DA SILVA

**BNEI ANUSSIM OU MARRANOS E OS CRIPTOJUDEUS DA
REGIÃO RURAL DE CARUARU/PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada à Coordenação de Pós-Graduação, Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Silvério Pessoa.

RECIFE

2025

S586b Silva, Orlando Pereira da.
Bnei Anussim ou marranos e os criptojudéus da região rural
de Caruaru-Pernambuco / Orlando Pereira da Silva, 2025.
94 f.

Orientador: Silvério Pessoa.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Mestrado
em Ciências da Religião, 2025.

1. Judeus - Caruaru (PE) - Identidade. 2. Judaísmo - Caruaru (PE).

CDU 297

Pollyanna Alves - CRB-4/1002

ORLANDO PEREIRA DA SILVA

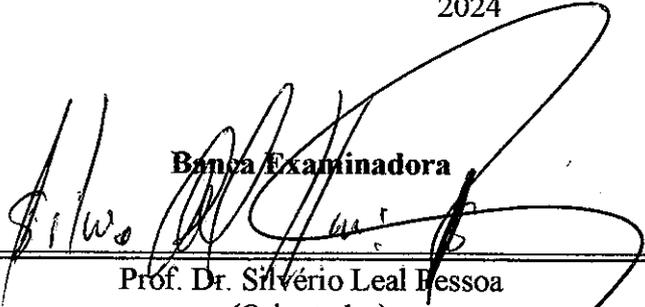
**BNEI ANUSSIM OU MARRANOS E OS CRIPTOJUDEUS DA
REGIÃO RURAL DE CARUARU/PERNAMBUCO**

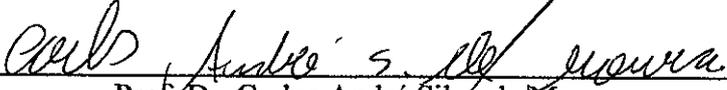
Dissertação submetida à aprovação,
como requisito parcial a obtenção
do título de Mestre em Ciências da
Religião.

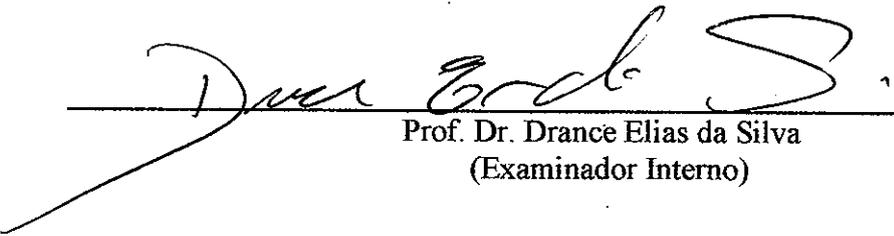
Orientador: Prof. Dr. Silvério
Pessoa.

Aprovada em: _____ / _____ /
2024

Banca Examinadora


Prof. Dr. Silvério Leal Bessoa
(Orientador)


Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura
(Examinador Externo)


Prof. Dr. Drance Elias da Silva
(Examinador Interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos meus pais, aos meus Mestres e aos meus amigos.

A Deus pela oportunidade de conquistar cada vitória em seu tempo.

À minha companheira de vida por tanto carinho, compreensão e sobras de grande dedicação, ao otimismo e solidariedade, desde o início da jornada de construção deste trabalho, pela paciência e amor.

Ao meu mentor, amigo e Orientador Dr. Silvério Pessoa, por me prover de excelentes textos e de me manter a cada instante no caminho correto.

Agradecer aos demais professores, pelas exímias contribuições para a conclusão deste estudo. Ou a todos juntos e em igual proporção, porque será mesmo impossível ordenar e ainda assim ser justo com todos. Obrigado por fazerem parte da minha história de vida.

RESUMO

A presente dissertação investiga a identidade e o sentimento de pertença dos Bnei Anussim residentes na região rural de Caruaru, Pernambuco. Os Bnei Anussim são descendentes dos cristãos-novos que, ao longo da história, preservaram, de maneira velada, elementos da tradição judaica em sua cultura e práticas cotidianas. O estudo analisa o contexto antropológico, histórico e social que molda a existência dessas comunidades e como os resquícios de práticas criptojudaias permanecem vivos em seus costumes e experiências religiosas. O objetivo desta dissertação é explorar a identidade e o sentimento de pertença entre os Bnei Anussim da região rural de Caruaru, lançando luz sobre os fatores históricos, culturais e religiosos que influenciaram a formação dessas comunidades. A pesquisa busca compreender de que maneira esses descendentes de cristãos-novos mantiveram aspectos de sua ancestralidade judaica e como esses elementos ainda são reconhecidos e ressignificados em seu cotidiano. Quanto à metodologia utilizada, os dados apresentados foram coletados por meio de pesquisas bibliográficas em livros, revistas especializadas e materiais audiovisuais, como fotografias, filmes e vídeos. Esses recursos permitiram traçar o deslocamento histórico dos Bnei Anussim pelo estado de Pernambuco e identificar características que marcam essas comunidades. Além disso, foi utilizado um questionário elaborado pelo Rabino Abraham Deleon-Cohen, da Rabbi At Abarbanel Foundation, sediada em Miami, Estados Unidos. Esse questionário, aplicado em 2017, serviu de base para identificar um grupo de Bnei Anussim estabelecido em Pernambuco. A pesquisa documental também incluiu análises nos arquivos da Torre do Tombo, em Portugal (via online), e levantamentos em sinagogas locais, como a Sinagoga Beit Chabad, o Centro Israelita de Pernambuco e a Sinagoga Martins Júnior, além de registros encontrados em cemitérios judaicos da Comunidade Israelita de Pernambuco. O questionário foi aplicado a vinte famílias pernambucanas, por meio de entrevistas semiestruturadas em grupos focais presenciais, permitindo a identificação de padrões de comportamento e práticas criptojudaias. Os resultados revelam que as comunidades investigadas mantêm aspectos culturais e religiosos ligados ao criptojudaísmo, evidenciando uma continuidade histórica da identidade judaica mesmo diante das adversidades. A pesquisa confirma que elementos emblemáticos da tradição judaica ainda estão presentes no cotidiano dessas famílias, fortalecendo sua identidade e sentido de pertencimento. Assim, o estudo contribui para o entendimento das dinâmicas sociais e culturais que permeiam a história dos Bnei Anussim em Pernambuco e sua relação com a tradição judaica.

Palavras-chave: Judeus. Judaísmo. Bnei Anussim. Identidade. Pertencimento.

ABSTRACT

This dissertation investigates the identity and sense of belonging of the Bnei Anousim living in the rural region of Caruaru, Pernambuco. The Bnei Anousim are descendants of New Christians who, throughout history, have preserved, in a veiled manner, elements of the Jewish tradition in their culture and daily practices. The study analyzes the anthropological, historical and social context that shapes the existence of these communities and how the remnants of crypto-Jewish practices remain alive in their customs and religious experiences. The objective of this dissertation is to explore the identity and sense of belonging among the Bnei Anousim of the rural region of Caruaru, shedding light on the historical, cultural and religious factors that influenced the formation of these communities. The research seeks to understand how these descendants of New Christians have maintained aspects of their Jewish ancestry and how these elements are still recognized and resignified in their daily lives. Regarding the methodology used, the data presented were collected through bibliographic research in books, specialized magazines and audiovisual materials, such as photographs, films and videos. These resources made it possible to trace the historical movement of the Bnei Anousim throughout the state of Pernambuco and identify characteristics that mark these communities. In addition, a questionnaire prepared by Rabbi Abraham Deleon-Cohen, of the Rabbi At Abarbanel Foundation, based in Miami, United States, was used. This questionnaire, administered in 2017, served as a basis for identifying a group of Bnei Anousim established in Pernambuco. The documentary research also included analyses in the archives of the Torre do Tombo, in Portugal (online), and surveys in local synagogues, such as the Beit Chabad Synagogue, the Israelite Center of Pernambuco and the Martins Júnior Synagogue, in addition to records found in Jewish cemeteries of the Jewish Community of Pernambuco. The questionnaire was administered to twenty families from Pernambuco through semi-structured interviews in face-to-face focus groups, allowing the identification of patterns of behavior and crypto-Jewish practices. The results reveal that the communities investigated maintain cultural and religious aspects linked to crypto-Judaism, evidencing a historical continuity of Jewish identity even in the face of adversity. The research confirms that emblematic elements of Jewish tradition are still present in the daily lives of these families, strengthening their identity and sense of belonging. Thus, the study contributes to the understanding of the social and cultural dynamics that permeate the history of the Bnei Anousim in Pernambuco and their relationship with Jewish tradition.

Keywords: Jews. Judaism. Bnei Anousim. Identity. Belonging.

SUMÁRIO

INTRODUCAO	07
METODOLOGIA	23
1 O ESPAÇO BNEI ANUSSIM NO NORDESTE	27
1.1 Judeus: da Península Ibérica para o Brasil	27
1.2 Os Judeus no Nordeste (Bnei Anussim)	30
1.3 Identidade e pertencimento	31
1.4 Identidades criptojudaicis	35
2 O ESPAÇO BNEI ANUSSIM NO NORDESTE BRASILEIRO	37
2.1 Bnei Anussim ou marranos	37
2.2 Cristãos-novos e judeus sefarditas no Nordeste	40
2.3 Presença semita no Nordeste	43
2.4 O imaginário judaico existente em Pernambuco	45
2.5 Análise da identidade judaica no Agreste de Pernambuco	57
2.5.1 Hábitos, usos e costumes	57
2.5.2 Resistência dos Bnei Anussim	59
2.5.3 Como será a continuidade	65
3 CONSIDERACOES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICES	82
QUESTIONÁRIO	89
GLOSSÁRIO	92

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa contribuir para a história da comunidade judaica no Brasil e em Pernambuco, identificando a ascendência judaica em quatro povoados da zona rural de Caruaru, município do Agreste pernambucano: Jacaré de Gonçalves Ferreira, Malhada de Pedra, Serra Velha e Serra dos Pintos. A investigação foca nos estudos sobre identidade e pertencimento, relacionados aos hábitos e costumes de origem judaica presentes nessas comunidades. Esses povoados são habitados por descendentes de cristãos-novos, também conhecidos como Bnei Anussim ou marranos, que mantêm práticas culturais e religiosas com raízes no criptojudaísmo. A análise dessas tradições busca compreender como esses elementos influenciam a construção identitária e o senso de pertencimento desses grupos, enriquecendo a compreensão da presença judaica na região.

O objetivo desta dissertação, portanto, é explorar a identidade e o sentimento de pertença entre os Bnei Anussim moradores da região rural de Caruaru/PE e lançar luz sobre o contexto antropológico, histórico e social que molda a existência dessas comunidades.

Esta comprovação identitária em parte foi obtida através da aplicação, em Pernambuco, de uma pesquisa produzida pelo Rabino Abraham Deleon-Cohen, da *Rabbi At Abarbanel Foundation*, Miami, Flórida, Estados Unidos. Sobre as questões de provável identidade e pertencimento relacionadas às comunidades Bnei Anussim, moradoras da zona rural de Caruaru, direcionamos nossas perguntas para uma melhor compreensão das principais características religiosas e culturais dos indivíduos dessas localidades. Eles se propuseram a submeter-se ao processo de conversão/retorno ao judaísmo, o qual foi devidamente conduzido por meio da instalação, no Recife/PE, no ano de 2017, de um Beit Din (Tribunal Rabínico) de natureza ortodoxa, chefiado pelo próprio rabino Abraham Deleon. A análise das respostas aos questionários revelou uma conclusão afirmativa em relação às questões estudadas sobre identidade e pertencimento desses indivíduos quanto às suas características Bnei Anussim e criptojudaicas.

A nossa compreensão também foi enriquecida pelo apoio de estudos antropológicos sobre comunidades, cultura e costumes (Ruth Benedict, 1934; Goldwasser, 1974; Oliveira, 2011), bem como pelos aspectos históricos e sócio-culturais abordados pelos autores Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, Anita Novinsky e Caesar Sobreira, entre outros. A presença dos Bnei Anussim ou descendentes de judeus forçados à conversão ao cristianismo desde que fugiram da Península Ibérica até sua chegada ao Brasil, especialmente na região Nordeste e em Pernambuco, é um tema atualmente discutido e comentado, tanto nas redes sociais, devido

ao avanço da internet, quanto no meio acadêmico, no Brasil e no exterior. Através da realização da análise das fontes bibliográficas e audiovisuais consultadas, disponíveis na parte da bibliografia desta dissertação, esta pesquisa apresenta e contextualiza o conjunto dessas experiências relacionado com as questões de identidade e pertencimento Bnei Anussim, presença Bnei Anussim, marrana e criptojudaica encontrada na zona rural de Caruaru/PE. Para a elaboração desta dissertação, também optou-se pela realização de uma pesquisa exploratória através do levantamento histórico e cultural a respeito do tema Bnei Anussim, criptojudéus ou marranos, localizados na Zona Rural de Caruaru/PE.

Em seguida, foi realizada uma pesquisa qualitativa apoiada no questionário feito pelo Rabino Abraham Deleon Cohen Abravanel, quando o mesmo veio ao Recife promover o processo de conversão/retorno de caráter ortodoxo dos Bnei Anussim de todo o país, ocorrido no ano de 2017, o qual pode estabelecer um conjunto de entrevistas composto por alguns parâmetros relacionados com os aspectos práticos culturais e de cunho religioso judaico que buscou sistematizar os conhecimentos judaicos e as principais características das práticas judaicas no Nordeste na contemporaneidade, mediante aspectos como a escolha própria pelo processo de retorno/conversão e o reconhecimento em favor do empoderamento da causa Bnei Anussim no país.

Quanto aos estudos antropológicos sobre comunidades, cultura e costumes relacionados aos autores Ruth Benedict (1934), Goldwasser (1974) e Oliveira (2011), destacam-se os seguintes pontos: Ruth Benedict, em seu livro "Cultura e Organização Social dos Índios Pueblo" (1934), discute a cultura e organização social desse grupo nativo americano que vive no sudoeste dos Estados Unidos. A sua argumentação aponta que a cultura Pueblo é baseada nos valores de harmonia, cooperação e equilíbrio. Desses valores o mais destacado entre as comunidades da zona rural de Caruaru aqui em estudo é a cooperação que auxiliada pela condição da presença de casamentos de natureza endogamia, prevalecem na construção identitária dos descendentes dos cristãos-novos moradores do agreste pernambucano. M. Goldwasser (1974) no seu trabalho intitulado "A criança e o ritual na cultura indígena", discute o papel da criança na cultura indígena. Sua compreensão é a de que a criança é vista como um ser sagrado e que os rituais indígenas são projetados para ajudá-la a desenvolver seu potencial espiritual.

No conjunto das comunidades Bnei Anussim, o papel social de destaque está centrado na condição da mulher que representa para essas comunidades o elo de formação e de transmissão dos valores judaicos, situação essa reforçada pelo próprio judaísmo e seguida à risca pelos descendentes dos judeus que foram forçados a se converterem a fé Católica, na

Península Ibérica, durante o Período Medieval. Oliveira e Maio (2011) discutem o papel das comunidades tradicionais no desenvolvimento sustentável e argumentam que essas comunidades têm um conhecimento profundo do meio ambiente e que podem contribuir para a preservação dos recursos naturais.

Os descendentes dos judeus provenientes de Portugal fixaram-se no Brasil Colônia, principalmente na região Nordeste. Desde sua chegada, conseguiram perpetuar seus usos e costumes, especialmente em Pernambuco e na Bahia, desde os primeiros povoamentos do Brasil, passando pelo período das capitanias hereditárias e pelo cultivo da monocultura do açúcar, até os dias atuais. Como o estudo social sobre religiosidades, compreendido a partir dos eixos cultura, identidade e pertencimento, esta dissertação é importante porque irá ajudar a compreender a diversidade cultural nordestina e a importância da cultura para a vida das pessoas, particularmente aquelas relacionadas com a condição da presença semítica no Nordeste e pela fixação dos cristãos-novos e seus descendentes na zona rural de Caruaru, Pernambuco.

Também, para definirmos os termos identidade e pertença relacionados com os judeus e com os Bnei Anussim, os descendentes dos judeus forçados à conversão ao catolicismo na Península Ibérica durante a Idade Média, são necessários embasar esta dissertação em estudos. Levando em conta as condições da presença e das práticas Bnei Anussim no Brasil, especialmente em Pernambuco, recorreremos às dissertações e teses defendidas no Brasil que abordam os seguintes assuntos: judeus, cristãos-novos, Bnei Anussim, marranos e criptojudeus.

O desenvolvimento da dissertação ocorreu através de consultas às bibliotecas públicas e universitárias do Recife/PE, (Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco), Biblioteca Social JUCATIVA (Juventude Cristã Ativa), Biblioteca da UNICAP e Biblioteca Central da UFPE, onde as principais obras utilizadas foram: Fonseca e Silva, Janaína Guimarães, "Modos de pensar, maneiras de viver: cristãos-novos em Pernambuco no século XVI", Recife, 2007 - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado em História. Este estudo analisa a presença dos cristãos-novos no Brasil durante o século XVI, a partir das relações entre os reconhecidos como cristãos-novos e os demais habitantes de Pernambuco nesse período. Estuda as condições em que se construiu o elemento cristão-novo, ainda na Península Ibérica e logo a chegada desses elementos em Pernambuco.

Através da obra "Denúncias e Confissões" à Mesa do Visitador (1591- 1595), são reconstituídas as relações de casamento, compadrio e amizade que uniam cristãos-novos e

velhos, bem como a relação dos primeiros com os povos primitivos indígenas do Brasil e negros no processo de colonização. Também são analisadas as redes formadas pelos cristãos-novos localizados em Pernambuco juntamente com outros cristãos-novos e judeus portugueses envolvidos no comércio em outros centros ligados à produção açucareira.

A obra de Caesar Sobreira, “Gilberto Freyre e o judaísmo: reflexões sobre o Pathos semítico no judeu de Apipucos”, traz reflexões de Gilberto Freyre sobre a presença dos judeus no Nordeste. Em Caesar Sobreira, “Nordeste Semita” é analisada a importância da presença dos descendentes dos judeus de origem ibérica na formação cultural do Nordeste. O livro de Jucimar Moraes “Toledot Isaac, um judeu marroquino em Recife” apresenta a relação do Ensino Religioso promovido pelo chachan (Mestre) Isaac Essoudry à comunidade Bnei Anussim local até ao ano do falecimento do condutor dos serviços religiosos da Sinagoga Beit Shmuel, ocorrido no ano de 2017. Traz ainda uma seleção de depoimentos feitos a partir das vivências dos Bnei Anussim do Nordeste junto ao judeu de origem marroquina Isaac Essoudry; O livro tem o objetivo revelar o papel das condições identitárias e religiosas dos Bnei Anussim enfocando a experiência da realidade da Sinagoga da Rua Martins Júnior e da Sinagoga Beit Shemuel, no Recife, quanto ao referido fenômeno experienciado a partir de Pernambuco. Relatos de natureza pessoal e intimista que apontam características da realidade religiosa praticada pelos Bnei Anussim nos espaços da capital Recife, e do interior do Estado de Pernambuco, principalmente.

Em relação aos conteúdos digitais e audiovisuais voltados à temática, nesse mesmo objetivo, realizamos buscas pela internet e foram encontrados como principais subsídios: o filme da cineasta e pesquisadoras Eiger e Valente que possui como tema central a prática judaica mantida por algumas famílias do Seridó nordestino, juntamente com a busca de sua identidade religiosa por vários Bnei Anussim, a partir do momento que tomam consciência desta sua condição (A estrela Oculta do Sertão, Documentário, 2005).

O judaísmo é a religião monoteísta mais antiga do mundo com mais de 5.000 anos de história e cultura. Após a perseguição sofrida em Portugal e Espanha os judeus foram forçados a fugir e se espalhar para todos os continentes, incluindo a América, onde chegam na condição de co-descobridores do Brasil (Albuquerque,2019).

No Brasil, um dos principais destinos foi Pernambuco, o maior produtor de açúcar do mundo à época, onde os judeus do período holandês obtiveram liberdade religiosa e daí, liberdade econômica, ascensão social e disseminação cultural. Depois do governo do Conde Maurício de Nassau, os judeus tiveram que sair de Recife, alguns foram para os Estados Unidos, outros se espalharam pelo o interior de Pernambuco, deixando-nos uma herança

cultural como costumes, lendas e crenças. Durante o século XX, houve a segunda imigração judaica, com muitos fugindo do Holocausto na Segunda Guerra Mundial, considerando Recife a “Terra que emana leite e mel”. Junto aos judeus descendentes dos cristãos-novos no Brasil, desde o período dos seus primeiros povoamentos. Eles reescrevem a história de Pernambuco também nos dias atuais, em "Lembrar para não esquecer – A saga dos judeus no Nordeste brasileiro", filme de longa-metragem produzido pela Globo News. Exibido em avant-première no Recife, no Cinema do Porto Digital/FUNDAJ, e lançado nacionalmente em 01/06/2023, a película narra a influência judaica no sertão Nordestino do Seridó através de depoimentos dados pelos habitantes locais.

Das buscas realizadas em artigos em revistas e periódicos, referenciados no corpo deste trabalho identificamos as seguintes produções: “As chaves de Sefarad e o Edito de Alhambra” (Athias, 2023). O artigo apresenta como a intolerância religiosa provocou um novo êxodo judaico na Idade Média, com a expulsão dos judeus a partir da instituição do famoso Decreto de Alhambra, iniciando a diáspora dos judeus sefarditas. Jefferson Linconn, (2023) no seu artigo em homenagem ao Dia em Memória das Vítimas da Inquisição, publicado no Diário de Pernambuco, escreveu acerca da promulgação, em Pernambuco, da Lei que instituiu o Dia em Memória das Vítimas da Inquisição no Estado. Comentada neste artigo, ela remete ao papel de vigilância a ser desempenhado por toda a sociedade, principalmente pelos descendentes dos judeus de origem sefardita, na defesa da prática da tolerância. Isso parte da necessidade de se conhecer o passado de perseguição aos judeus na Península Ibérica durante a Idade Média e, conseqüentemente, combater todas as formas de fanatismo e intolerância.

Dessa forma, destacamos que os artigos selecionados e acima identificados, inserem-se no contexto discursivo das categorias teóricas abordadas e puderam contribuir para o aperfeiçoamento desta dissertação. Quanto à compreensão sobre os Bnei Anussim, destacamos autores vinculados às perspectivas históricas e às questões sócioantropológicas. Filiados à perspectiva histórica, alinhamo-nos à Novinsky (2004), Valadares (2004) e Wintzner (2009), que compreendem a questão Bnei Anussim como fenômeno ocorrido a partir da conversão forçada aos judeus ibéricos, promovida pela Igreja Católica na Idade Média. Tal processo teve como consequência a vinda dos judeus convertidos, como cristãos-novos, para o Novo Mundo e particularmente para Pernambuco, devido à fuga dos Bnei Anussim das garras da Inquisição num contexto cercado por transformações sociais, tais como o fim do Sistema Feudal, os surgimentos do Mercantilismo e do Renascimento. Isso ocorreu

em consonância com a época das grandes navegações e descobertas sequenciais, interdependentes e autoevidentes.

Nas perspectivas sócio-antropológicas, buscamos suporte na concepção sociológica de Freyre (1930) e Frans Boas (1940), cujo enfoque é direcionado ao comportamento dos indivíduos, enquanto elucidadores da cultura, e não às instituições e seu funcionamento e que defendem a superação das perspectivas acerca das supremacias raciais. Isto é, mediante o fato da existência das diversas formas de cultura e não como uma provável hierarquia prévia de alguma delas sobre as outras, inclinando-se para a defesa de que Identidade e Pertencimento formam o real sentido da experiência cultural dos indivíduos. Compreende-se, portanto, que valores extratemporais e de significações também permanentes apenas existem no interior de uma determinada comunidade. .

Com destaque à compreensão do aspecto comportamental relacionado aos Beni Anussim, ressaltamos os estudos realizados por Cascudo (1961) que enfatizava presença dos judeus e dos seus descendentes no Nordeste brasileiro. Por conseguinte, Levy (2016) estuda a época da Ocupação holandesa na Capitania de Pernambuco e a presença dos judeus no Recife nesse período, observando que, no Nordeste do Brasil havia se concentrado a maioria dos cristãos-novos e que, devido ao governo do Conde Maurício de Nassau, à vinda dos judeus da Holanda e à prática da tolerância religiosa, Recife havia se tornado o principal epicentro da presença judaica no Novo Mundo. O autor ainda observa, na sua obra sobre a presença judaica no Recife (Século XVI), que os judeus saíram do Recife, também sofrendo perseguições, ajudando a fundar Nova Amsterdã que hoje é a cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Em relação ao contexto da localização na Região Nordeste, na qual está situada a maior presença Bnei Anussim no Brasil, Novinsk (2012) aponta as características ocultas e as referentes às práticas Bnei Anussim e Marranas acrescentando que em alguns estados dessa Região, inclusive em Pernambuco, a forte presença cristã-nova fez-se sentir na perpetuação de mitos, usos e costumes judaicos no seio de algumas comunidades e de algumas famílias locais.

O fenômeno Bnei Anussim se desenvolveu em situações nas quais a intolerância religiosa e a perseguição aos praticantes da Lei Mosaica foram rígidas e vigiadas de modo ininterrupto por parte da Igreja e pelos cristãos-velhos, de modo que a liberdade de culto e manifestação de práticas judaicas explícitas na sociedade que formou o Brasil encontrava-se totalmente ausente para os Bnei Anussim. Quanto aos estudos sobre Identidade e Pertença, relação ao fenômeno Bnei Anussim, referenciamos nas compreensões de Novinsky (2004).

Também buscaremos aportes teóricos em Freyre (1986) e nos estudos sobre a identidade criptojudáica e marrana firmada em Valadares (2000), que apresenta a dissimulação do comportamento Bnei Anussim, tendo em vista a possibilidade ocorrência de denúncias por parte da vizinhança cristã-velha sobre os hábitos e costumes que possuem os descendentes dos judeus ibéricos, tais como práticas e resquícios dessa antiga judaicidade sefardita, mesmo que de forma oculta.

Valadares (2000) discorre sobre a presença oculta dos descendentes de judeus sefarditas em famílias localizadas no Nordeste brasileiro, destacando a endogamia e a herança genealógica perpetuada como uma expressão clara dessa identidade geracional. A presença dos Bnei Anussim serve como alicerce para processos ontológicos mais precisos, evidenciados pelo estudo da árvore genealógica de famílias de ascendência cristã-nova, de origem judaica, na região. .

Em relação à perspectiva crítica sobre origem e tradição criptojudáica, destacamos o modelo da pesquisa promovida pela *Rabbi Ats Abarbanel Foundation* (2017), que apresenta um questionário elaborado pelo Rabino Abraham Deleon Cohen. Este trabalho serviu ao Rabino Abraham Deleon para avaliar processos de conversão ou retorno ao judaísmo, solicitados pelas chamadas comunidades de judeus emergentes, formadas por Bnei Anussim que praticam abertamente o judaísmo e buscam o direito de serem reconhecidos como judeus.

O questionário foi formulado com foco nas experiências dos Bnei Anussim no Brasil, situando-as no contexto de um país no qual a Inquisição foi abolida há pouco mais de 300 anos. Hoje, o país é caracterizado pela liberdade de culto e pluralidade de crenças. É importante levar em consideração os posicionamentos não prosélitos, encabeçados prioritariamente pela ortodoxia judaica, fundamentados na instalação do Tribunal Rabínico da *Rabbi Ats Abarbanel Foundation*, estabelecido no Recife em 2017. Ainda destacamos estudos realizados por Arroyo (2011), os quais trazem à discussão a teoria dos tempos humanos, que nem sempre coincidem com os tempos religiosos e, no âmbito das tensões manifestas nos espaços de poder, que assim definem os comportamentos culturais e religiosos como territórios em disputa.

No intuito desta dissertação melhor poder definir a prática Bnei Anussim, no corpo do trabalho, pela condição de histórico e culturalmente serem esses descendentes diretos dos judeus convertidos à força ao catolicismo na Península Ibérica. A defesa dessa identidade e pertença está representada pelos diversos usos e costumes perpetuados no interior das suas casas e dentro de suas comunidades. Ressalte-se a importância da Ciência da Religião no

estudo do fenômeno Bnei Anussim em Pernambuco, uma vez que o estudo dessas condições constituem processo constante em relação ao objeto-religião e às suas práticas e vivências.

Tal processo propõe que os desafios sejam o “conhecimento religioso” ou “isolamento epistemológico”, permitindo que esses elementos sejam constatáveis na Ciência da Religião e, assim, sejam melhor entendidos nas práticas investigativas. Essa reflexão visa evidenciar as narrativas identitárias, destacando a necessidade de uma compreensão mais aprofundada sobre a formação da identidade e do pertencimento em grupos étnicos e populacionais, como os Bnei Anussim.

Segundo (Voltaire, 2000, p. 51) “Também os conflitos religiosos se deslocam para outros campos da vida social, imbricando-se a conflitos políticos, econômicos, lutas por terras e territórios”. Desta incendiária interação, os referidos conflitos alimentam-se e se retroalimentam uns aos outros, no desejo de justificar as violências culminadas com martírios e extermínios. Quanto ao estudo do fenômeno da intolerância: “o absurdo da religião mais sagrada produziu grandes crimes”. É do interesse do gênero humano examinar se a religião deve ser caridosa ou bárbara (Voltaire, 2000). E também: “o conflito religioso permite que tensões de outras ordens se manifestem” (Voltaire, 2000). De acordo com esse pensador, a intolerância repousa “na fraqueza de nossa razão e na insuficiência de nossas leis [...] “Caminha-se assim das condições de intolerância até a Tolerância”, pondera o filósofo Voltaire (1694-1778)”. Pois, quanto à questão relacionada com a promoção da prática da tolerância entre crenças e religiões, cabem às comunidades salvaguardarem os interesses dos seus integrantes, assegurando-lhes os direitos à vida, à propriedade e às liberdades fundamentais.

Com o objetivo de refletir sobre o futuro da condição Bnei Anussim na contemporaneidade, no presente estudo serão considerados alguns teóricos, avaliados pelos autores referenciados como Clássicos da Sociologia e da Sociologia das Religiões, que afirmam a permanência da religião na contemporaneidade. Pois é por esse debruçar-se acerca das origens e dos desdobramentos dos usos comuns que cada população de religião diversa compõe, que é possível melhor se analisar e refletir sobre as suas práticas, onde as particularidades que as diferenciam sempre existirão, correndo o risco de reduzir cada uma delas apenas à distinção de seus objetos.

Assim, as Ciências da Religião se fundamentam por meio da análise do objeto de estudo, compreendendo-se em três fases: “veem o objeto de estudo como sua totalidade; reconhecem que essa totalidade se apresenta de maneira quádrupla; e observam que essa totalidade está viva que, portanto, não para de se transformar” (Gheschat, 2005). “Na análise

de todo sistema social como na análise da linguagem deve-se deixar um espaço para a ambivalência, para o excesso, para a falta, para o trágico [...] deixar espaço para o simbólico em todas as suas densidades” (Willaime, 2012, p.191).

Impreterivelmente e por modos distintos dos métodos das ciências naturais, as Ciências humanas promovem análises e compreensões que devem ser situadas no tempo e no espaço e, nessas articulações, propõem o diálogo entre o que o ser humano diz de si mesmo e o que o pesquisador descreva com fidelidade discursiva. Assim, as religiões se apresentam “como uma matéria-prima simbólica, eminentemente maleável, que pode servir para diversos desdobramentos de acordo com o interesse dos grupos que delas se nutrem” (Paiva, 2003).

Assim, toda a sua reorganização se dá através de diversas formas de bricolagem e decorre a da apropriação do patrimônio material e simbólico das religiões históricas, postos à disposição de indivíduos que as reinterpretam na busca de significados capazes de conferir sentido as suas existências. Essa perspectiva aproxima a noção de Bricolagem, em Hervieu-Léger (2008), das ideias de Lévinas (2005, p. 40), que destaca que ‘as almas piedosas, por uma necessidade psicológica, retornam às religiões históricas, criando para si uma religião individual, formada a partir dos destroços de igrejas naufragadas’ (Hervieu-Léger; Willaime, 2001, p. 134-135).

Por fim, a noção de modernidade religiosa acentua a “tendência à individualização e subjetivação das crenças religiosas”, de modo que possibilita ao indivíduo a construção do seu próprio sistema de fé, deslocado das instituições religiosas, tornando-se, assim, cristão a sua maneira, mediado por uma crença autodefinida. Hervieu-Léger (2008, p. 43-56) assevera que as crenças se encontram representadas nos “múltiplos sinais da passagem de uma religião instituída a uma religião recomposta”. Os indivíduos fazem valer sua liberdade de escolha, cada qual retendo para si as práticas e crenças que lhes convém [...]. Elas são triadas, remanejadas e [...] livremente combinadas a temas emprestados de outras religiões ou de corrente de pensamento de caráter místico ou exotérico. Nesse contexto, “As crenças se diversificam, rompendo as molduras institucionais e resultando no fenômeno de ‘crer sem pertencer/pertencer sem crer’” (Idem, 2008, p. 43-51). Segundo (Lévinas, 2005, p. 40) “a religião é como uma necessidade psicológica” do ser humano, enquanto ser ontológico.

“A religiosidade desempenha funções reservadas à religião e fornecem à sociedade um conceito final de significação de integração à vida social e da validação das atividades sociais” (Hervieu-Léger; Willaime, 2009, p. 201). Destacamos que os autores aqui pesquisados apresentam os principais conceitos necessários para a construção teórica deste trabalho. Para Bruno Feitler, Doutor em História/École des Hautes Etudes en Sciences

Sociales – Paris, em “Um conflito de identidades: judeus e cristãos-novos no Brasil”, a ocupação realizada pelos holandeses de uma parte do Nordeste do Brasil entre 1630 e 1654, provocou distúrbios de várias ordens na vida da população do Recife.

A vinda dos judeus provenientes dos Países Baixos, que acompanharam os calvinistas holandeses na sua chegada a Pernambuco junto com a formação de uma comunidade judaica organizada, transformaram radicalmente o horizonte religioso do Nordeste brasileiro. Esta condição da presença de judeus confessos em terras recifenses causou tensões e gerou sentimentos diversos nos cristãos-novos que conviveram ou entraram em contato com os judeus que vieram da Holanda. “Vários cristãos-novos judaizantes aproveitaram a relativa liberdade religiosa vigente no Pernambuco holandês para tornarem-se abertamente judeus, e isso desde a chegada dos primeiros judeus praticantes” (Feitler, 2019). Certos judaizantes, porém, preferiram permanecer fora da comunidade judaica oficial, enquanto outros cristãos-novos, nem judaizantes, nem católicos fervorosos, guardaram suas distâncias.

Os judeus tiveram então que adotar certas práticas missionárias para tentar levar estes últimos dois grupos ao judaísmo, utilizando métodos de pressão e de influência que transcendiam a simples polêmica religiosa. A missão dos judeus de fazer com que os cristãos-novos “retornassem” ao judaísmo de seus antepassados, acrescida do catolicismo a que estavam acostumados a viver, e algumas vezes, do judaísmo deturpado que alguns deles seguiam, acabou por revelar a originalidade de seus próprios sentimentos, o que produziu por sua vez, para além das tensões e do conflito, uma nova dimensão identitária (Feitler, *Inquisição, judeus e cristãos-novos e no Nordeste do Brasil: O Nordeste – Séculos XVI e XVII*, Lovaina).

No Recife, em 1630, os judeus de origem portuguesa que chegaram a Pernambuco da Holanda ou de outras partes da Europa, como Hamburgo, Veneza ou do Império Turco, possuíam uma imagem complexa e fortemente estabelecida de sua própria identidade, inclusive quanto ao sentido desta missão em terras brasileiras, assim como sobre outros desdobramentos econômicos em Pernambuco.

O conjunto desses vários fatores identitários dos Bnei Anussim originava-se da simbiose de parcela da cultura ibérica, eivada de catolicismo e do mito da pureza de sangue. Por outro lado, era igualmente complementada por uma cultura eminentemente sefardita, cultura judaica essa que os cristãos-novos e seus descendentes tiveram em parte que recriar a partir do espaço cultural anterior que lhes foi subtraído. Desde então, devido às conversões forçadas e à perseguição da Inquisição, os ligavam às conversões dos séculos XIV e XV. Tais variantes, somadas às trajetórias e histórias pessoais da maioria dos membros da comunidade

judaica do Recife holandês — formada por pessoas nascidas e criadas no catolicismo ibérico e que só depois de certa idade 'retornaram' ao judaísmo — fizeram com que os cristãos-novos tivessem uma visão bastante complexa de sua própria identidade.

Essa condição torna-se compreensível ao se estudar o funcionamento da Santa Companhia de Dotar Órfãs e Donzelas Pobres, fundada em Amsterdã em 1615, e que também teve representantes no Brasil holandês a partir de 1639. No Brasil, os regulamentos dessa fundação caritativa apontam que não era necessário ser judeu praticante para fazer parte da “Gente da Nação”, uma vez que as jovens a serem ajudadas podiam morar “entre St. Jean- de- Luz e Dantzic, ou inclusive na França, nos Países-Baixos, na Inglaterra e na Alemanha”, e os patrocinadores da companhia, os próprios habitavam em qualquer parte do mundo. Isso evidenciou quem poderia participar.

Se considerarmos que à época os que podiam conformar a identidade da “Gente da Nação” ainda não podiam declarar-se abertamente judeus nem na França, nem na Inglaterra, por exemplo. Os regulamentos também indicam que os benfeitores deviam “pertencer à nossa Nação Hebraica, portugueses ou castelhanos, ou seus descendentes”, sendo aceitos em “linha masculina ou feminina”, o que contradiz as noções básicas de quem é ou não é judeu. Já em outras situações, a comunidade era mais estrita, adotando, contudo noções ibéricas de família e de honra e não as regras rabínicas.

Mesmo assim, as filhas de uma relação ilegítima só eram aceitas se o pai fosse da 'Nação', enquanto as filhas de uma judia com um não judeu não eram admitidas. Por outro lado, quando um recém-chegado da Península Ibérica se apresentava aos chefes da comunidade de Amsterdã para nela se integrar, normalmente fechavam-se os olhos para a presença de cristãos-velhas na sua genealogia, a menos que esta ascendência fosse muito notória ou recente (Feitler, 2019). Em resumo, para os judeus do Recife, podia tecnicamente ser membro da “Nação” qualquer pessoa que tivesse ao mesmo tempo uma origem ibérica e raízes judaicas, englobando então não só os judeus praticantes, mas também muitos católicos, sinceros ou não.

Os judeus de origem ibérica sentiam-se obrigados a fazer ‘retornar’ ao judaísmo aquelas pessoas vistas por eles e pela população cristã-velha como descendentes de judeus, devido aos estatutos de pureza de sangue e a ideologia racista que os estatutos subentendiam, como judeus, mesmo quando esses cristãos-novos, apesar da consciência de sua origem judaica, e mesmo que eles continuassem praticando o catolicismo. Em Pernambuco sob o domínio holandês, em uma sociedade compartimentada como a da época, não era concebida a existência de pessoas fora da esfera religiosa organizada, católica. Assim, em Portugal e nos

seus domínios, todos estavam condicionados a seguir sem desvios tudo o que fosse estabelecido pela Igreja Católica.

A presença do governo holandês no Recife criou uma situação inédita no Brasil colonial. Apesar de ser uma terra católica, a província de Pernambuco foi conquistada por protestantes que permitiram a prática do judaísmo na localidade. Desde a instalação da Inquisição na Espanha e em Portugal, ocorreram inúmeras vezes que a conversão religiosa podia não ser mais que confessável apenas através de uma mera aparência externa, tornando-se a fachada de uma identidade que sub-repticiamente ocorria em outro patamar que não o da estrita confissão de algum pertencimento religioso forçado.

O processo de retorno ao judaísmo de muitos Bnei Anussim ocorreu, portanto, não pela transformação do criptojudaísmo em judaísmo oficial, mas pela aceitação, por parte de cada indivíduo, de suas origens culturais judaicas e sua consequente integração à comunidade. “Qualquer influência social, econômica, familiar ou sentimental vinda de um grupo externo àquele a que certa pessoa pertencia, acabava por se transformar igualmente, pelo menos de maneira formal, em comunidade judaica oficial, encarnada no Nordeste holandês pela congregação Tzur Israel” (Feitler, 2019).

Ainda de acordo com este autor, durante o domínio holandês em Pernambuco, no processo de 'conversão ou retorno ao judaísmo' de Manoel Gomes Chacão, cristão-novo originário de Trancoso, em Portugal, e morador da Taquara, na capitania de Itamaracá, houve quem se aproveitasse da instabilidade vigente. Seus inimigos, formados na realidade pelos membros da família de sua mulher, devastaram várias vezes suas propriedades com a ajuda de soldados portugueses.

Assim, a fim de se proteger, Manoel Gomes mudou-se em agosto de 1642 para o Recife, juntamente com sua família. Ao chegar, os judeus que ali residiam logo trataram de persuadi-lo, assim como a sua esposa, Maria Soares de Liaõ e a seus filhos, João, que então teria entre doze e treze anos, e Francisco, com sete para oito anos. Diziam-lhes que, por serem cristãos-novos, eram obrigados a crer na Lei de Moisés e deveriam, então, abandonar a fé em Cristo. Para persuadi-los, mostravam-lhes passagens da escritura na Bíblia Sagrada, e entendiam os lugares da escritura que lhes traziam, onde continha que Deus dera a Lei de Moisés no Monte Sinai e que por ela obrara muitos milagres. Outros muitos trechos, dos quais, em particular, não se lembravam. O judeu que mais se esforçava para persuadi-lo era Isac Aboab. Nisto, gastaram os judeus até dez ou doze de dezembro, em que ele, confiante e persuadido das razões que eles lhe deram, parecendo-lhe melhor a Lei de Moisés que a Lei de

Cristo. De modo que Manoel Gomes decidiu apartar-se do catolicismo e passou a seguir a fé judaica.

Vale frisar que o primeiro motivo alegado pelos judeus era o fato de Manoel e sua família possuírem origem judaica e que só em seguida eles trouxeram à tona os detalhes religiosos e teológicos da questão. Outro importante fator para integrar Manoel Gomes à comunidade judaica foi o mesmo ter de se separar de sua mulher e filhos, que não quiseram acompanhá-lo nessa nova fase de sua existência. Manoel Gomes foi finalmente circuncidado no dia 25 de março de 1642. No entanto, um ano após sua circuncisão, Manoel Gomes decidiu retornar ao catolicismo. Durante uma visita à Taquara, onde havia morado com sua família, foi movido pelas repreensões e questionamentos feitos por seus amigos por ter abandonado a fé cristã. Ao perceber que sua esposa e filhos permaneceram no catolicismo, e que seu filho mais velho, João, havia retornado à mãe quatro dias após sua separação, Manoel refletiu sobre suas escolhas. “Arguido por sua consciência e reconhecendo o erro em que estava, decidiu abandonar novamente a Lei Mosaica e retornar à fé cristã” (Feitler, 2019).

O conflito identitário vivido por Manoel resolveu-se em detrimento de sua identidade judaica: no seu caso, o reflexo do modo como era visto pela sociedade e em favor da identificação mais estrita e emocional, vivida no âmbito local e familiar. Desse modo, a existência de uma “Nação” judaico-portuguesa, noção social com uma forte conotação identitária, implicou tanto da parte dos seus membros quanto da parte dos que não participavam dela (os cristãos-velhos), numa aceitação de uma diferença religiosa que, teoricamente, distinguia as pessoas entre as individualidades judias e cristãs. Embora na prática isso não ocorresse, pois uma boa parte das pessoas da “Nação” judia ou cristãos-novos para os católicos era na realidade católica.

Daí se inferindo que se os portugueses cristãos-velhos podiam aceitar a existência de um cristão-novo católico, ainda que com restrições e preconceitos quanto à sinceridade desse catolicismo, o mesmo não ocorria com as pessoas da 'Nação', que praticavam o judaísmo, seja abertamente ou às escondidas. “Para estes, era natural que toda pessoa da “Nação” deixasse as “terras de idolatria” para as “terras de liberdade” para cumprir seu destino sob a Lei Mosaica. Na Holanda ou em Hamburgo, Veneza, etc., os judeus tinham poucos meios para influenciar as pessoas da “Nação” que viviam no mundo ibérico e boa parte daqueles que partiam para as “terras de liberdade” o faziam predispostos a voltar ao judaísmo”, aponta Bruno Feitler. Durante o Brasil holandês a situação tornou-se muito diferente, pois os judeus encontravam sua “matéria prima” no próprio local onde moravam.

Os judeus provenientes da Holanda precisaram se mobilizar para cumprir sua missão, isto é, adotar estratégias para ajudar aqueles que desejavam reintegrar-se ao judaísmo, como a distribuição de livros. Além disso, recorreram a métodos menos tradicionais e mais incisivos, influenciando a opinião da população cristã-velha, para persuadir correigionários que, mesmo pertencendo à 'Nação', nem sempre estavam dispostos a abandonar a fé cristã e o catolicismo. Dessa forma, a missão judaica dos Países Baixos nas terras de Pernambuco só podia ter obtido resultados contrastados, muito mais incertos que os que se podem observar na Europa, onde existia, segundo as épocas, uma contestação ao *establishment* sinagoga e onde não foram raras as conversões ao cristianismo.

A facilidade com que os homens cruzavam as fronteiras religiosas no Brasil holandês — algo menos acessível para as mulheres — permitiu que muitas pessoas, mesmo aquelas que não eram judaizantes e não pretendiam viajar para as 'terras de liberdade', vivenciassem um retorno à sua judaicidade. Em alguns casos, os Bnei Anussim se adaptaram, e a missão judaica obteve sucesso.

Mas, por vezes, essa missão não obteve o efeito desejado, pois certas pessoas acabaram por preferir permanecer no seio da fé Cristã, mesmo praticando ritos judaicos. E outras quiseram voltar à situação anterior, abandonando as práticas, ou, em todo caso, abandonaram o modo de vida judaico para retornarem ao catolicismo. Esse tipo de conflito identitário repetiu-se várias vezes ao longo do período, resultando em conversões e reconversões de cristãos-novos entre o judaísmo e o catolicismo.

Contudo, essas não foram as únicas consequências da influência da comunidade judaica oficial sobre os cristãos-novos: certas pessoas que formam na verdade o grupo mais conhecido, integraram completamente a comunidade, partindo em seguida, em 1654, com a vitória final dos luso-brasileiros sobre os holandeses, para lugares onde o judaísmo era permitido. Outras pessoas – e esse é o grupo mais difícil de discernir – ficaram o tempo todo à margem, recebendo certas influências dos judeus, convivendo com eles, mas sem se desligar de modo tão radical quanto aqueles que se fizeram circuncidar da sociedade em que viviam antes da conquista holandesa.

Assim ocorreu, por exemplo, com a família Valença Caminha, moradora em terras do engenho Salgado, em Ipojuca, sul de Pernambuco. Pedro da Costa Caminha e as chamadas “as Valenças”, isto é, sua mãe, avó, tias e primas, apesar do contato com os judeus, jamais integraram a comunidade judaica. Em relação às Valenças, aquelas irmãs recebiam judeus para a celebração do Shabat em sua casa e essa convivência certamente modificou a sua prática do judaísmo, sem, entretanto provocar um conflito identitário. Uma denúncia de um

vizinho das Valenças mostra como elas incorporaram essa influência: “indo ele testemunha a casa” das ditas mulheres por muitas vezes achou a uma delas lendo por um livro maneiro menor que um Breviário de quarto, e as outras muito atentas escutando, e quando ele testemunha chegava, elas se escondiam com muita pressa por isso ele testemunha não chegou a ver a forma do livro, se era de Letra demão, se impressa, nem pôde nunca distinguir se a reza era em Latim se em português, ou em que Língua, e sabe ele tá testemunha, que se recolhiam em sua câmara e outras vezes em um eirado alto lavando primeiro as mãos (...).

E falando ele com elas muitas vezes na matéria da Confissão as viu zombar e dizer que o que uma vez diziam em uma confissão diziam em todas as mais, e estando doentes como as ele testemunha viu muitas vezes jamais as ouviu chamar pelo nome de Jesua nem fazer autos porque se mostrassem serem cristãs, e que morando ele testemunha junto a elas em um partido de canas e vindo a ouvir missa lhe diziam elas para que se cansava em ir ouvir missa dizendo-lhe: como anda Vossa Mercê enganado. E destas circunstancias, e de lhe haver dito a mulata com quem andava (e que era da casa) que elas eram judias, e que quando lia uma o livro se levantavam todas e logo se tornavam a sentar, e ele consigo formou guizo perfeito de que as mesmas eram judias e por tais as tem. “Pedro da Costa Caminha foi o único membro masculino conhecido da família Valença e também manteve contato com judeus, tanto em Ipojuca quanto no Recife, onde tinha acesso a livros judaicos emprestados”.

No entanto, em seu caso, um conflito interno tornou-se evidente, pois ele não se sentia tão à vontade com os judeus quanto às mulheres de sua família e buscava esconder dos outros a influência religiosa que recebia. Sua recusa à circuncisão revelava sua intenção de continuar vivendo em suas terras da várzea do Paraíba da mesma forma, mesmo sob o domínio português e católico. Não houve, nesse caso, um conflito identitário, mesmo se uma das filhas de Ambrósio chegou a se casar com um membro influente da comunidade de Recife, o famoso Baltazar da Fonseca, construtor da ponte entre Recife e Antônio Vaz, que veio a falecer como judia provavelmente na Holanda. “Entretanto, como no caso das irmãs Valenças, a missão judaica influenciou o modo como a família paraibana vivenciava suas crenças e sua identidade, sem, entretanto, integrá-la efetivamente à comunidade oficial, pondera Bruno Feitler.

“Nos dois tipos de casos aqui analisados, podemos perceber que, tanto num caso como noutro, os cristãos-novos certamente se identificavam com os judeus, incluindo-se assim no largo espectro das “pessoas da Nação”, mas isto ocorreu ao mesmo tempo em que outros elementos identitários vieram frear ou inverter o processo de integração ao judaísmo, processo que, vale lembrar, era visto pelos judeus como um retorno. Certas vezes, esses contatos entre judeus e cristãos-novos causaram conflitos de identidade, provocando indecisões e reviravoltas, como no

caso de Manoel Gomes Chacão. Em outros casos, como no das Valença ou da família de Ambrósio Vieira, esses contatos acabaram por revelar a originalidade dos seus sentimentos, o que produziu, por sua vez, além das tensões e do conflito, a consciência de uma nova dimensão identitária que transcendia o fator religioso, e que não se moldava completamente nem no catolicismo nem no judaísmo. Outro exemplo da mesma firmeza criptojudáica das irmãs Valença repete-se em outro grupo de cristãos-novos. Ambrósio Vieira foi plantador de cana nos arredores da Paraíba, assim como seu genro Manoel Rodrigues da Costa e seu sobrinho e futuro genro João Nunes do Paço, frequentavam os judeus instalados na cidade da Paraíba, acompanhando o culto através de livros em espanhol e chegando até a participar da vida comunitária. Ambrósio havia doado uma pequena parcela de cana de açúcar numa coleta feita em benefício dos judeus pobres da Holanda” (Feitler, 2019, p. 26).

METODOLOGIA

Quanto à metodologia utilizada nesta dissertação, em relação à pesquisa, os dados apresentados foram coletados por meio de pesquisas bibliográficas em livros, revistas especializadas e em materiais audiovisuais (fotografias, filmes e vídeos). Nestes, foram buscados elementos que traçam o deslocamento desses descendentes dos cristãos-novos, Bnei Anussim, pelo Estado de Pernambuco e as características que identifiquem esses grupos. Além da pesquisa bibliográfica e do material disponibilizado sobre o assunto (vídeos, filmes, reportagens, etc.), este trabalho utilizou um questionário realizado pelo Rabino Abraham Deleon-Cohen, da *Rabbi At Abarbanel Foundation*, sediada em Miami, Flórida, Estados Unidos. Esse questionário, aplicado no ano de 2017, serviu de base para a identificação de uma parcela dos Bnei Anussim (filhos dos forçados, em hebraico), estabelecidos em Pernambuco. A tradução do questionário, anexada às diretrizes e aos programas de levantamentos genealógicos, também foi utilizada de modo complementar, visando identificar esses referidos Bnei Anussim.

Parte da pesquisa documental, além da realizada nos arquivos da Torre do Tombo, em Portugal (via online), também foi efetuada nas sinagogas locais, como a Sinagoga Beit Chabad, o Centro Israelita de Pernambuco, a Sinagoga Martins Júnior e nos cemitérios judaicos da Comunidade Israelita de Pernambuco, localizado no bairro do Curado, no Recife, e, igualmente, onde existem arquivos comprobatórios desses vínculos de identidade e pertença que ligam esses indivíduos Bnei Anussim e seus ascendentes familiares à tradição judaica. Esses dados e informações contribuíram para a comprovação.

O questionário utilizado pelo Rabino Abraham Deleon Cohen, realizado no ano de 2017, foi utilizado junto a vinte famílias pernambucanas, as quais responderam entrevistas semiestruturadas no modelo de grupos focais, possibilitando o levantamento dos comportamentos mais recorrentes e identificando o padrão de comportamento do Bnei Anussim pernambucanos. As entrevistas foram na modalidade presencial.

Desse modo, o capítulo 1 trata da presença Bnei Anussim no Nordeste, Identidade e Pertencimento: antecedentes históricos. Para um melhor entendimento acerca da presença dos Bnei Anussim no Nordeste do Brasil e no município de Caruaru que está localizado no agreste pernambucano, é fundamental adentrar-se no contexto histórico e social que levou à sua existência na Península Ibérica e Inquisição portuguesa que perseguiu os judeus e os obrigou a se converterem ao cristianismo.

Entretanto, ao longo da história, muitos judeus convertidos à força, conhecidos como Bnei Anussim ou marranos, foram responsáveis pelo fenômeno conhecido como Diáspora Sefardita, relacionada diretamente com a expulsão dos judeus que anteriormente habitavam Portugal e Espanha forçados a saírem daquelas localidades e obrigadas a se espalharem pelos vários continentes.

No Brasil, muitos dos descendentes daqueles judeus fugidos de Portugal continuaram a praticar secretamente o judaísmo, ou mesmo, devido às perseguições que sofriam, resquícios de práticas judaicas reunidas em torno do termo práticas criptojudaicadas, transmitindo suas tradições e rituais através das gerações. Na região Nordeste do Brasil, fortemente colonizada por Portugal, os Bnei Anussim (filhos dos forçados, em hebraico), conseguiram preservar sua identidade Bnei Anussim ou marrana, apesar dos riscos associados à intolerância religiosa e de todas as perseguições daí decorrentes.

No capítulo 2 é abordado o marco teórico para os termos Identidade e Pertencimento: Entre identidades judaicas e criptojudaicadas. As identidades judaicas conformam-se exatamente ao cânone da denominada Lei Mosaica e abrange populações que se estendem pela Europa Oriental e a Ásia, através dos povos asquenazes (habitantes da Alemanha Oriental, Rússia e Polônia, por exemplo). Quanto aos de descendência ibérica, os denominados judeus sefarditas (provenientes de Portugal e Espanha), que partiram devido à Inquisição promovida pela Igreja Católica entre os séculos XII e XV, para habitarem os países baixos, os países do levante, a costa africana e as Américas, por conseguinte. Há também os judeus de origem etíope (falachas) e os demais subgrupos que floresceram a partir da Diáspora provocada a partir da destruição do Segundo Templo e da destruição também da cidade de Jerusalém, no Ano 70 d.C. ambos os eventos foram provocados pela invasão e domínio do exército romano à Terra Santa.

Assim, desde a destruição do segundo templo pelos romanos, levas de judeus começaram a povoar a Península Ibérica e por ocasião da instalação das Inquisições ocorridas na Espanha e Portugal, os judeus sefarditas tiveram de fugir ou de se converterem ao catolicismo. O termo cristãos-novos refere-se aos descendentes dos judeus de origem ibérica, sefardita, que foram expulsos de Portugal e Espanha, devido à instalação dos respectivos Tribunais da Inquisição instalados naqueles países, durante a Idade Média.

Os judeus de origem sefardita que foram obrigados a se converter ao catolicismo continuaram levando muitos de seus usos, costumes e tradições, e mesmo convertidos ao Cristianismo em quando foram denominados de cristãos-novos, e também seus descendentes, os Bnei Anussim, ou ‘filhos dos forçados’, em hebraico, continuaram preservando muitos

hábitos e costumes dos seus ancestrais que seguiam a religião Mosaica. Muitos judeus já na condição de cristãos-novos vieram para o Brasil, durante a época do seu descobrimento, povoando principalmente a Região Nordeste.

Ainda neste capítulo é estudada a forma pela qual se deu a trajetória dos Bnei Anussim no Nordeste brasileiro, a qual apresenta elementos e situações dinâmicas e complexas e que possui muitos aspectos, pois, se por um lado, muitas dessas populações comunidades são descendentes de judeus convertidos à força. No entanto, muitas das práticas religiosas de seus ancestrais lhes foram transmitidas de geração em geração, mesmo sendo criado numa sociedade predominantemente católica, o que ocasionou um impacto significativo em suas crenças e práticas culturais. Desse modo, este capítulo explora como os Bnei Anussim transitam na verdadeira dualidade de suas identidades e com eles desenvolvem seu próprio senso de identidade e de pertencimento dentro de suas famílias e junto às propostas demais comunidades.

No capítulo 3 discute-se acerca da presença contemporânea e sobre o reconhecimento dessas comunidades Bnei Anussim hoje remanescente por todo o país e notadamente com forte presença no Nordeste brasileiro. Nos dias atuais, a presença dos Bnei Anussim no Nordeste do Brasil e em Pernambuco vem conseguindo lentamente, tanto o seu próprio lugar de fala quanto o seu mesmo reconhecimento. Isso ocorre à medida que os Bnei Anussim se tornam mais conscientes de sua herança, identidade e pertencimento judaico. Historicamente, percebe-se um movimento crescente para recuperar sua fé ancestral e reconectar-se com a comunidade judaica global. Este capítulo examina os esforços dos Bnei Anussim para reviver as práticas judaicas e estabelecer conexões com as principais organizações e comunidades judaicas.

Também explora o desafio que eles enfrentam para obter reconhecimento como judeus e as maneiras pelas quais buscam promover e interagir sua identidade com o restante dos indivíduos que formam a sociedade mais ampla. Por fim, apresentamos as nossas considerações finais abordando a condição da presença dos Bnei Anussim ou marranos e criptojudéus no Nordeste do Brasil e particularmente na região rural de Caruaru, trazendo um sentido de atualidade quanto à importância e a centralidade do tema, tanto da identidade e do pertencimento dessas comunidades, quanto acerca da continuidade de sua luta por se inserir novamente no campo da religiosidade dos seus antepassados judeus.

Através do estudo sistemático de seu contexto histórico e social, sua identidade e pertença esta dissertação lançou luz sobre suas experiências e os desafios que enfrentam medida que a consciência e o reconhecimento dos Bnei Anussim continuam a crescer, torna

crucial e a sociedade mais ampla melhor lhes compreenda a sua luta e sua causa política em torno do pleno reconhecimento de sua etno- historicidade e, desse modo, também consiga fornecer-lhes apoio em sua jornada para recuperarem os Bnei Anussim sua efetiva judaicidade.

1 JUDEUS E CRIPTOJUDEUS

1.1 Judeus: da Península Ibérica para o Brasil

Nos séculos XVI e XVII, a Península Ibérica foi cenário de grande perseguição aos judeus que culminou com a expulsão das comunidades judaicas de Portugal (1497) e da Espanha (1492). Muitos judeus optaram por se converter ao catolicismo para evitar a expulsão, no entanto, continuaram a praticar o judaísmo em segredo, tornando-se conhecidos como criptojudéus.

Com o decorrer do tempo, muitos criptojudéus deixaram a Península Ibérica e se estabeleceram em outras partes do mundo, incluindo o Brasil. As terras recém-descobertas do Brasil, por sua vez, estavam passando por um período de colonização e precisavam de mão de obra para a produção de açúcar. Muitos criptojudéus, por sua experiência comercial e habilidades em áreas como a produção açucareira, encontraram espaço para se estabelecer nas colônias portuguesas, incluindo o Brasil.

A expulsão da Espanha e de Portugal marcou o fim de uma era para a comunidade judaica na Península Ibérica, pois muitos judeus sefarditas, judeus da Espanha e de Portugal, optaram por se converter ao cristianismo para evitar a expulsão ou perseguição. Mesmo assim, muitos desses convertidos, conhecidos como Bnei Anussim (filhos dos forçados, em hebraico), conversos ou marranos, continuaram praticando o judaísmo secretamente.

A palavra *Sefarad* é um termo que se refere à Península Ibérica, especialmente a Espanha e Portugal, na tradição judaica. A comunidade judaica está estabelecida na Península Ibérica desde os tempos antigos, com evidência de sua presença data do século III a.C. De modo que, durante séculos, os judeus desempenharam papéis marcantes na cultura, economia e política da Região. Em 1492 ocorreu um importante evento que causou um impacto profundo na história judaica em Portugal e Espanha. Os reis católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castela promulgaram o Decreto de Alhambra, ordenando a expulsão dos judeus da Espanha. Assim, os judeus foram forçados a se converter ao cristianismo ou deixar o país.

A Inquisição, estabelecida na Espanha em 1478, foi responsável pela perseguição e tortura de muitos judeus convertidos, suspeitos de praticar sua antiga religião. Quanto à expulsão dos judeus de Portugal em 5 de dezembro de 1496, Manuel I decretou a expulsão de todos os judeus que não se convertessem ao catolicismo. Alguns partiram, mas quando a política entrou em vigor, Manuel I hesitou e até tentou retardar a partida dos judeus.

Em 1492 o decreto dos reis católicos D. Isabel e D. Fernando rompeu com uma longa tradição de permanência dos judeus em Castela, Leão e Portugal. O édito foi publicado a 31 de Março: os judeus de Castela e de Aragão foram obrigados a se converterem ao Cristianismo sob pena de serem expulsos de Espanha num prazo máximo de quatro meses. Após a expulsão, muitos judeus sefarditas se dispersaram por todo o mundo. Alguns se estabeleceram em países europeus, como nos Países Baixos, enquanto outros foram para o norte da África, Oriente Médio, América Latina e outras partes do mundo. Os sefarditas mantiveram sua identidade e tradições culturais ao longo dos séculos, preservando o ladino, uma variante do espanhol medieval com influências do hebraico e de outras línguas.

Além disso, música, culinária e tradições religiosas sefarditas são elementos importantes dessa mesma herança cultural. Nas últimas décadas, houve um ressurgimento do interesse pela herança sefardita, especialmente entre as comunidades judaicas da diáspora sefardita e seus descendentes. Muitos judeus sefarditas têm buscado o reconhecimento de sua cidadania espanhola ou portuguesa, como uma forma de restaurar uma conexão com suas raízes históricas. Em 2015, o governo espanhol esperava estabelecer uma lei que concedia a nacionalidade espanhola a descendentes de judeus sefarditas expulsos em 1492, desde que pudessem comprovar sua ascendência e demonstrar sua conexão com a Espanha.

Essa iniciativa foi uma tentativa de reparar historicamente as consequências da expulsão dos judeus sefarditas da Espanha. Sefarad representa uma parte significativa da história judaica e do legado cultural na Península Ibérica. Em relação às questões de intolerância religiosa sob a condição criptojudaica, o Período Medieval foi marcado pela perseguição religiosa, quando a Igreja Católica procurou eliminar quaisquer influências não cristãs na Europa. Muitos judeus foram obrigados a se converter ao cristianismo, optando por fazê-lo para escapar da perseguição.

Apesar de sua conversão externa, porém, esses indivíduos e seus descendentes mantiveram secretamente os costumes e tradições judaicas, repassando-os até as gerações atuais. Obrigados à conversão forçada, os judeus sefarditas se depararam com a expulsão da Espanha e de Portugal, nos séculos XIV e XV. Seus descendentes, os Bnei Anussim representam um grupo único dentro da diáspora judaica, uma vez que a sua identidade judaica foi escondida e sufocada por séculos.

Diversas vezes os seus antepassados foram forçados a praticar sua religião de modo oculto, muitas vezes com medo de serem descobertos pelos seus vizinhos Cristãos-velhos e de, assim, serem entregues às autoridades inquisitoriais. Como consequência disso, os Bnei Anussim desenvolveram práticas e tradições distintas e muitas vezes sincréticas, que

misturavam elementos do judaísmo e do cristianismo, incorporando usos, rituais e costumes judaicos em sua adoração cristã. Nas últimas décadas, tem havido um movimento crescente entre os Bnei Anussim para reivindicar sua identidade judaica. Com a diminuição das restrições religiosas, os avanços em genealogia e testes de DNA, muitos indivíduos e famílias começaram a descobrir e explorar suas raízes judaicas.

Desse modo, atualmente, os Bnei Anussim procuram se reconectar com a comunidade judaica oficialmente constituída, seja por meio da conversão ou do retorno ao judaísmo, participando abertamente de rituais e tradições judaicas. O reavivamento dos usos e das tradições sefarditas desde sempre bastante praticadas no Nordeste e particularmente nos Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba ressurge e gera discussões e debates dentro da sociedade mais ampla e no seio da própria comunidade judaica sobre o *status* dos Bnei Anussim e seu lugar no mundo judaico contemporâneo.

A trajetória dos indivíduos, famílias e comunidades Bnei Anussim reflete um processo de construção identitária baseado em memórias, práticas e na firme determinação de preservar sua herança cultural e religiosa. Essa resiliência se manteve viva mesmo diante de séculos de perseguição e intolerância religiosa. As inquisições da Espanha e de Portugal desempenharam um papel significativo na trajetória da Diáspora sefardita, especialmente na história dos seus principais personagens: os Bnei Anussim.

Essas inquisições forçaram os judeus a se converterem ao cristianismo sob ameaça de expulsão ou morte, levando à criação de comunidades criptojudais em várias cidades por onde se estendeu o ciclo das grandes navegações e a descoberta do Novo Mundo. As inquisições espanhola e portuguesa, instituídas pelos monarcas católicos Fernando e Isabel, e posteriormente por Manuel I de Portugal, tinham o objetivo de extinguir qualquer vestígio de judaísmo na Península Ibérica,.

. Inúmeros judeus, temendo por suas vidas e pela segurança de suas famílias, escolheram converter-se ao Cristianismo. Não raramente, muitas daquelas conversões não eram sinceras, mesmo quando aqueles convertidos, cristãos-novos, eram submetidos a intensa investigação e suspeita pelas autoridades católicas que buscavam descobrir qualquer evidência de práticas remanescentes de seu anterior credo mosaico, o que culminou no estabelecimento dos tribunais da Inquisição, que possuíam autoridade para investigar e processar os suspeitos de praticar o judaísmo em segredo.

Os tribunais da Inquisição possuíam várias maneiras de identificar os criptojudeus, entre elas, incluíam-se a vigilância, o uso de informantes, denunciadores e torturas. Os que eram considerados culpados de praticar o judaísmo ocultamente eram frequentemente

submetidos a punições severas que incluíam a prisão, o confisco de propriedade e até a morte. Foi apenas no final do século XX que os descendentes dos Bnei Anussim começaram a reivindicar publicamente a sua herança judaica, o que levou a um renascimento do interesse por sua história e cultura. Os tribunais da Inquisição empregaram métodos brutais para identificar e punir os suspeitos de praticar o judaísmo secretamente. Apesar dos riscos, os Bnei Anussim conseguiram preservar sua herança judaica em segredo e, recentemente, começaram a recuperar sua identidade.

1.2 Os judeus no Nordeste (Bnei Anussim ou marranos)

A história criptojudáica ou marrana trata-se de um relato de simulação e de ocultamento até da natureza estrita de sua verdadeira identidade. Muitos Bnei Anussim mantiveram secretamente as práticas e crenças judaicas, passando-as de geração em geração, mesmo apesar da conversão forçada imposta aos judeus ibéricos pela Igreja Católica, na Idade Média. A preservação clandestina da identidade judaica foi uma prova de fé, resiliência e determinação em manter viva a herança judaica. Durante séculos, os Bnei Anussim sofreram perseguições e enfrentaram denúncias sob o olhar vigilante da Inquisição, que buscava erradicar qualquer indício ou vestígio de práticas judaicas entre os convertidos.

Os Bnei Anussim no Nordeste brasileiro desenvolveram inúmeras estratégias para esconder sua identidade judaica, praticando os seus hábitos e as suas tradições religiosas em segredo, misturando-os com rituais cristãos para evitar suspeitas. A condição de dupla identidade religiosa permitiu-lhes manter a conexão com o Judaísmo, enquanto aderiam externamente ao Cristianismo. Apesar dos riscos, conseguiram preservar sua identidade judaica e transmiti-la de geração em geração. Nos últimos anos, houve um ressurgimento do interesse entre os Bnei Anussim em recuperar sua herança judaica. Por meio de pesquisas genealógicas, testes de DNA e participação nos rituais e nas tradições judaicas, muitos Bnei Anussim conseguiram redescobrir e reacender sua identidade mosaica.

Essa jornada de autodescoberta e reconexão com a herança judaica permitiu aos Bnei Anussim recuperar parte de sua história, perdida há séculos devido à perseguição promovida pela Igreja Católica contra eles e seus antepassados ibéricos.. O fenômeno dos Bnei Anussim testemunha o poder da identidade e do pertencimento, caracterizando a formação cultural e delineando a constituição de grupos e comunidades no percurso de sua historicidade.

Apesar de séculos de perseguição e conversão forçada, os Bnei Anussim conseguiram preservar sua herança judaica em segredo. Sua capacidade de se adaptar e de ser resiliente em

ambientes hostis tornou-se, de fato, uma prova de sua determinação em manter sua identidade. Por meio de sua jornada de redescoberta e ressignificação de sua historicidade, os Bnei Anussim não apenas recuperaram sua identidade judaica, mas também contribuem, inclusive, para uma melhor compreensão acerca da história e judaicas no Brasil.

O Tribunal do Santo Ofício foi criado pela Igreja para investigar e punir crimes de heresia contra a fé católica. Ele foi instituído pelo Papa Gregório IX em 1233, com o intuito de investigar as heresias dos cátaros, também chamados de albigenses. Esse Papa entregou o funcionamento do Tribunal à Ordem dos Padres Dominicanos, fundada por São Domingos.

As principais vítimas do Tribunal do Santo Ofício também no Brasil foram os cristãos-novos, os judeus convertidos ao cristianismo na Península Ibérica durante os séculos XIV e XV. A primeira visitação do Tribunal do Santo Ofício ao Brasil deu-se no ano de 1591. Os visitantes do Santo Ofício estiveram em Pernambuco e na Bahia com o objetivo de verificar as suspeitas de atividades heréticas nessas localidades.

No Brasil colonial, os visitantes do Santo Ofício se concentraram no Nordeste, devido a uma forte presença de cristãos-novos e uma enorme concentração populacional e à abundância de riquezas. O visitador Heitor Furtado de Mendonça foi encarregado de inspecionar a conduta dos fiéis e investigar crimes contra a fé, como sincretismos e práticas judaizantes, bem como crimes contra a moral, como sodomia e práticas homossexuais. O Tribunal do Santo Ofício foi extinto no ano de 1821 em Portugal e em 1834 no Brasil. Em Pernambuco, a visitação do Santo Ofício ocorreu entre 1593 e 1595. Após chegar em Recife o visitador Mendonça estabeleceu os órgãos e fez as promulgações em Olinda e em alguns outros locais e paróquias similares às realizadas na Bahia.

1.3 Identidade e Pertencimento

Para a compreensão dos temas Identidade e Pertencimento, a dissertação busca apoio teórico nos seguintes autores: Bronisław Malinowski (1884-1942), antropólogo britânico considerado um dos fundadores da antropologia funcionalista, por meio da escola de pensamento que enfatiza a importância da função das instituições sociais na manutenção da coesão social. Além disso, Ruth Benedict (1887-1948), antropóloga americana conhecida por seus estudos sobre cultura e personalidade, através de seu livro "Padrões de Cultura" (1934), argumenta que a cultura molda a personalidade dos indivíduos. Clifford Geertz (1926-2006), conhecido por seus estudos sobre cultura e interpretação, argumenta em seu livro "A Interpretação das Culturas" (1973) que a cultura é um sistema de símbolos que dá sentido ao

mundo. Além disso, Stuart Hall (1932-2014), sociólogo britânico e um dos fundadores da escola de estudos culturais de Birmingham, argumenta em seu livro "Identidade Cultural na Pós-Modernidade" (1992), argumenta que a identidade é uma construção cultural que está sempre em mudança.

Fundamentando ainda as questões de identidade e pertencimento, a dissertação buscou apoio na Escola dos Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), instituição de ensino superior e pesquisa nas ciências sociais localizada em Paris na França, fundada em 1947. As noções de identidade e pertencimento são temas centrais nos estudos da EHESS. Vários autores da escola se dedicaram a essas questões, entre eles: Pierre Bourdieu que foi um sociólogo francês que desenvolveu uma teoria da ação social baseada no conceito de *habitus*. Segundo ele, o *habitus* é um sistema de disposições sociais que é adquirido pelos indivíduos ao longo de suas experiências de vida e que influencia suas ações e percepções. Bourdieu também explorou as relações entre identidade e poder, argumentando que as identidades são construídas em relação a outras identidades e que são usadas para justificar a desigualdade social.

Também pela mesma EHESS, Michel Foucault se interessou pelas relações entre poder e conhecimento. Sua argumentação é a de que o conhecimento não é neutro, mas sim produzido por relações de poder. Foucault igualmente explorou as relações entre identidade e discurso, argumentando que as identidades são construídas por meio de discursos que são hegemônicos em uma determinada sociedade.

Os trabalhos desses e de outros autores da EHESS e os advindos também do contexto anglo-saxão tiveram um grande impacto no estudo da identidade e do pertencimento. Eles ajudaram a mostrar que essas noções são construções sociais que são produzidas e mantidas por meio de relações de poder e conhecimento. Também eles mostraram que as identidades são fluidas e mutáveis e que podem ser transformadas por meio de ações e discursos.

Em relação ao conteúdo da dissertação, além de estarem relacionados com as definições teóricas que envolvem as terminologias identidade e pertencimento, as interpretações dos termos marrano e criptojudaísmo estão historicamente relacionados e se referem a um período específico compreendido como o da Diáspora Sefardita, o período da expulsão dos judeus da Espanha e Portugal na história judaica. Embora o termo marrano seja considerado ofensivo por muitas pessoas de origem judaica, pela sua carga histórica negativa e pejorativa, torna-se essencial abordar o tema criptojudaísmo com sensibilidade e respeito à história e às experiências das comunidades judaicas envolvidas. Marrano, porco, é um termo pejorativo usado para se referir aos judeus forçados a converter-se ao cristianismo na

Península Ibérica, durante a Inquisição Espanhola e a Inquisição Portuguesa, que ocorreram entre os séculos XV e XVII.

As conversões forçadas geralmente levaram a uma perda significativa da identidade judaica, quando não muitas vezes eram seguidas pela assimilação completa no catolicismo. Porém, muitos judeus convertidos continuaram a praticar o judaísmo em segredo, dando origem ao criptojudaísmo. O criptojudaísmo refere-se à prática clandestina do judaísmo por parte dos Bnei Anussim, os filhos dos judeus forçados a se converterem ao Cristianismo e seus descendentes. Essas pessoas mantinham as tradições judaicas em segredo, muitas vezes em suas próprias casas, temendo perseguição e punição pela Inquisição, caso fossem descobertas.

O criptojudaísmo envolvia a observância de rituais e práticas judaicas em segredo, como a celebração do *Shabat*, a prática da circuncisão, a observância das festas judaicas e a manutenção de uma dieta baseada nos preceitos mosaicos. Os criptojudeus resistiram a enormes desafios para conseguirem preservar sua identidade e práticas religiosas sob o manto de toda forma de dissimulação. A Inquisição foi implacável em sua busca por judeus convertidos que continuavam a praticar o judaísmo, punindo severamente aqueles que eram descobertos. Muitos criptojudeus foram presos, torturados e até queimados vivos pela Inquisição. Apesar dos inúmeros riscos envolvidos, o criptojudaísmo continuou em algumas comunidades na Península Ibérica e também no Brasil, durante várias gerações.

Após o término da Inquisição, alguns Bnei Anussim optaram por abandonar suas práticas secretas e retornar abertamente ao judaísmo, enquanto outros mantiveram suas tradições em segredo por mais tempo. Hoje, existem comunidades de descendentes de marranos e criptojudeus que estão redescobrando suas raízes judaicas e buscando preservar sua identidade e o seu pertencimento com o judaísmo de forma aberta e livre. Muitos daqueles primeiros portugueses que chegaram ao país foram cristãos-novos fugindo da Inquisição e estavam na busca por uma maior liberdade religiosa. Pois em Portugal, mesmo após a conversão, eles eram constantemente vigiados e suspeitos de praticarem o judaísmo em segredo. No entanto, mesmo obrigados a se converter, muitos desses judeus e seus descendentes continuaram praticando secretamente sua fé, e, por parte dos chamados cristãos-velhos, os que já praticavam o Cristianismo, receberam a pejorativa denominação de marranos ou “porcos”, devido à abstenção do uso da carne suína pelos judeus, em alusão ao não consumo da carne de porco, conforme estabelecida pela Lei Mosaica.

Por meio da expansão marítima realizada por Portugal e Espanha, muitos cristãos-novos buscaram se abrigar no Brasil que era uma colônia promissora e distante das

perseguições promovidas pela Inquisição. Para entender melhor esse período da história brasileira, é importante mencionar a contribuição de dois renomados professores: Anita Novinsky (2004) e Freyre (1986). Novinsky (2014), nascida em 1927, é uma das principais referências nos estudos sobre os cristãos-novos no Brasil, ao dedicar-se à pesquisa sobre a Inquisição e os processos inquisitoriais envolvendo os cristãos-novos. Também Freyre (1986), ele mesmo descendente dos cristãos-novos aportados em Pernambuco, aborda a presença dos judeus sefarditas na formação da sociedade brasileira, a partir da miscigenação ocorrida no país, entre portugueses, indígenas e africanos.

Embora não tenha se dedicado exclusivamente ao estudo dos cristãos-novos, Freyre trouxe à tona a diversidade cultural que marcou o Brasil e ressaltou a contribuição desses judeus convertidos na formação do Nordeste. Assim, ambos, Novinsky e Freyre trouxeram à tona a importância dos cristãos-novos na formação da sociedade brasileira. O início dos primeiros povoamentos promovidos pelos cristãos-novos ao Brasil não foi fácil. Além de enfrentarem as dificuldades inerentes a uma nova colônia, também tiveram que lidar com a desconfiança e a perseguição por parte dos seus próprios vizinhos cristãos-velhos e também por parte das autoridades coloniais. Embora a Inquisição não atuasse oficialmente no Brasil, ela possuía influência sobre as Capitânicas Hereditárias. Os cristãos-novos viviam constantemente com medo das denúncias e de serem levados a julgamento pela Inquisição.

Muitos cristãos-novos se dedicaram ao comércio, à medicina, à tecnologia e à advocacia, contribuindo para o desenvolvimento econômico e cultural do país. Além disso, foram responsáveis pela introdução de novos costumes e tradições que enriqueceram a diversidade cultural nacional. A identidade dos cristãos-novos é um fenômeno complexo. Durante o período do Brasil-Colônia, eles viviam em constante conflito interno, tentando conciliar sua fé judaica com a religião oficial do país. Muitos continuaram praticando secretamente o judaísmo, mesmo sob o risco de serem denunciados e punidos. Essa dualidade de identidade foi transmitida de geração em geração, o que resultou numa característica e particular herança cultural que ainda pode ser observada nos dias de hoje.

Infelizmente, a história dos cristãos-novos no Brasil ainda é pouco conhecida ou discutida pela maioria da população, pois muitos brasileiros desconhecem quase que completamente a importância dos judeus ibéricos e dos seus descendentes cristãos-novos na formação da identidade nacional.

É graças aos estudos de intelectuais e professores como Novinsky (2014) e Freyre (1986) que essa história está sendo discutida e é apresentada. Somente a partir do século XX passou-se a compreender melhor a presença dos descendentes dos judeus ibéricos e sua

importância na construção da identidade brasileira, de modo que os processos de resistência e as várias contribuições feitas pelos descendentes dos judeus expulsos de Portugal e Espanha, forçados pela Igreja Católica a se converterem ao Cristianismo na Idade Média, merecem ser reconhecidos e divulgados para a sociedade.

1.4 Identidades criptojudaicais

A prática do judaísmo em sinagogas em Pernambuco pode ser dividida em duas fases, sendo a primeira, a partir de 1534, marcada pela realização de cerimônias e encontros religiosos de forma clandestina, com celebrações restritas às casas e engenhos de famílias criptojudaicais, onde os rituais eram preservados em segredo.. Os Bnei Anussim ou criptojudeus, em sua maioria, residiam em Olinda, que, na época, era a sede da Capitania de Pernambuco. Em Olinda, ocorriam reuniões criptojudaicais na casa da professora judia Branca Dias e de seu marido, Diogo Fernandes, os quais também mantinham suas práticas secretas no engenho Camaragibe.

Os hábitos bastante comuns aos cristãos-novos e aos seus descendentes, por exemplo, eram: esperar o nascimento das três primeiras estrelas e, em seguida, acender velas nas noites de sexta-feira e abster-se de comer carne de porco (Novinsky, 2014). Tais práticas foram transmitidas por inúmeras gerações, preservando sua herança judaica.

A Sinagoga Ohel Yacob, também conhecida como Sinagoga da Martins Júnior por estar situada na rua de mesmo nome, desempenha um papel importante na manutenção da prática judaica dos Bnei Anussim no Recife. Assim como o Centro Israelita ao qual pertence, não possui rabino oficial. Apenas em ocasiões de grandes festas é contratada uma autoridade religiosa para officiar suas cerimônias (URJ-AMLAT. União do Judaísmo Reformista, 2019).

No ano de 1987 foi fundada a Sinagoga Chabad Lubavitch do Recife, localizada na rua Jorge Couceiro da Costa Eiras, 603, Boa Viagem. Esta Sinagoga representa a ortodoxia judaica, sob o comando do rabino Alexander Mizrachi. A instituição Chabad Lubavitch não promove conversões ao judaísmo e somente membros têm acesso aos seus serviços religiosos (CHABAD.ORG. Beit Chabad Recife Brasil, 2019). Além dessas sinagogas, há alguns grupos judaicos que atuam na Região Metropolitana do Recife.

No Cabo de Santo Agostinho está estabelecida a Comunidade Ohel Avraham (Tenda de Abraão), constituída por marranos retornados ao judaísmo ou pessoas que desejam aderir ao judaísmo. No município de Paulista foi constituída a Comunidade Sefaradita Armon Shlomo, que também formada por Bnei Anussim, que agora retomam as práticas judaicas sob

a liderança de Carlos Oliveira e sob a supervisão do Rabino Jacob de Oliveira. O rabino Oliveira dá aulas por vídeoconferências e vem à Paulista anualmente (Sinagoga Sefardita Armon Shlomo, Facebook, 2019).

Em Jabotão dos Guararapes há a Sinagoga Aboab da Fonseca, uma instituição religiosa ortodoxa e de tradição sefardita (judeus de origem ibérica) e é liderada por seu presidente, o jornalista Jefferson Linconn. O rabino desta comunidade, Abraham Deleon Cohen e sua *Abarbanel Foundation* os auxiliam à distância e promove conversões aos judaizantes. A Sinagoga Mekor Haim Aboab da Fonseca está localizada na rua Ernesto de Souza Leão, 1025, no bairro de Piedade, em Jabotão dos Guararapes.

É preciso aprofundar cada vez mais os estudos e pesquisas nos campos da identidade e pertencimento, dos descendentes dos judeus ibéricos, em torno da presença semítica na formação do Brasil, numa perspectiva de também se resgatar essa história e de garantir que ela seja transmitida às futuras gerações. Apesar das dificuldades, os cristãos-novos conseguiram prosperar no Brasil e sua influência na sociedade é ainda bastante significativa, mesmo após séculos de perseguição, pois muitos brasileiros têm ascendência judaica sem sequer o saber.

São, portanto, imprescindíveis o estudo e a divulgação acerca dessa parte importante da nossa história, uma vez que, apesar das adversidades, os cristãos-novos e os seus descendentes conseguiram preservar sua identidade cultural. Além de contribuírem para o desenvolvimento do país, esses estudos permitem uma melhor compreensão da formação da sociedade brasileira e auxiliam na promoção da tolerância religiosa.

As identidades criptojudáicas, também conhecidas como judaísmo oculto, dizem respeito a comunidades judaicas que foram forçadas a ocultar sua religião devido à perseguição religiosa promovida pela Inquisição católica. Essas comunidades existiram em vários países e por muitos períodos históricos, como na Espanha e Portugal durante a Inquisição, no Brasil colonial e em outras regiões da Europa e da América Latina.

A preservação da identidade criptojudáica, apesar das pressões externas, demonstra sua resiliência e adaptação ao judaísmo, bem como a importância da manutenção da tradição e da fé desses descendentes dos judeus ibéricos que formam as comunidades Bnei Anussim no Brasil. O estudo das identidades criptojudáicas é um campo multidisciplinar que envolve história, sociologia, antropologia e estudos religiosos. A pesquisa nessa área tem aumentado significativamente nos últimos anos, contribuindo para uma melhor compreensão acerca da diversidade e complexidade das experiências judaicas ao longo do tempo.

2 O ESPAÇO BNEI ANUSSIM NO NORDESTE BRASILEIRO

2.1 Bnei Anussim ou marranos

Este capítulo busca identificar os costumes dos descendentes dos judeus convertidos à força ao catolicismo em Portugal e Espanha, os Bnei Anussim, durante a Inquisição instituída pela Igreja Católica durante a Idade Média. Embora houvesse descendentes de judeus expulsos da Península Ibérica presentes no Brasil desde o descobrimento, principalmente ocupando a Região Nordeste, foi durante a época da Ocupação holandesa, ocorrida em Pernambuco no Século XVII, que os chamados Bnei Anussim encontravam-se majoritariamente, devido à vinda dos judeus provenientes da Holanda e ao governo de tolerância religiosa e prosperidade promovida pelo interventor dos holandeses na Capitania, o Príncipe Maurício de Nassau.

Os descendentes dos judeus oriundos da Península Ibérica, na condição de Bnei Anussim, praticam certos costumes que aprenderam de seus antepassados, que se reverberam nos hábitos e rituais religiosos judaicos pelos mesmos efetuados, embora muitos não tenham, nem no passado nem no presente, consciência de que são descendentes de judeus. A dissertação estrutura-se sob as seguintes etapas: revisão bibliográfica; consulta de documentos primários: análise e tabulação dos dados conseguidos a partir do modelo das entrevistas feitas pela *Rabbi at Abarbanel Foundation*, realizadas pelo Rabino Abraham Deleon Cohen, residente em Miami/Flórida/Estados Unidos, quando de sua estadia no Recife, Pernambuco, durante o ano de 1917.

O Rabino Abraham Deleon veio a Pernambuco com o propósito de submeter ao processo de Retorno/Conversão ao judaísmo, através da instalação do seu tribunal rabínico, (Beit Din) os Bnei Anussim locais, que assim procuravam reatar as suas histórias familiares com os vínculos de natureza religiosa, estabelecidos pelos princípios da Fé Judaica, anteriormente praticada pelos seus antepassados que foram forçados a se converter ao Cristianismo pela Igreja Católica, em Portugal e Espanha, durante a Idade Média.

Esse é um trabalho de reconstrução da trajetória de identidade e de pertencimento de uma parcela da população de Pernambuco que se identifica e se religa à história do povo judeu., incluindo-se como herdeira do seu longo período diaspórico: que tem início com a queda do Segundo Templo Sagrado de Jerusalém, seguida da expulsão dos judeus da Cidade Santa, ocasionada pelos romanos, em 70 d.C., por sua permanência na Península Ibérica do século I ao século XV, seguida de sua chegada e permanência na América, e particularmente

em Pernambuco, desde o descobrimento do Brasil até os dias atuais. A dissertação buscou também analisar a identificação dos usos e costumes dos descendentes dos judeus perseguidos pela Inquisição e que ao Brasil chegaram na sua nova condição de cristãos-novos, Bnei Anussim ou marranos. .

O trabalho com a memória não é algo simples, correndo o risco de se ater a apenas uma única narrativa e perder a capacidade de generalizar, isto é, sob a perspectiva metodológica. Outro desafio é definir, a partir de quantos hábitos e costumes, podem-se identificar o entrevistado enquanto descendente de judeu. A questão principal desse estudo, a nossa problemática, é de situar às condições de pertença e identidade relacionadas com a tradição e a cultura judaica, ocultamente praticadas por esses indivíduos, descendentes dos portugueses e espanhóis que foram forçados à conversão ao Cristianismo pela Santa Inquisição e proporcionar a esses indivíduos uma maior compreensão acerca das suas origens, como descendentes de judeus e fazer com que entendam suas raízes, pois durante vários períodos na história, identificar-se como judeu representava um risco à vida.

A dissertação, portanto, se valeu das narrativas do enfrentamento de dificuldades e sobrevivência ao inóspito sobrevividas aos descendentes dos judeus fugidos da Península Ibérica, convertidos à força ao catolicismo e chegados ao Brasil na sua condição histórica de Bnei Anussim, numa busca por identificar traços da Cultura Judaica em comunidades específicas, mais exatamente situadas no agreste de Pernambuco, no município de Caruaru. Além disso, a dissertação procurou responder como estão constituídas as formas de identidade e pertença nas práticas inter-relacionais cotidianas das comunidades de Bnei Anussim localizadas no município de Caruaru, também numa perspectiva de afirmação e reconhecimento das suas ascendências criptojudaicas.

A dissertação teve também como objetivo compreender como a permanência identitária particular aos descendentes dos judeus sefarditas, residentes nessas localidades situadas na Zona Rural do município de Caruaru, em Pernambuco, incorpora os hábitos e costumes judaicos característicos daqueles judeus provenientes da Península Ibérica. Mormente em relação às práticas culturais que lhes foram repassadas de geração em geração e que foram promovidas muitas vezes até de forma inconsciente, ou seja, sem a compreensão por parte dessas comunidades, durante um bom período de tempo, na situação tal onde muitos dos seus usos e costumes criptojudaicos estão ainda hoje ligados ao estrito repertório das práticas e costumes judaicos.

Outro aspecto importante desta dissertação foi investigar se a condição dos Bnei Anussim pode ser efetivada sob a ótica da Lei Judaica (halachá), considerando as dúvidas e

resquícios de hábitos e costumes judaicos que a cercam trazidos de Portugal e Espanha pelos seus antepassados ibéricos. Levando-se em conta que essas comunidades de Bnei Anussim hoje encontram-se radicadas em Caruaru, ainda nos tempos atuais privilegiando rituais e hábitos culinários e fúnebres típicos dos grupos judaicos, como orações, regras dietéticas, rituais fúnebres, entre outros, que facilitem a compreensão desse contexto histórico e social, bem como o processo cultural de ocultamento e dissimulação dessas práticas que delineiam uma melhor compreensão acerca da identidade criptojudáica dessas comunidades.

Também, a dissertação buscou discutir mais a fundo sobre a possibilidade do reconhecimento religioso dessa identidade e pertença pela coorte rabínica do Estado de Israel, pela rabanute, isto é, pelo rabinato ortodoxo de Israel, buscando superar preconceitos e discriminações. Ainda, nesse mesmo contexto, analisar na prática cultural Bnei Anussim, marrana ou criptojudáica sobre os diferentes hábitos, usos e costumes que esses sujeitos atribuem como suas identidades e pertenças. Também como esses diferentes aspectos interagem, rearticulam-se, evidenciam-se e negociam os diversos e múltiplos significados que, por inúmeros condicionamentos, dizem respeito exclusivamente à condição Bnei Anussim, na estruturação desses seus mesmos processos identitários.

Ou seja, quanto à identidade e ao pertencimento relacionados com a condição Bnei Anussim nessas comunidades localizadas em Caruaru, deverão evidenciar os hábitos e costumes provenientes da prática sefardita, de onde descendem os antepassados dos membros dessas comunidades. No entanto, na percepção de que os mesmos tiveram inclusive de permanecer dissimulados e/ou ocultados pelo temor da denúncia por parte dos cristãos-velhos e da visitação do Tribunal do Santo Ofício a Pernambuco, do exercício de práticas judaicas.

Desse modo, o nativo não precisa ser especialmente selvagem ou tradicionalista, tampouco natural do lugar onde o pesquisador o encontra; o pesquisador não carece ser excessivamente civilizado ou modernista, sequer estrangeiro ao povo sobre o qual discorre. Os discursos do pesquisador e, sobretudo, do nativo, não são necessariamente textos, mas práticas de significado. O essencial   que o discurso do observador estabeleça certa rela o com o discurso do observado.

Por fim, a disserta o conclui que a reflexão sobre a identidade e a pertença dessas comunidades encontradas em Caruaru deve se apoiar em modelos concretos de similitudes históricas, culturais e identitárias com outros grupos e comunidades existentes no país, especialmente no Nordeste e em Pernambuco. Esse direcionamento permite uma análise mais consistente, que ultrapassa a aplica o de modelos puramente abstratos e normativos, reconhecendo a especificidade de cada contexto e suas particularidades regionais.

Nesse sentido, destaca-se como esses atores sociais estão inseridos e se apresentam dentro de seus contextos históricos e culturais, bem como a forma como eles próprios se percebem e se reconhecem enquanto herdeiros de uma tradição judaica sefardita. Essa apropriação identitária se manifesta por meio de hábitos, costumes e tradições, os quais são constantemente ressignificados em função de seus interesses e de suas memórias culturais, configurando-se como importantes elementos na construção e reafirmação da identidade dessas comunidades criptojudaicadas no Agreste pernambucano.

2.2 Cristãos-novos e judeus sefarditas no Nordeste

A história da diáspora sefardita tem início antes do ano de 1500, quando o Brasil foi descoberto. Ela ocorre no fatídico ano de 1498, em Portugal, quando da expulsão dos judeus daquele país ibérico. Havia transcorrido três anos desde que o rei D. Manoel convertera ao cristianismo todos os judeus residentes em Portugal. Duzentos e cinquenta mil vindos da Espanha e aproximadamente cento e cinquenta mil já residentes no reino desde tempos imemoriais foram incorporados à população cristã. Desde então, de um total de um milhão e duzentos mil habitantes que residiam no país, quatrocentos mil eram de origem judaica e continuavam, em sua maioria, a praticar ocultamente sua religião. De cada três portugueses, um era cristão-novo, praticamente judeu (Izechsohn, 1967).

Cristãos-novos e judeus sefarditas são termos usados para designar pessoas de origem judaica que foram obrigadas a se convertere ao cristianismo durante a Inquisição na Península Ibérica. o estudo acadêmico do fenômeno Bnei Anussim teve início no final do século XX, quando estudiosos começaram a encontrar evidências de sua existência por meio de documentos históricos, pesquisas genealógicas e tradições orais, de modo que as raízes judaicas ocultas de muitas famílias foram trazidas à tona. Tais descobertas e estudos têm sido fundamentais para ajudar os indivíduos a se reencontrarem com sua herança judaica e recuperar sua identidade.

O renascimento dos Bnei Anussim tem sido um processo complexo, na medida em que os indivíduos trilham seu caminho de retorno ao judaísmo, após séculos de ocultamento e processos de assimilação. Muitos optaram por passar por um processo formal de conversão, a fim de abraçar publicamente sua identidade judaica. Outros procuraram se reconectar com as comunidades judaicas e aprender sobre suas tradições e costumes. Organizações e instituições também surgiram para apoiar os Bnei Anussim em sua jornada, fornecendo educação e constituindo novos grupos e comunidades.

Novinsky (2014), Freyre (1986) e Cascudo (1979) são três importantes autores que escreveram sobre a presença de judeus sefarditas e cristãos-novos no Brasil. Anita Novinsky especializou-se no estudo da Inquisição portuguesa e o renascimento da consciência judaica dos Bnei Anussim no Brasil. Após 200 anos do fim da Inquisição no Brasil, num momento no qual a identidade nacional brasileira era pensada a partir das influências indígenas, africanas e europeias, Novinsky colocou no centro do debate historiográfico uma análise sobre as origens judaicas da população brasileira. A partir dos estudos pioneiros da professora Anita Novinsky, tornaram-se abundantes as pesquisas sobre a herança cristã-nova no Brasil. Vários outros autores apontaram para a mesma realidade histórica, como Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala*, e Câmara Cascudo.

Freyre (1986) foi um dos mais importantes sociólogos e escritores brasileiros, abordou em suas obras a presença de judeus e cristãos-novos na história do Brasil. Em sua obra “Casa-Grande e Senzala”, o sociólogo pernambucano menciona a herança cristã-nova no Brasil. Em sua dissertação “O personagem judeu na literatura brasileira”, analisa as obras escritas por Gilberto Freyre, procurando visualizar o ponto de vista do autor sobre os judeus na história do Brasil. Através dos ensaios *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*, o sociólogo Gilberto Freyre apresentou uma visão tanto positiva quanto negativa dos judeus (Lima, 2000). Também acerca da narrativa sobre a presença dos judeus no Nordeste brasileiro, Cascudo (1979), historiador, antropólogo e folclorista, dedicou-se ao estudo da cultura brasileira. Em sua obra *Mouros, franceses e judeus*, estuda a presença desses três povos.

Nos seus trabalhos, o autor examina como essas presenças persistem através de credices, histórias, gestos e hábitos alimentares, cujas origens vêm desde a Península Ibérica e inclusive, de tempos mais remotos. No contexto do Nordeste brasileiro, a presença desses grupos é de grande valor histórico, cultural e identitário. Este ensaio tem como objetivo explorar a influência dos cristãos-novos e judeus sefarditas na cultura e identidade nordestina, analisando obras de importantes estudiosos sobre o tema, como Anita Novinsky, Gilberto Freyre, Paulo Valadares, Cândido Pinheiro e Câmara Cascudo. Para entender a importância dos cristãos-novos e judeus sefarditas no Nordeste brasileiro, é necessário compreender o contexto histórico que os levou a migrar para essa região. Durante a Inquisição, esses grupos enfrentaram perseguições e foram forçados a abandonar suas terras de origem. Muitos buscaram refúgio no Brasil, especialmente no Nordeste, onde tiveram mais liberdade religiosa.

Novinsky (2008) em sua vasta literatura acerca da presença dos descendentes dos judeus que chegaram ao Brasil fugidos da Inquisição católica ocorrida na Europa, durante a

Idade Média, apresenta a presença dos cristãos-novos na Bahia e a importância de resgatar a memória dessas comunidades. A autora apontou que esses grupos tiveram um papel fundamental no desenvolvimento econômico da região, sendo responsáveis pela introdução de técnicas comerciais avançadas e pela criação de uma rede de comércio entre o Brasil e outros países. Além disso, a historiadora destaca a influência cultural desses grupos, evidenciada em elementos como a culinária, a música e a arquitetura.

Freyre (1986) busca abordar o tema dos cristãos-novos e judeus sefarditas no Nordeste brasileiro e ressalta o papel desses grupos na formação étnica da população nordestina, ao afirmar que "o sangue sefardita se expressa no Nordeste tanto por suas características culturais quanto pelas marcas no físico". Freyre enfatiza a importância de reconhecer e valorizar a contribuição desses grupos para a construção da identidade nordestina.

Valadares (2017) analisa a relação entre os cristãos-novos e a sociedade colonial nordestina. O autor destaca que esses grupos cumpriram um papel-chave na economia açucareira da região, por meio do comércio de escravos, do financiamento de engenhos e da prática de atividades mercantis. Segundo Valadares (2017), a presença dos judeus sefarditas foi fundamental para o desenvolvimento econômico do Nordeste brasileiro. Cândido Pinheiro, em seu livro "Cristãos-Novos no Nordeste" busca resgatar aspectos da cultura e da identidade dos cristãos-novos na região. O autor destaca a influência desses grupos na língua, na religião e nas tradições nordestinas. Também discute a trajetória de cristãos-novos ilustres como o poeta Gregório de Matos e o historiador Antônio de Sá Vargas.

A presença criptojudáica no Nordeste brasileiro é um tema de interesse social, histórico e cultural. Neste sentido, como uma das comunidades mais conhecidas de cripto-judeus no Nordeste, existe o contingente populacional do município de Venha-Ver no Rio Grande do Norte, uma vez que preserva costumes de origem provavelmente judaica.

Segundo Cascudo (1995), cerca de 97% da população nordestina têm ascendência judaica, do negro muçulmano da África do Norte e muçulmano semita, o que formou o amálgama inicial da sociedade colonial nordestina, sobretudo a de Pernambuco. Este autor destaca em sua obra a participação desses grupos na formação das principais famílias aristocráticas da região. Cascudo (1995) ressalta ainda a importância da herança cultural judaica na região, apresentada em elementos como festas, crenças populares e práticas culinárias.

De modo que essas obras reforçam a importância dos cristãos-novos e judeus sefarditas para a formação da cultura e da identidade nordestina. Esses grupos de Bnei Anussim também foram responsáveis por construir na nação nordestina aspectos

fundamentais do desenvolvimento econômico e social, com particularidades quase medievais ainda presentes na região, além de terem influenciado a língua, a religião, as tradições e a gastronomia dos nordestinos muitas vezes. Cascudo (1979), ao abordar a presença dos descendentes dos judeus no Nordeste brasileiro, ajuda-nos a compreender melhor como a cultura judaica contribuiu para a compreensão da história desses grupos, bem como para a valorização de sua herança cultural e identitária na região nordestina.

Os cristãos-novos, enquanto descendentes dos judeus sefarditas expulsos de Portugal e Espanha pela Inquisição ocorrida no Período Medieval desempenharam um papel fundamental no Nordeste brasileiro, tanto no aspecto econômico, quanto nos aspectos cultural e identitário. Suas contribuições para a região podem ser reconhecidas através das obras de estudiosos como Novinsky (2014), Freyre, (1986), Valadares (2015), Pinheiro (2017) e Cascudo (1995), em que todos eles, a seu modo, evidente, buscaram no seu tempo e ao seu estilo, analisar a influência desses grupos e sua importância para a história do Nordeste brasileiro.

2.3 Presença Semita no Nordeste

A história dos descendentes de judeus sefarditas, os cristãos-novos e marranos no Nordeste brasileiro, particularmente em Pernambuco, trata-se de uma memória identitária, portanto da construção do processo cultural desses indivíduos relacionada com a questão da presença sefardita e cristã-nova no Brasil.

Neste sentido, buscamos contribuir com o estudo dos patrimônios material e imaterial relacionados com a preservação da cultura e das tradições dos judeus sefarditas e dos seus descendentes no Nordeste e, particularmente, em Pernambuco, fortalecendo o estudo sobre esta identidade cultural dos descendentes dos judeus sefarditas, cristãos-novos e marranos.

Isso se dá através do reconhecimento da importância fundamental dessas contribuições intelectuais e identitárias sefarditas (promovidas de modo consciente e muitas vezes, inclusive, de modo inconsciente), por parte desses judeus e seus respectivos descendentes na elaboração da afirmação identitária também do ethos pernambucano, nordestino e brasileiro.

Os judeus Sefarditas e os seus descendentes, os denominados cristãos-novos, foram expulsos da Península Ibérica no ano de 1492, e chegaram ao Brasil fugindo da perseguição promovida pelo Tribunal do Santo Ofício, estabelecido pela Igreja Católica em Portugal e Espanha na Idade Média. Em Amsterdã, à época denominada de “pequena Jerusalém”, além de essa localidade abrigar considerável contingente de judeus expulsos da Península Ibérica, a

cidade foi capaz de estabelecer o convívio e as trocas culturais entre o judaísmo e a cristandade, como as que ocorreram em seu território entre o Padre Antônio Vieira e o Rabino Aboab da Fonseca, por exemplo.

O Padre Vieira foi o mais destacado orador sacro português de todos os tempos e tornou-se na Holanda amigo do Rabino Aboab da Fonseca. Devido à sua defesa dos cristãos-novos, dos índios e dos judeus, o Padre Vieira foi posto no cárcere da Inquisição no ano de 1644, onde, durante 26 meses, o Santo Ofício, o tribunal da inquisição, o afastou do mundo. O Padre Vieira pretendeu demonstrar a validade das profecias de Bandarra, o sapateiro de Trancoso e autor de Trovas, compostas no ano de 1540. Como seus congêneres, as trovas se especializavam em augurar a chegada de algum Messias que pudesse estabelecer com os seus escolhidos, a chegada de um reino de harmonia, o denominado “Quinto Império”.

As visões de Bandarra serviam perfeitamente às ideias defendidas pelos sebastianistas, uma espécie particular de messianismo português, acerca da existência de um Rei encoberto (D. Sebastião I), morto em Alcácer-Quibir em 1578 e cujo corpo nunca foi encontrado, o que alimentou a ilusão de que o mesmo apenas estaria escondido e que não havia falecido. O Rei D. Sebastião, assim, voltaria para conduzir os destinos de grandeza de Portugal. O Padre Vieira, que a princípio não acreditava nas hipóteses sebastianistas, já a partir da leitura das trovas e das teorias messiânicas recolhidas nas sinagogas de Amsterdã, tinha passado a confiar fielmente na instauração de um Quinto Império presidido pelo “encoberto” português. Sob a égide desse messianismo popular português também recaíram ou pelo mesmo foram diretamente influenciados, os primeiros colonizadores do Brasil e os primeiros povoadores de Pernambuco.

Fernando de Noronha, comerciante, foi um cristão-novo e como o primeiro arrendador das terras de Vera Cruz, inclusive a qual lhe interessara curiosamente antes do seu descobrimento (1498), teve o seu engenho e sua ermida erguida na altura do Cabo de Santo Agostinho, próximo ao Recife. Rico navegador, sabidamente de origem judaica sefardita. Sua residência poderia ter abrigado, inclusive, um dos primeiros ajuntamentos de cristãos-novos, congregando-os no que seria seu primeiro local de cultos religiosos nas Américas. Outro importante português, Duarte Coelho e a sua esposa Dona Brites de Albuquerque e o seu cunhado Jerônimo de Albuquerque também são alguns dos primeiros povoadores da Capitania de Pernambuco. Duarte Coelho, pertencente à Ordem dos Cavaleiros de Cristo, a antiga Ordem Templária na Europa, possivelmente também teria raízes cristãs-novas. Jerônimo de Albuquerque, seu cunhado, ficou conhecido como o Adão Pernambucano.

Durante o período holandês, no tempo da corte de Maurício de Nassau, através da possibilidade da liberdade religiosa e de culto e também pela presença em Pernambuco de uma acomitiva maurícia, formada por gente sábia e letrada (dentre os quais havia muitos judeus provenientes dos Países Baixos, os cristãos-novos puderam voltar a praticar o judaísmo). Os judeus que vieram com Maurício de Nassau eram os mesmos judeus sefarditas fugidos de Portugal por causa do problema com a Inquisição ocorrida por volta do ano de 1290. Outros ilustres personagens de origem judaica que vieram para o Nordeste brasileiro foram o Rabino Aboab da Fonseca, Bento Teixeira e Branca Dias.

O Rabino Aboab da Fonseca era proveniente, ele mesmo também de uma família convertida à força, portanto, também cristão-novo, passou por batismo católico e retornou às práticas judaicas, tornando-se Rabino na Holanda. O Rabino Aboab da Fonseca veio para o Brasil no tempo de Maurício de Nassau.

O cristão-novo Bento Teixeira é considerado, pelo poema "Prosopopeia", o primeiro poeta brasileiro. Já Branca Dias, uma judia que morou em Olinda, foi retratada na peça escrita pelo dramaturgo Dias Gomes, seu descendente, "O Santo Inquerito", que trata da visitação do Santo Ofício a Pernambuco. Com a visitação do Tribunal do Santo ofício a Pernambuco, muitas famílias adentram o Sertão e passam a viver o seu criptojudaísmo, comportando-se, da sua porta para fora, como fervorosos cristãos e preservando naquilo que podiam preservar os seus antigos hábitos e costumes judaicos. Outra situação, decorrente da Restauração Pernambucana, foi a partida de 23 famílias para o Caribe, que foram capturadas por piratas e aportaram em Nova Amsterdã, atual cidade de Nova Iorque.

2.4 O imaginário judaico existente em Pernambuco

Desde a época do pré-Romantismo e durante o período do Romantismo, a presença cristã-nova faz-se sentir na literatura brasileira. Os poetas Bento Teixeira, autor de *Prosopopeia*, e Castro Alves, com *A Hebreia*, o escritor José de Alencar, através da sua obra *Iracema* — um acróstico da palavra América — com os seus Adão e Eva nativos, Peri e Ceci, e Gonçalves Dias, no seu poema *Canção do Exílio*, de forma velada ou não, fazem referência a esta presença judaica no Nordeste.

Do ponto de vista de uma experiência e de uma discursividade sociológica, e também de características realistas-regionais, temos também, entre os intelectuais brasileiros, o pernambucano Gilberto Freyre. Nas suas referências acerca da presença judaica no Nordeste do Brasil, sempre apontou para um maior estudo e uma maior compreensão acerca desse

homem “situado nos trópicos”. Ele trouxe, além do amargor com os silvícolas e os negros no Novo Continente, traços dessa existência ibérica anterior e, conseqüentemente, judaico-sefarditas correndo nas suas veias de nordestino e de indivíduos, desde as suas origens mestiças. Em “Tempo Ibérico”, o sociólogo Freyre (1986) se reconhecia como um espécime brasileiro de um daqueles místicos judeus sefarditas. Gilberto Freyre viajou pela primeira vez aos Estados Unidos em 1931 (Freyre, 1959). Ele relata: “Em 1931 viajei para os Estados Unidos, a convite do Instituto de Cultura Hispânica da Universidade de Columbia, em Nova York.” Lá nos Estados Unidos, o jovem Gilberto Freyre, protestante, teve sua experiência como protestante.

Ocorreu que o colega negro que dividia os estudos seminaristas com ele foi queimado pelo próprio quadro de pastoresque naquele seminário pertenciam à Ku Klux Klan. A Ku Klux Klan, KKK, refere-se a três movimentos distintos dos Estados Unidos, passados e atuais, que defendem correntes extremistas como a supremacia branca, o nacionalismo e o anti-imigração, e, especialmente em interações subseqüentes, o anticatolicismo e o antisemitismo. Assim, o sociólogo Gilberto Freyre, desapontado com o que presenciara da janela do seu quarto, abandonou o seminário e a partir daí se viu sob a influência do sociólogo judeu Frans Boas.

O tempo tríplice e interpenetrante freyriano, em contraste com o sentido e o significado do “Tempo Inglês”: “*Time is money*” -, influenciado pelo pensamento de Frans Boas, termina por se debruçar sobre a formação do povo brasileiro em sua gênese primitiva sob a influência e as contribuições dos indígenas, do branco português e dos negros africanos. O povo judeu não pode estar incluído na categorias biológicas de uma determinada raça específica, de um conceito “puro” de raça, mas apenas como um conceito mais antropológico de um complexo identitário que existe e que se afirma a partir do entendimento do que nos seja o fenômeno da cultura, compreendida muito além de uma interpretação apenas das questões materiais de territorialidade.

Entre o Shofar (o instrumento judaico tocado na cerimônia de ano novo, feito de chifre de carneiro) e o berrante (utilizado pelo vaqueiro nordestino para reunir o gado), dadas as suas notórias semelhanças, essas ferramentas reagrupam-nos uma arte e uma cultura rica de símbolos, baseada numa linguagem e num repertório essencialmente construídos de sonoridades e também por conteúdos medievais, como é o caso da Poesia do Poeta pernambucano Odmar Braga e como também as músicas de Elomar, por exemplo. Relacionada à condição desse homem nordestino influenciado diretamente pela cultura judaica, quanto às noções gerais acerca dos temas identidade e pertencimento, conceitua-se

como identidade, no campo cultural, a capacidade de compreender a si mesmo enquanto igual, sentindo-se e considerando-se semelhante.

Quanto à condição de pertencimento, nesta mesma perspectiva identitária, trata-se do sentimento de se fazer parte de algum grupo ou de alguma comunidade, ou de alguma coletividade. Luís da Câmara Cascudo, em seu trabalho 'Mouros, franceses e judeus', estuda a presença desses três povos na cultura popular brasileira. Presenças persistentes através de credences, histórias, gestos, hábitos alimentares, cujas origens se perdem na escura noite dos tempos, alguns chegados aqui quando o Brasil apenas despertava para a vida. São constantes culturais de dois, três mil anos, velhas de quinhentos anos no país e que continuam límpidas e frescas na vida cotidiana do povo brasileiro. Depois de séculos de presença na Península Ibérica deixando marcas indeléveis na vida portuguesa.

O mouro viajou para o Brasil na memória do colonizador, como observa Cascudo. Ninguém fala português sem empregar centenas de palavras de origem árabe: açúcar, arroz, azeitona. As mães-d'água, de canto irresistível são parentes das mouras-encantadas. A presença árabe está em toda parte, seja na arquitetura, na doçaria ou no pé do nordestino. A alparcata, popular no Nordeste e muitas vezes milenar, foi introduzida em Portugal pelo berbere e está presente no Brasil desde as primeiras expedições portuguesas, ocorridas à época do descobrimento.

“O judeu deixou marcas de sua cultura em lendas, cerimônias religiosas e hábitos de comércio. Bem posterior, a influência francesa se tornou avassaladora a partir, sobretudo, dos séculos XVIII e XIX. Ainda hoje, os cantadores nordestinos invocam a figura de Roldão como um herói imbatível, exemplo de coragem e honradez [...] e é o único motivo popular inspirado por livro impresso”, aponta Câmara Cascudo. O livro "A História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França" está presente em toda casa de nordestino letrado, de onde se divulgou para o povo fascinado. Roldão e sua espada Durindana continuam exaltados ainda hoje na literatura de cordel, como se tivessem acabado de sair de um combate (Cascudo, 1995). Para o escritor e dramaturgo paraibano Ariano Suassuna (1969), a presença dos elementos folclóricos ibéricos deu base ao seu "Movimento Armorial", criado por ele.

Culturalmente, podemos dividir Pernambuco e, por extensão, todo o Nordeste a partir do entendimento de suas tradições e de duas grandes civilizações, como segue: a Civilização do açúcar e a Civilização do couro. De modo que, entrando enfim neste templo tríduo freyriano podemos perceber claramente os hábitos e costumes sefarditas hoje no Nordeste, em sua gastronomia, sua religiosidade e nas diversas expressões da cultura e do seu imaginário social: o uso da carne de sol e da carne de charque; os bolinhos de feijão amassados comidos

à mão; o abate de galinha, deixando escorrer seu sangue em terra; cobrir os espelhos quando de algum morto, o se jogar fora as águas da casa; as pedras colocadas sobre os túmulos; o se pôr as duas mãos sobre a cabeça dos filhos, abençoando-os; o não se apontar estrelas, etc.

Junto aos sertanejos, os hábitos e costumes provenientes da Península Ibérica ainda em muitos lugares, também persiste nas falas e nas memórias do Sertão, nos símbolos, repertórios, amuletos de prece, modos de dizer e também nas indumentárias dos vaqueiros, cangaceiros e de Luiz Gonzaga. O falar do sertão, o português arcaico do “pro mode”, o “pro riba” e o “tu sois” são exemplos típicos dessa fala de procedência ibérica medieval. Proveniente da cultura urbana, os mesmos elementos identitários sefarditas também se fazem espelhar em artistas como Alceu Valença, reconhecido como descendente de cristãos-novos, oriundos do município de São Bento do Uma, no interior pernambucano.

Ainda sobre a continuidade do pensamento 'sebastianista', vemos subsistir no Brasil e no Nordeste, na figura recorrente no imaginário popular, do “Salvador da Pátria”. Exemplos não faltam: Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Lampião e tantos outros. A obra “O Homem e os seus símbolos” (Carl Young, 1990) aponta-nos a definição do que é um símbolo e nos fala acerca da dualidade interpretativa referente ao objeto simbólico.

Do mundo ibérico é de onde nos provêm os messianismos e sebastianismos nordestinos e brasileiros, constituídos em torno de nomes nos campos do catolicismo popular e da política, através de figuras como Frei Caneca, Padre Cícero, Frei Damião, Arraes, Gregório Bezerra e das idênticas performances arquetípicas que se enquadram, sem tirar nem pôr, nas figuras dos senhores ex-presidente e Presidente da República Jair Messias Bolsonaro e Luís Inácio Lula da Silva, por exemplo.

Gilberto Freyre e Câmara Cascudo foram dois proeminentes intelectuais e críticos culturais brasileiros e suas contribuições são fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira, particularmente em relação ao papel dos judeus. Também na sua obra seminal "*Casa-Grande & Senzala*" (Freyre, 1959) desafiou as estruturas de poder nacionais que flertavam com o Nazismo, incluindo os papéis dos judeus na formação da sociedade brasileira. A compreensão do papel dos judeus, com ênfase no exame de suas funções como proprietários de escravos, comerciantes e intermediários na sociedade brasileira, torna-se emblemático no reconhecimento das contribuições culturais e genéticas feitas pelos judeus para a identidade brasileira.

Cascudo (1979) destaca que o folclore e o patrimônio cultural brasileiro nos ajudam a compreender melhor a história e a presença dos judeus no Brasil. Neste sentido, sua pesquisa sobre as influências culinárias e linguísticas dos judeus na cultura brasileira é muito

importante. Também é relevante analisar e comparar as perspectivas desses autores acima referidos sobre o impacto dos judeus no Brasil, observando suas convergências, semelhanças e diferenças em suas abordagens e conclusões, o que contribui para uma compreensão mais ampla dos judeus na sociedade brasileira. Nos estudos de Freyre (1986) e Cascudo (1979) sobre os judeus no Brasil, vemos como suas críticas moldaram o diálogo e os estudos atuais sobre o tema. De modo que as contribuições desses autores para a compreensão do papel dos judeus na sociedade brasileira tornam-se fundamentais, dada a relevância contínua de suas obras nas discussões contemporâneas sobre etnicidade e identidade no Brasil.

Junto à variedade de povos e culturas presentes no país, torna-se importante lembrar que a comunidade judaica desempenha um papel fundamental na história do Brasil. Desde o descobrimento do Brasil, até os dias de hoje, os judeus têm contribuído de maneira significativa para a construção social, cultural e econômica do país. É preciso, portanto, explorar um pouco mais acerca da trajetória dos judeus no Brasil, abordando temas como Bnei Anussim, marranos, cultura, identidade e pertença.

A presença judaica no Brasil não é algo recente. Desde os primeiros anos após o descobrimento já era possível encontrar judeus que haviam chegado ao Brasil, não apenas vindo para a colônia recém-descoberta em busca de novas oportunidades, mas, principalmente por causa da instauração da Inquisição e perseguição promovida aos judeus sefarditas, os de origem ibérica, que da Europa precisavam sair, fugindo das garras inquisitoriais e do perigo de serem queimados vivos nas fogueiras, devido ao recrudescimento do fanatismo e da intolerância religiosa no Velho Mundo.

Muitos dos conhecidos como Bnei Anussim terminaram por vir à América, durante o período do seu descobrimento e mesmo sob o jugo da conversão forçada mantiveram vivas suas tradições e crenças secretamente, passando-as de geração em geração. Os marranos foram aqueles judeus que, diante da perseguição religiosa, se converteram ao cristianismo de forma pública, mas continuaram a praticar o judaísmo em segredo no interior de suas casas. Os Bnei Anussim, os marranos e os criptojudeus contribuíram para a preservação da identidade judaica no Brasil mesmo sob condições mais adversas.

Ao longo dos anos, a comunidade judaica brasileira se fortaleceu, cresceu e se diversificou. Atualmente, os judeus atuam em diversos segmentos profissionais no Brasil, sendo desde empresários e médicos até artistas, professores, acadêmicos e líderes políticos. Hoje a cultura judaica também desempenha um papel importante com sinagogas, clubes, escolas e instituições que promovem a transmissão das tradições e valores entre as gerações.

Para os judeus brasileiros, sua identidade e pertença estão intimamente ligadas à sua religião e cultura.

É importante ressaltar que cada indivíduo tem sua própria forma de vivenciar sua identidade judaica. Alguns são mais observantes e seguem rigorosamente os rituais religiosos, enquanto outros se concentram mais na dimensão cultural e social da comunidade. Além disso, a comunidade judaica brasileira também se envolve em ações sociais e projetos de impacto. Dessa maneira, muitas organizações judaicas são conhecidas por suas iniciativas de caridade, ajudando não apenas membros da própria comunidade, mas também outras comunidades não judaicas e a sociedade em geral.

Os judeus desempenham um papel fundamental no rico mosaico que compõe a cultura brasileira. A presença dos judeus, especialmente representada pelos cristãos-novos, desde os primeiros colonizadores até os dias atuais, tem sido fundamental para a diversidade e o crescimento do Brasil. A comunidade judaica brasileira trata-se de um exemplo de resiliência e perseverança, mantendo viva sua cultura e tradições ao longo dos séculos.

Ao falarmos sobre a presença judaica no Brasil, é impossível não destacar a tradição histórica e cultural do "povo do livro", presente desde o descobrimento do país e que continua a influenciar a cultura da sociedade brasileira. A chegada dos judeus ao Brasil ocorre desde o século XVI, muitas vezes sob condições bastante adversas. Os Bnei Anussim ou marranos trouxeram consigo uma herança cultural profunda, experimentando a identidade judaica nas entrelinhas de sua existência. Na condição de Bnei Anussim, por séculos, muitos deles praticaram secretamente sua fé, escondendo suas tradições e rituais do olhar atento da Inquisição. É fascinante perceber como, por meio da cultura transmitida de geração em geração, Esses descendentes dos judeus de origem ibérica conseguiram manter sua identidade criptojudáica, mesmo em um país que não era abertamente tolerante com a religião judaica, até a promulgação da Constituição de 1824. Com o término da Inquisição e a constitucionalização da liberdade religiosa, a comunidade judaica no Brasil começou a crescer e se estabelecer de forma mais visível.

No final do século XIX, um novo fluxo migratório trouxe judeus *asquenazes* ao país, principalmente advindos da Europa Oriental. Essa nova onda de imigração trouxe consigo uma diversidade cultural ainda maior, enriquecendo ainda mais a identidade judaica no Brasil. Hoje, o Brasil abriga uma das maiores comunidades judaicas da América Latina, composta por diversos grupos com diferentes origens e tradições. Essa diversidade está presente não apenas nas práticas religiosas, mas também nas áreas cultural, artística e empresarial. Dessa forma, os judeus brasileiros marcam presença em diversos setores, contribuindo para o

desenvolvimento e a cultura do país. É importante ressaltar que, apesar das conquistas e do reconhecimento da comunidade judaica, ainda há desafios a serem enfrentados. O antissemitismo persiste, manifestando-se de diversas maneiras e graus de intensidade. No entanto, é promissor ver a comunidade judaica se unir e se fortalecer, mantendo-se firme em sua identidade e buscando combater o preconceito.

De maneira que, no país, a cultura judaica é uma experiência multifacetária e diversas festividades como o Yom Kipur, Páscoa e Chanucá são celebradas com entusiasmo, perpetuando as origens e as tradições do povo judeu, tanto pelos membros de cada uma das suas comunidades, como pela sociedade brasileira como um todo, fortalecendo os laços entre diferentes religiões e culturas. Ao olharmos para a presença judaica no Brasil, vemos uma história de resiliência, perseverança e luta pela própria preservação e afirmação da sua identidade. Os judeus sejam eles Bnei Anussim, marranos, asquenazitas ou de outras origens, têm deixado uma marca indelével na sociedade brasileira. Sua contribuição cultural, empresarial e intelectual é inegável, enriquecendo tanto o Brasil quanto esse mesmo legado judaico.

Diante do mundo globalizado, onde as identidades muitas vezes se dissolvem e se homogeneizam, é inspirador ver como as comunidades judaicas no Brasil conseguiram preservar sua cultura, mantendo-se conectados com suas raízes, de modo que continua a escrever sua história. A herança judaica brasileira é um tesouro a ser valorizado e apreciado, uma prova viva da força da resiliência e superação de dificuldades e preconceitos que continuam a inspirar a população brasileira e à sociedade em geral.

Pernambuco tornou-se um refúgio para muitos Bnei Anussim que buscavam refúgio da perseguição sofrida por seus antepassados na Península Ibérica. Um dos eventos mais importantes que influenciaram os cristãos-novos a residirem em Pernambuco foi o estabelecimento da colônia holandesa no Recife no século XVII. A corte holandesa tinha uma atitude tolerante em relação à diversidade religiosa, o que atraiu muitos cristãos-novos que buscavam um lugar onde pudessem praticar abertamente sua antiga fé mosaica.

A presença holandesa em Pernambuco permitiu que os Bnei Anussim estabelecessem sinagogas, escolas e organizações comunais, criando uma atuante comunidade judaica dentro da colônia. Outro importante evento histórico que moldou o perfil das comunidades Bnei Anussim em Pernambuco foi a reconquista portuguesa da região em 1654. Com o retorno do domínio português, os cristãos-novos enfrentaram novas perseguições e foram mais uma vez forçados a esconder sua identidade judaica, desta vez ao adentrar os sertões e os grotões mais distantes da Província.

Muitos Bnei Anussim optaram por fugir e buscar refúgio em outras partes do Brasil ou em outros países, enquanto outros decidiram ficar e continuar praticando sua fé em segredo. Tal situação marcou um tempo de maior segregação e, por conseguinte de maior acobertamento quanto a condição de suas origens e práticas judaicas, de modo bastante significativo para os Bnei Anussim de Pernambuco. No entanto, sua força, fé e determinação em manter sua herança judaica resistiram. As influências dos Bnei Anussim em Pernambuco se estenderam além dos limites da religião.

Os Bnei Anussim de Pernambuco também influenciaram em muitos hábitos, usos e costumes, a cultura local e o próprio *Ethos* do povo nordestino. Com o tempo, eles desenvolveram uma mistura única de costumes judaicos e brasileiros, criando uma identidade distinta, ainda evidente em várias localidades. Essa fusão de culturas é uma prova da resiliência e adaptabilidade dos Bnei Anussim que conseguiram preservar sua herança judaica ao mesmo tempo em que abraçaram a cultura brasileira.

Quando os holandeses chegaram em Pernambuco no intuito de assumir o controle do negócio açucareiro e pela presença de judeus de origem ibérica no Nordeste brasileiro (1630), a Província de Pernambuco era um dos principais locais produtores de açúcar no Brasil Colônia. A presença de judeus em Pernambuco foi tolerada pelos holandeses e muitos se estabeleceram na Província. Os judeus tiveram um papel importante na economia açucareira em terras pernambucanas sendo responsáveis por financiar a produção de açúcar e também por fornecer escravos para trabalhar nas plantações, por exemplo. Com a expulsão dos holandeses pelos portugueses (1654), muitos judeus foram expulsos do Brasil e se estabeleceram em outras regiões do mundo.

Alguns desses judeus, ao fugirem de Pernambuco com a retomada da Província pelo governo português ajudaram no povoamento e no progresso da antiga New Amsterdã, a atual Nova York. Assim, sob o prisma da presença judaica na História do Brasil e da sua importância cultural a trajetória dos Bnei Anussim no país e, particularmente em Pernambuco, trata-se de um testemunho do espírito duradouro de uma tradição que enfrentou perseguições e conseguiu manter sua identidade e pertença. Os eventos e influências que moldaram os Bnei Anussim nessa localidade, como o estabelecimento da colônia holandesa e a reconquista portuguesa, desempenharam um papel significativo na sua história. Além disso, a fusão dos costumes judaicos e brasileiros mostrou também um inédito sincretismo cultural que surgiu dentro dessas várias comunidades.

Buscar entender e compreender a história dos Bnei Anussim em Pernambuco fornece informações valiosas sobre o complexo e diversificado mosaico da história e identidade

judaica no Brasil. Atualmente ocorre um movimento crescente dos Bnei Anussim em Pernambuco para o retorno às suas raízes judaicas numa perspectiva desses indivíduos e suas comunidades voltarem a praticar a Lei Mosaica como o fizeram os seus antepassados, os judeus sefarditas ibéricos numa afirmação pública da sua identidade judaica.

Nas terras pernambucanas, os Bnei Anussim conseguiram preservar sua herança judaica, muitas vezes por meio de tradições orais e pela perpetuação de usos, costumes e rituais familiares transmitidos de geração em geração. Muitos desses judeus de origem sefardita continuaram praticar suas tradições judaicas de maneira velada, passando-as gerações após gerações. Pernambuco possui uma população significativa de Bnei Anussim, tornando-se um tema interessante para o aprofundamento do assunto ao nível de pesquisa e do estudo acadêmicos. Pernambuco possui uma rica história de presença judaica que remonta ao século XVI, quando os portugueses colonizaram uma das principais capitânicas hereditárias daquele período.

Na condição de cristãos-novos muitos judeus fugiram para o país para escapar da perseguição levada a termo pela Inquisição promovida pela Igreja Católica no Velho Continente em busca de melhores condições de vida e por liberdade religiosa. Mas, ao chegarem ao Brasil, os Bnei Anussim foram muitas vezes vigiados e sofreram denúncias advindas dos seus vizinhos cristãos-velhos que os observavam com bastante desconfiança quanto à sinceridade desses cristãos-novos a confessarem publicamente o seu novo credo, ou seja, quanto à lealdade que os Bnei Anussim pudessem possuir ao se converterem ao catolicismo. Mesmo com as conversões, esses descendentes dos judeus ibéricos, mantiveram secretamente sua identidade e práticas judaicas, transmitindo-os através das gerações. Com o passar do tempo, os filhos desses judeus forçados a se converterem ao Cristianismo passaram a ser conhecidos como Bnei Anussim ou marranos. Os Bnei Anussim em Pernambuco enfrentaram inúmeros desafios ao longo de sua trajetória, devido a sua secreta prática judaica, pois viviam vidas duplas, exercendo externamente o catolicismo, enquanto observavam secretamente os usos e costumes judaicos em suas residências.

A Inquisição buscou erradicar e punir a heresia, e, de fato, era uma ameaça constante para os Bnei Anussim, uma vez que os que praticassem a Lei Mosaica corriam o risco de serem descobertos e enfrentarem severas punições. Apesar desses perigos e dos inúmeros desafios, os Bnei Anussim conseguiram preservar sua herança judaica, muitas vezes por meio de tradições orais e rituais familiares transmitidos de geração em geração. Forçados à conversão ao cristianismo durante a Inquisição, muitos judeus de origem sefardita continuaram secretamente a praticar o judaísmo, transmitindo em particular suas tradições e

costumes entre as suas futuras gerações. Uma comunidade significativa de Bnei Anussim sempre pode deixar indícios de sua presença em Pernambuco, uma vez que ela remonta ao século XVI, conforme relatos promovidos pelo Tribunal do Santo Ofício, quando a Inquisição portuguesa chegou ao Brasil. A Inquisição buscou erradicar quaisquer práticas da Lei Mosaica por parte dos cristãos-novos e também o que a própria Igreja bem entendesse por práticas hereges remanescentes.

Ao longo da história, os Bnei Anussim enfrentaram imensos desafios para manter sua identidade judaica. No entanto, no Nordeste brasileiro e particularmente em Pernambuco, suas resiliências e determinação em dar continuidade à sua herança, permitiram que continuassem preservando, mesmo que com duros esforços, suas raízes judaicas. Hoje, há um movimento crescente entre os Bnei Anussim em Pernambuco para se reconectar com sua herança judaica e se converter formalmente ao judaísmo. Esse despertar de sua fé ancestral os aproximou de suas raízes judaicas e proporcionou um sentimento de pertencimento e comunidade a esses judeus outrora ocultos.

A história dos cristãos-novos que praticavam o criptojudáismo em Pernambuco possui origem no século XVI, quando Portugal estabeleceu sua colônia no Brasil. Muitos judeus convertidos à força na Península Ibérica migraram para a Colônia fugindo do braço inquisitorial da Igreja Católica e na busca de uma chance de praticar sua fé, mesmo que tais práticas apenas pudessem ser realizadas em segredo. Pernambuco se tornou um destino importante para os Bnei Anussim, devido à sua próspera indústria açucareira e relativo distanciamento das autoridades da Inquisição em Portugal.

Na contemporaneidade, a comunidade Bnei Anussim em Pernambuco continua existindo, embora ao longo dos séculos os descendentes dos judeus forçados fossem gradualmente assimilados na sociedade brasileira mais ampla, muitas vezes perdendo contato com suas raízes judaicas. No entanto, no final do século XX, houve um ressurgimento do interesse pela herança ancestral judaica e um desejo crescente entre alguns indivíduos de retornar ao judaísmo. Isso levou à formação de várias organizações e iniciativas destinadas a ajudar os Bnei Anussim a redescobrir e recuperar sua herança judaica. Muitas famílias no Nordeste particularmente em Pernambuco são descendentes de cristãos-novos portugueses que lutam hoje para retornar ao judaísmo.

Após o fim da Inquisição e da conversão forçada dos judeus, os Bnei Anussim brasileiros, principalmente residentes em comunidades localizadas no Nordeste, buscam reencontrar as suas raízes judaicas. Em Rosh Hashana, o ano novo judaico, O toque do shofar, um instrumento acústico-ritual hebraico feito a partir do chifre de carneiro, costuma ser

ouvido na Sinagoga Israelita do Recife, seguindo o rito marroquino deixado à comunidade local como herança pelo líder espiritual Isaac Essoudry. Ele era um judeu oriundo do Marrocos, que, desde o início da década de 1980, assumiu a missão de ensinar aos Bnei Anussim as tradições sefarditas.

Esses indivíduos e famílias se reaproximaram do judaísmo quando esses marranos começaram, à época, a frequentar a Sinagoga situada na Rua Martins Junior, localizada no centro do Recife. Também como acontece em várias partes do Brasil onde a prática do judaísmo vem ressurgindo, a maioria dos presentes que atualmente frequentam a Sinagoga Israelita do Recife é formada pelos descendentes dos judeus convertidos ao cristianismo na Espanha e em Portugal nos séculos XV e XVI.

No Agreste de Pernambuco, na atualidade, encontra-se em franco crescimento, a Sinagoga Beit Isaac Abravanel, localizada no município de Belo Jardim. Nela, Eliahu Ben Avraham, Ernesto Gomes Neto, Yochanan, e Hanna, seus filhos e sua esposa Jucy ao lado de outras cinco ou seis famílias as quais continuam dando aos seus filhos nomes hebraicos e, retornando à religião dos seus antepassados, entoam o 'Vaichulu' uma das principais rezas do Shabat. A comunidade dos Bnei Anussim em Serra dos Ventos, distrito de Belo Jardim, improvisa uma sinagoga em um sítio. Na localidade, o Shabat — o sábado — é levado bastante a sério, tendo o seu início com a aparição da primeira estrela na noite de sexta-feira e, término somente após a cerimônia da Havdalá, que ocorre já no início da noite de sábado.

Neste sítio, as mulheres preparam a chalá, o pão trançado, e pronunciam a bênção do vinho. À mesa, farofa, banana, cuscuz, cachaça e outras iguarias nordestinas ficam lado a lado com a chalá, o Sidur (livro de rezas) e o talit (xale ritual), conforme documentou o fotógrafo Felipe Groisman em seu ensaio produzido para a Revista *National Geographic*, “O retorno do Nordeste brasileiro ao judaísmo”. A terra seca do agreste não vê água há anos.

Quando chove um pouco, verdeja; os pássaros cantam, as árvores revivem e, como por um milagre, o judaísmo também renasce nas vozes comovidas dos presentes, com toda força ancestral. Na maior parte das vezes, os Bnei Anussim aprendem sozinhos o significado das palavras e das rezas hebraicas, com o auxílio da internet e têm uma vida judaica tão profunda e verdadeira quanto muitos judeus dos centros urbanos. No entanto, vivem aprisionados entre dois mundos.

O seu direito de retorno ao judaísmo está sendo discutido no Knesset, o Parlamento israelense. Pela lei religiosa judaica (Halachá), não existe retorno espontâneo: a conversão é obrigatória para qualquer pessoa não nascida de mãe judia. Ainda que os seus antepassados tenham sido judeus, eles precisariam se converter devido ao longo tempo de afastamento da

religião. Isso cria uma situação polêmica, que faz com que os descendentes dos cristãos-novos tenham de enfrentar um novo tribunal, dessa vez judaico e rabínico, para serem considerados oficialmente judeus.

A busca pela ascendência judaica aumentou muito e se tornou ainda mais polêmica com a nova política imigratória de Portugal e Espanha. Os dois países estão concedendo cidadania aos descendentes de sefarditas que conseguirem provas documentais das suas origens ibéricas – uma espécie de reparação e compensação pela expulsão e pelas atrocidades cometidas contra o povo judeu durante a Inquisição. Até o momento da grande explosão populacional brasileira, com a descoberta de ouro e diamantes em Minas Gerais, a arraigada cultura da cana-de-açúcar tinha sido a grande responsável pela fixação de gente na nova terra.

Em Pernambuco, a economia açucareira prosperou devido às relações familiares e comerciais entre os cristãos-novos e os judeus portugueses, que, após recuperarem a liberdade na Holanda, migraram em grande número para o Nordeste do Brasil, especialmente durante o domínio holandês em Recife (1630–1654), quando Maurício de Nassau governou por sete anos (1637–1644). Hoje, não só no Nordeste, cerca de 50 comunidades Bnei Anussim espalhadas pelo Brasil estão se reintegrando ao judaísmo, pela genética, por tradições culturais ou simplesmente porque gosta da cultura judaica.

Ainda no Recife, todos os anos, no sentido de se promover o retorno das famílias Bnei Anussim às práticas e aos costumes judaicos, é realizada a Festa de Purim, onde pelo menos 200 Bnei Anussim se reúnem na Rua dos Judeus, no Centro da capital pernambucana, para escutar a leitura da Meguilat Esther, o livro de Ester, ponto principal do Carnaval judaico, quando se festeja a libertação dos judeus da Pérsia. Depois da leitura, vem a festa, com muita dança e alegria, em frente à Sinagoga Kahal Zur Israel. Em alguns anos, Purim coincide com o Carnaval de Recife. “O Nordeste é uma região habitada majoritariamente por descendentes dos cristãos-novos portugueses” (Sobreira, 2017).

São abundantes as pesquisas sobre a nossa herança cristã-nova, sobretudo a partir dos estudos pioneiros (Novinsky, 2008). Inclusive vários outros autores apontaram para a mesma realidade histórica, como Freyre (1986) e Cascudo (1979). “Temos historiografia, a etnografia. Falta uma prova definitiva, que vai vir da genética molecular” (Sobreira, 2017).

Após tanto tempo de afastamento, os motivos para o reencontro com o judaísmo envolvem sempre a forte religiosidade nordestina. “Muitos Bnei Anussim tinham outras religiões e atualmente buscam a origem dos seus sobrenomes, pesquisando árvores genealógicas em documentos da Inquisição”, aponta Samuel Benoliel, presidente do Confarad, o Conselho Sefardita do Brasil. Ele aponta a angústia que todos sentem ao tentar

retornar ao judaísmo e esbarrarem em barreiras burocráticas e afetivas. Uma conversão coletiva organizada meses atrás em Recife pelo rabino Abraham Deleon Cohen Abravanel serviu para demarcar a face histórica e também política desse movimento de retorno de muitos descendentes dos antigos sefarditas.

Na atualidade, a comunidade Bnei Anussim em Pernambuco é uma comunidade atuante e emblemática, composta por indivíduos e por famílias inteiras buscam o processo de retorno ao judaísmo oficial, instituído por cortes de rabinos ortodoxos, ou estão em vias de se reconectar com essa mesma tradição. Muitos passaram por processos formais de conversão para serem reconhecidos como judeus, enquanto outros ainda estão pesquisando mais a fundo suas conexões ancestrais, na busca por compreender melhor até mesmo os usos e os costumes herdados por seus familiares e que dialogam integralmente com a tradição dos judeus de origem ibérica.

A comunidade está ativamente envolvida em atividades culturais e educacionais, como aulas de língua hebraica, seminários de história judaica e comemorações de feriados judaicos. Os descendentes dos judeus forçados a se converterem ao catolicismo na Idade Média, hoje em Pernambuco servem como testemunho da resiliência da identidade judaica e do poder da herança na formação de identidades familiares e comunitárias.

2.5 Análise da identidade judaica no Agreste de Pernambuco

2.5.1 Hábitos, usos e costumes

Acerca da história dos judeus, é comum associar a essa comunidade contextos históricos sublinhados por perseguição e sofrimento ao longo dos séculos. Um capítulo importante que merece destaque é o criptojudaísmo, a prática dos Bnei Anussim que surgiu como uma forma de sobreviver às perseguições promovidas pela Igreja Católica através da instituição da Inquisição na Península Ibérica, durante o Período Medieval.

Sobreviver sob o estigma de ter matado o Messias cristão e preservar a herança judaica tornaram-se símbolo da continuidade dos usos e costumes marranos. Nesse sentido, ao explorar as raízes históricas dessas práticas e seu impacto na construção da identidade judaica ao longo do tempo, percebe-se que tanto a História das Religiões quanto o estudo psicológico da mentalidade dos cristãos-novos e de seus descendentes, desde o descobrimento do Brasil até os dias atuais, são essenciais.

Durante o século XIII, a Inquisição foi instituída no campo da fé católica com o propósito de erradicar toda e qualquer forma de heresia. Neste contexto, o antissemitismo e a intolerância foram atizados pelo fanatismo religioso que fez surgir o fenômeno Bnei Anussim na Europa, deflagrando a expulsão dos judeus sefarditas da Península Ibérica e, devido ao início do ciclo das grandes navegações, ficou conhecido na História como a Diáspora Sefardita. Na Espanha, a Inquisição foi responsável por julgar judeus conversos acusados de praticar secretamente o judaísmo.

Diante disso, num esforço para escapar da perseguição muitos judeus se converteram ao catolicismo publicamente, tornando-se conhecidos como conversos, cristãos-novos ou marranos. No entanto, secretamente, esses cristãos-novos continuaram a manter sua fé judaica. A entrada em cena do fenômeno criptojudaísmo foi uma resposta a essa situação de opressão. Os criptojudeus eram aqueles que, embora convertidos ao catolicismo, mantinham suas tradições judaicas em segredo, realizando práticas religiosas e rituais em casa ou em locais discretos. A palavra “criptojudaísmo” deriva do termo "cripto", que significa "escondido", ilustrando bem o caráter clandestino dessas práticas.

O criptojudaísmo praticado pelos descendentes dos judeus sefarditas não era apenas uma forma de sobrevivência, mas também uma maneira de manter acesa a identidade judaica. Por meio da transmissão de tradições e valores de geração em geração, os Bnei Anussim, muitas vezes na condição de judeus clandestinos, foram capazes de salvaguardar sua rica herança cultural e espiritual. Mesmo sob o constante medo de serem descobertos e denunciados aos Tribunais do Santo Ofício persistiram na prática das cerimônias, festas e rituais judaicos, mantendo suas tradições vivas e repassando os seus usos e costumes às gerações subsequentes e preservando sua identidade.

É importante ressaltar que, apesar dos riscos envolvidos, muitas famílias cristãs-novas conseguiram manter sua identidade judaica ao longo dos séculos, até mesmo em áreas distantes da Europa e em comunidades judaicas espalhadas pelo mundo, inclusive no Brasil, com maior presença no Nordeste, em Pernambuco, Bahia e Paraíba, principalmente. De modo que essa resistência e resiliência contribuíram para a preservação da cultura judaica, mesmo nos momentos mais difíceis da história. Hoje, muitas pessoas descendentes dos criptojudeus buscam reconectar-se às suas raízes e afirmar sua identidade judaica de forma aberta, lutam por um resgate histórico e buscam conhecer a história de seus antepassados, muitas vezes iniciando um processo de conversão ao judaísmo.

Identidade e pertencimento são conceitos centrais da antropologia, amplamente difundidos pela L'École des Hautes Études, em Paris, especialmente nos estudos sobre a

relação entre cultura, indivíduo e sociedade. Identidade refere-se à forma como o indivíduo se percebe e se reconhece, englobando características pessoais, crenças e valores construídos ao longo da interação com seu meio social e cultural. Já o pertencimento representa a sensação de fazer parte de um grupo específico, no qual o indivíduo se sente aceito, reconhecido e valorizado. Esses elementos são essenciais para o desenvolvimento pessoal e influenciam diretamente como o sujeito interage com o mundo e é percebido pelos outros.

Na condição de Bnei Anussim, a autoestima foi construída ao longo do tempo a partir de mecanismos de autoaceitação e autoconfiança, mesmo em meio às adversidades. A autoaceitação se deu pela construção de uma imagem positiva de si mesmos enquanto grupo, mesmo com a necessidade de dissimular sua identidade judaica. Essa aceitação interna reforçou a autoconfiança, permitindo que desenvolvessem convicção em suas capacidades, enfrentassem desafios e preservassem suas tradições.

Além disso, a manutenção de redes sociais sólidas, formadas por laços familiares e comunitários, fortaleceu ainda mais esse senso de pertencimento, garantindo apoio mútuo e preservação de seus costumes culturais e religiosos. De onde se conclui que questões de identidade e pertencimento tornam-se bastante importantes se relacionamos a construção histórica do sujeito Bnei Anussim às características culturais e sociais que o mesmo indivíduo foi desenvolvendo ao longo da existência familiar e comunal em cada uma dessas sociedades.

2.5.2 Permanência e resistência dos Bnei Anussim

Tanto a identidade quanto o pertencimento social e a autoestima se apresentam para os estudos sobre a relação entre os aspectos psicológicos e a cultura, no modo como o indivíduo se observa e, embora sejam separadas, elas se sobrepõem e se alimentam uma da outra por inúmeras formas. A questão identitária tem a ver com o que um indivíduo imagina que represente o seu eu total como indivíduo¹. Isso cobre uma área muito ampla, incluindo identidade cultural, identidade religiosa e inúmeras outras. Geralmente a autoestima é considerada mais em termos de como as pessoas se veem em relação à sociedade mais ampla e como categorizam seu próprio valor².

De modo que, quase sempre a autoestima é fortemente influenciada pela identidade. Assim, as pessoas costumam avaliar sua autoestima com base, antes de tudo, em como se veem ao se compararem aos outros em seu grupo de identidade, mas também tendem a ser influenciadas por como percebem essa identidade, ao si compararem com as outras pessoas

em um cenário mais coletivo. Portanto, a autoestima contribui para que cada um aceite a si mesmo e valorize suas qualidades e valorizemos nossas qualidades³.

Os marranos, judeus que foram forçados a se converter ao cristianismo na Península Ibérica, durante a Inquisição Espanhola e Portuguesa, (Séculos XV e XVI), segundo Novinsky (2014), apesar de terem se tornado cristãos publicamente, muitos marranos secretamente continuaram a praticar o judaísmo. Os hábitos, usos e costumes dos marranos variavam dependendo do contexto e da região em que viviam, mas algumas características comuns entre eles incluem, principalmente, a prática do criptojudaísmo, uma vez que os Bnei Anussim, os marranos, praticavam secretamente o judaísmo em suas casas, escondendo rituais judaicos e observando as festividades inerentes ao cumprimento da Lei Mosaica em segredo.

Também costumavam manter sinagogas secretas domésticas, escondiam objetos religiosos e praticavam a circuncisão em segredo. Em relação à alimentação, os marranos se abstinham de comer carne de porco, crustáceos e cardápios preparados a base do sangue dos animais, por exemplo. Quanto às sinagogas marranas, as mesmas funcionavam como locais de culto às escondidas estabelecidos por judeus que praticavam o judaísmo em segredo, durante o período da Inquisição Espanhola e Portuguesa (séculos XV a XVII) e também em alguns lugares situados nas Capitanias, durante o período colonial do Brasil e que chegaram a perdurar ainda de maneira sub-reptícia por bastante tempo no Nordeste.

Os Bnei Anussim, descendentes dos judeus que foram forçados a se converter ao cristianismo, como criptojudaizantes, secretamente continuaram a praticar sua fé judaica. Devido à perseguição e ao risco de serem descobertas pelas autoridades da época, as práticas religiosas nas sinagogas dos cristãos-novos judaizantes eram realizadas de forma a disfarçar suas ritualísticas e ainda apresentando a característica de se passarem por muito discretas.

Pois, essas sinagogas eram muitas vezes localizadas em porões, casas particulares ou outros locais escondidos, longe dos olhos das autoridades e dos vizinhos cristãos-velhos.

As práticas religiosas realizadas nas sinagogas marranas incluíam a leitura da Torá, orações, celebração de festividades judaicas e rituais como circuncisão e casamentos segundo os ordenamentos da Lei Mosaica. No entanto, essas práticas eram adaptadas para evitar suspeitas, descobertas e denúncias aos tribunais católicos. Assim, os Bnei Anussim frequentemente incorporavam elementos cristãos às cerimônias para ocultar sua verdadeira identidade. Da mesma forma, os marranos também desenvolveram estratégias e sinais secretos para se identificarem uns aos outros e para manter a segurança das sinagogas.

Esses sinais podiam variar de comunidade para comunidade e eram usados para distinguirem-se a si mesmo dos seus vizinhos cristãos e das garras da Igreja Católica. Mesmo

diante dessas precauções tomadas pelos Bnei Anussim, muitos foram descobertos e perseguidos pela Inquisição. Os cristãos-novos que eram pegos praticando o judaísmo em segredo enfrentavam punições severas, incluindo tortura, prisão, o uso de sambenito perpétuo e até mesmo a morte.

As sinagogas marranas eram específicas para o contexto histórico da Inquisição,. Na atualidade, a maioria dos judeus pratica sua fé abertamente nas sinagogas tradicionais, sem a necessidade de ocultação. No Brasil e também na América Espanhola o criptojudaísmo teve início com a chegada dos primeiros colonizadores advindos da Península Ibérica, sendo muitos deles de origem cristã-nova, que não deixaram de praticar seus costumes e rituais judaicos de modo oculto.

Neste contexto, no país, a presença judaica começou com o descobrimento, uma vez que membros da tripulação de Pedro Alvares Cabral eram de origem judaica cristã-nova. Indivíduos fundamentais para os colonizadores que eram, na proporção de dois terços, de origem "Marrana" (termo que denomina os marranos ou cristãos-novos de origem judaica), como o próprio Fernando de Noronha que empreendeu um projeto, a custas próprias, que possuía por objetivo a exploração do pau-brasil. Através da instalação das capitânicas hereditárias e a exploração do açúcar no Nordeste brasileiro, as terras "recém descobertas" se tornaram um atrativo para diversas famílias cristãs-novas, que viriam para o Brasil em busca de prosperar com a exploração açucareira e fugir dos "olhos" do Tribunal da Inquisição. Durante o final do Século XVI, a primeira capital do Brasil, Salvador, já era um local que recebia diversas famílias tidas como de origem cristã-nova.

As famílias cristãs-novas se dirigiam para o interior do Nordeste. Nesse mesmo período, Olinda e, posteriormente, Recife já eram tidas como cidades de comércio próspero, tornando a figura dos cristãos-novos surpreendentemente por trás do desenvolvimento comercial. Em Pernambuco, muitas famílias criptojudaias partiram em direção ao atual estado da Paraíba e, posteriormente, para o Rio Grande do Norte e Ceará, efetuando assim a colonização destes Estados e desenvolvendo a exploração comercial da cana-de-açúcar.

A partir de Pernambuco, e expandindo-se para as atuais regiões de Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, chegaram os judeus portugueses que haviam se refugiado em Amsterdã. Esse movimento foi facilitado pela afinidade linguística e pelas origens judaicas em comum com os cristãos-novos já estabelecidos no Nordeste. Esses imigrantes contribuíram para o fortalecimento da produção e do comércio local, tornando-se parte ativa no desenvolvimento econômico da região.

Os comerciantes e senhores de engenho de origem cristã-nova, devido a laços históricos e culturais, mantinham relações comerciais e políticas mais favoráveis com os holandeses do que com a Coroa portuguesa. Essa afinidade comercial e cultural fez com que muitos desses cristãos-novos apoiassem a permanência holandesa, mesmo durante os conflitos de retomada do território por Portugal.

Durante a ocupação holandesa, foi construída a primeira Sinagoga da América, a Kahal Zur Israel, localizada no Recife, na Rua do Bom Jesus (Antiga Rua dos Judeus). Embora existissem sinagogas mais antigas, a maioria desses templos foi destruída pela degradação do tempo. No entanto, permaneceram escondidas em várias cidades do Nordeste, em casarões, armazéns, calabouços e outras estruturas. Destacam-se a Casa de David Senior Coronel, o Engenho Camaragibe de Diogo Fernandes e Branca Dias, em terras pertencentes a Bento Dias Santiago, rico cristão-novo em Recife, e a casa de Duarte Saraiva, além de outras espalhadas em estados como a Paraíba e em interiores. Anteriormente, funcionaram como sinagogas primitivas, mas não em caráter livre, como foi o caso da Sinagoga Kahal Zur Israel, presidida pelo rabino luso-holandês Isaac Aboab da Fonseca (1605-1693).

Através desta segunda leva ou introdução da cultura judaica na raiz do povo brasileiro, suas marcas deixaram ainda mais presentes a figura criptojudaísmo, que passou a ser ainda mais praticado, após a expulsão dos holandeses (1654), seguidas pelas duas primeiras visitas do Tribunal do Santo Ofício ao Brasil, no final do século XVII, sucedidas por mais três visitas à colônia brasileira, à Capitania da Bahia, à Capitania de Pernambuco e ao Estado do Maranhão e Grão-Pará. Esta última, de modo extemporâneo, ocorreu já ao final do século XVII, momento em que a instituição já se encontrava bastante enfraquecida.

A trajetória dos judeus, do século XIII ao século XV, foi marcada pelo fortalecimento da Igreja Católica, o que intensificou a pressão pela conversão dos judeus. Em outras palavras, naquele tempo ser batizado e aceitar o catolicismo erasinônimo da garantia por um futuro aparentemente sem o perigo de perseguições para si e sua família, possibilitando, ao menos em tese, a vida dos judeus ao mesclá-los aos cristãos-velhos, em contraste com outros convívios, em Portugal e Espanha, com os mouros, visigodos, fenícios, romanos e celtas que também habitavam a Península Ibérica. Assim, um filho de cristãos-novo, um Bnei Anussim, já nascia relativamente alheio às tradições e religiosidade judaicas.

A história nos mostra que netos e bisnetos dos judeus conversos, acabaram se tornando frades e padres, pois abraçavam a nova religião católica recebida por imposição forçada à fé cristã, com grande obstinação, fato esse peculiar à etnia hebreia. O maior orador em língua portuguesa, o Padre Antônio Vieira, que fez parte da história do Brasil, é um

exemplo dessa assimilação. Os judeus sefarditas passaram por um processo de assimilação, tornando-se cidadãos comuns, reduzindo suas práticas judaicas, abandonando a celebração do Shabat (sábado) e passando a frequentar missas dominicais. No entanto, isso não acontecia com todos aqueles que se tornavam cristãos-novos.

Uma boa parte assumia o cristianismo externamente, mas acabava se tornando o chamado “católico relapso”, passando apenas pelo batismo e, dali em diante, não assumia qualquer compromisso com a prática religiosa católica. Grande parte desses judeus veio mais tarde colonizar o Brasil. Até hoje, em nossa sociedade, esse tipo de católico descomprometido com a fé cristã, é muito comum.

E, finalmente, segundo Novinsky (2014) outra parte, não muito significativa, praticava o criptojudaísmo (pelo uso de práticas em segredo do judaísmo, através das regulamentações alimentares contidas na Lei Mosaica e dos usos da guarda do *Shabat*, o sábado, por exemplo), não assumindo interiormente a fé católica. Então, mais do que uma pesquisa histórica, a dissertação visa contribuir para a checagem de contextos culturais e sociais e identificação de uma perpetuação de alguns elementos da tradição judaica nos hábitos e costumes dos descendentes de judeus convertidos à força ao catolicismo na Idade Média, atualmente residentes em algumas localidades de Caruaru, Pernambuco.

Esse padrão será identificado através dos costumes mais frequentes e contribuirá em dois campos diferentes: o prático e o científico. No sentido prático, contribui facilitando a identificação de novas famílias que apresentem esses comportamentos provenientes do contexto cultural Bnei Anussim, ajudando-as na busca por suas origens, caso assim desejem. No campo científico, pela Ciência da Religião, contribui para os estudos sobre a cultura judaica no Brasil.

A dissertação articula estudos sobre a cultura do estado de Pernambuco, a partir da identificação de costumes de um subgrupo específico. Esse recorte pode servir como base para futuras pesquisas sobre como elementos da cultura Bnei Anussim, também conhecidos como marranos (excomungados), foram incorporados à cultura pernambucana e nordestina. Parte do povo judeu reconhece os escritos bíblicos como componente legítimo de sua história. Essa tradição remonta a aproximadamente 1000 a.C., na região norte da África, e se consolida na chamada Torá, também conhecida como Lei de Moisés. A Torá é composta pelos cinco primeiros livros sagrados do judaísmo, entregues no deserto durante a saída do Egito, no Monte Sinai.

“Os judeus se consideram descendentes diretos e exclusivos daqueles que receberam a Torá. Assim, parte deste grupo de pessoas se entende como “povo”, sob uma perspectiva de identificação e reconhecimento, a partir do momento que um conjunto de “leis, normas de condutas” foram-lhes apresentadas, convocando-lhes a adotar um estilo de vida específico e criando seus hábitos e costumes. Dessa forma, ao percorrer a história dos livros sagrados, os judeus saíram do Egito e se fixaram na Terra Prometida, onde criaram o reino de Davi e Salomão posteriormente dividido entre Judéia e Israel, onde hoje se localiza o Oriente Médio. No entanto, os judeus não se fixaram por muito tempo na terra de Israel, pois foram obrigados a se exilar em algumas ocasiões: após a destruição do Primeiro Templo, no século VI a.C., e do Segundo Templo, em 70 d.C., os judeus também foram expulsos da Espanha e de Portugal, devido à intolerância ocasionada pela instalação da Santa Inquisição e pelo estabelecimento do batismo forçado promovido pela Igreja Católica e sofreram perseguição durante a II Guerra Mundial, onde foram aprisionados e mortos em campos de concentração. O retorno à antiga pátria só se tornou viável no final do século XIX. No entanto, a II Guerra Mundial, com a perseguição e genocídio promovidos pelos nazistas, impediu que milhões de judeus voltassem para Eretz Israel, a terra de Israel, sua terra prometida um sonho de quase 20 séculos. A perseguição, dispersão e resiliência marcam a história do povo judeu... Os autores bíblicos retrataram o êxodo do vale do Nilo e o fim da escravidão no estrangeiro como o momento em que os judeus se tornaram plenamente israelitas. Viram a jornada como uma ascensão, tanto topográfica, quanto moral. Foi em cumes altos e pedregosos, paradas no caminho para o céu, que yhwh — como grafavam Iahweh — havia se mostrado (ou pelo menos pudera mostrar suas costas), fazendo o rosto de Moisés queimar e resplandecer com a radiação refletida. Desde o princípio (seja na versão bíblica, seja na arqueológica), os judeus se estabeleceram em regiões acidentadas e montanhosas. Em hebraico, o ato de imigrar para Israel ainda é chamado de aliyá, uma subida. Jerusalém era inimaginável na planície fluvial baixa. Tentações turvavam os rios; o mar era ainda pior, infestado de monstros escamosos. Aqueles que viviam em suas margens ou singravam suas ondas, como os fenícios ou os gregos, eram tidos como inconstantes, idólatras e impuros. Desse modo, aos olhos daqueles para quem o êxodo era o começo adequado de tudo o que era judeu, voltar para o Egito seria uma queda, uma descida à despudorada idolatria. Os profetas Ezequiel e Jeremias — embora Jeremias tenha ido pessoalmente ao Egito — advertiram contra essa recaída e perda da identidade judaica. “Aqueles que sucumbissem a esse desejo, advertiu o profeta Jeremias, se tornariam ‘uma maldição, um objeto de espanto, de escárnio e de vergonha’ (Jeremias 29:18 apud Schama, 2009, p. 7)

Os autores bíblicos apresentaram o êxodo do Egito como o processo pelo qual os judeus tornaram-se plenamente israelitas. Eles viam a jornada como uma ascensão, tanto topográfica quanto moral. Jerusalém era inimaginável na planície fluvial baixa, pois os rios e o mar eram considerados lugares de tentação e idolatria. Voltar para o Egito seria uma queda e uma perda da possibilidade real das práticas mosaicas. Os judeus se veem como descendentes diretos daqueles que receberam a Lei judaica e adotaram um estilo de vida específico, criando seus hábitos e costumes.

Os judeus deixaram o Egito e se estabeleceram na Terra Prometida, onde criaram os reinos de Davi e Salomão. Porém, eles foram obrigados a se exilar em várias ocasiões, devido à intolerância e perseguição, após a destruição do Primeiro e do Segundo Templo, seguida posteriormente da expulsão da Espanha e de Portugal e da perseguição durante a II Guerra Mundial. Apenas no final do século XIX, as condições para o retorno à antiga pátria se

tornaram viáveis. No entanto, a II Guerra Mundial e o genocídio promovido pelos nazistas impediram que milhões de judeus retornassem a terra de Israel, sua terra prometida.

2.5.3 Como será a continuidade

A Inquisição foi fundada na França em 1184 e chegou à Península Ibérica no século XV. Foi instaurada na Espanha em 1478 e, posteriormente, em Portugal, por solicitação do rei D. João III. A Inquisição funcionava por meio de tribunais responsáveis por julgar pessoas e grupos acusados de heresia e comportamentos contrários às normas da Igreja Católica.. Os tribunais da Santa Inquisição não eram fixos. Eles migravam de cidade em cidade em busca de infiéis e se deslocavam conforme a demanda. Por esse motivo, não possuíam sede ou estrutura permanente. Dessa forma, os inquisidores podiam instalar tribunais em lugares diversos e concomitantes, onde lhes fossem noticiados casos de heresias.

A instalação do Tribunal do Santo Ofício foi solicitada pelo rei de Portugal, D. Manuel, ao papa Leão X, mas sua implementação no país ocorreu apenas após o falecimento do monarca. Muitas práticas e dogmas judaicos eram considerados heresias pela Inquisição. Por temor da prisão ou da execução nas fogueiras do Santo Ofício, muitos judeus se converteram ao catolicismo, tornando-se conhecidos como cristãos-novos. Aqueles que não se convertiam completamente eram obrigados a praticar sua fé em segredo, mascarando seus costumes.

Após mais de meio milênio desde a criação dos tribunais da Santa Inquisição na Península Ibérica, estima-se que cerca de 170 mil judeus tenham sido convertidos à força ou expulsos da Espanha e de Portugal no final do século XV. Muitos desses judeus vieram para o Brasil e alguns mais especificamente para Pernambuco. Até o momento, não se realizou um censo demográfico em nenhum país do mundo que possa contabilizar o número dos Bnei Anussim, mas não é desprovido de sentido se estimar que o número seja em torno de milhares.

No Brasil, historiadores como Wiznitzer (1966) e Cordeiro (1994) afirmam que um em cada três portugueses imigrantes era cristão-novo, provavelmente um judeu convertido por medo da Inquisição. Novinsky (2014) apontou o registro de 40 mil julgamentos inquisitoriais no Brasil, o que incentivou as conversões e o mascaramento da fé judaica em práticas criptojudáicas, especialmente nos séculos XVII e XVIII.

No entanto, nem o tempo, a distância da terra natal ou a violência da Inquisição, que assolou a Europa e o Novo Continente por séculos, foram capazes de apagar alguns

resquícios da cultura e fé judaicas de milhares dos descendentes dos indivíduos judeus provenientes da Península Ibérica. Os Bnei Anussim hoje encontram-se espalhados pelo mundo, pela África, pela Oceania, pela Europa e pelas Américas.

No Brasil, alguns desses descendentes, isoladamente ou em grupos, vivenciam duas forças opostas: o intenso desejo de retornar ao judaísmo e as muitas dificuldades encontradas nesse processo. Outros, porém, desconhecem a origem de sua família ou simplesmente não demonstram interesse em iniciar essa busca, seja por falta de informação ou por outros motivos pessoais.

Intencionalmente ou não, boa parte desses grupos conseguiu preservar os laços de sangue entre comunidades, mesmo distantes entre si, mantendo certa uniformidade nos hábitos e costumes.. Dessa forma, muitos cristãos-novos na Europa conseguiram identificar suas origens, mesmo vivendo em regiões remotas.. Esse fenômeno também pode ser observado em Pernambuco, especificamente na zona rural de Caruaru. “Comunidades pequenas, com poucos habitantes e relativamente fechadas possuem um grau maior de preservação de hábitos e costumes tradicionais” (Oliveira, 2011). Assim, as comunidades de Jacaré de Gonçalves Ferreira, Malhada de Pedra, Serra Velha e Serra dos Pintos, próximas entre si geográfica e culturalmente, foram escolhidas para a aplicação dos questionários e a investigação cultural.

A conversão pode ter ocorrido por diversos motivos, como a busca por melhores oportunidades ou a necessidade de fugir das visitações da Inquisição e garantir a própria segurança. Muitos cristãos-novos se estabeleceram em regiões remotas da colônia, o que dificulta a delimitação geográfica exata de onde possam estar hoje. Existe um importante número de usos e rituais de origem judaica no Nordeste, como buscou demonstrar o documentário brasileiro “*A Estrela Oculta do Sertão*” (Eiger; Valente, 2016) produzido na Região Nordeste, cujo destaque encontra-se no enfoque extradições judaicas presentes nas práticas culturais do povo nordestino.

O documentário contrapõe dois lados de uma mesma moeda: o judaísmo oficial e o judaísmo praticado pelos retornados. São trazidas à tona questões como tolerância, identidade, preconceito e fé. O documentário ‘*A Estrela Oculta do Sertão*’ é dividido em duas partes: a primeira apresenta especialistas em cultura judaica e famílias que retornaram à prática do judaísmo; a segunda mostra famílias católicas com costumes judaicos em diversas cidades, especialmente da Paraíba e do Rio Grande do Norte..

A identidade dos Bnei Anussim é um processo complexo, muitas vezes impulsionado pela simples curiosidade sobre costumes familiares. Esses costumes, frequentemente ligados

às tradições judaicas, conseguiram se preservar por mais de 400 anos. Alguns desses costumes incluem: contar estrelas, limpar a casa, realizar jantares nas sextas-feiras, varrer a casa da porta para dentro, matar galinhas e enterrar seu sangue, além de sepultar os mortos apenas com mortalhas, diretamente na terra. Em outros casos, uma simples conversa com um parente pode revelar a origem judaica da família, já que muitos ainda guardam, escondidos, objetos que comprovam suas raízes judaicas ao longo das gerações. Já para outros, o passado judaico requer mais esforços e dedicação, como pesquisas genealógicas.

Muitos marranos mantiveram o hábito de viver juntos em comunidades relativamente fechadas. Eles eram ricos, exerciam grande influência no Estado e também tinham prestígio na corte do rei. (Azevedo, 1921; Bethencourt, 1994). Todavia, nem a riqueza nem a influência os protegiam da Inquisição. Eles continuavam sendo perseguidos sempre que sua verdadeira identidade judaica era descoberta.

Muitas comunidades judaicas ao redor do mundo consideram os marranos verdadeiros mártires, em virtude das severas perseguições que sofreram. Diversas comunidades judaicas mantiveram contato com os marranos, fortalecendo sua crença no Deus de Israel ao longo dos anos de perseguição. A Inquisição estava convencida de que só seria possível acabar com a influência judaica na vida civil na Península Ibérica, com a expulsão de todos os judeus da Espanha durante o período da União Ibérica (1580-1640). Por interesses políticos, a pureza de fé tornou-se obrigatória para se viver no regime autoritário católico espanhol. Esse objetivo se consolidou em 1492, com o decreto que resultou na expulsão dos judeus espanhóis. Em 1497, Portugal anunciou a expulsão de todos os judeus que habitavam no país. Uma minoria dos judeus se salvou da expulsão através do batismo e da conversão ao catolicismo, aumentando assim o número de marranos.

“Os judeus que se negaram à conversão foram mortos e os que conseguiram fugir para o exílio, o fizeram. Muitos judeus fugiram de Portugal e chegaram em Pernambuco para praticar sua fé judaica, no período do domínio Holandês. Aqueles judeus que aqui vieram deixaram grandes feitos, no Recife Antigo construíram a primeira Sinagoga das Américas, a Kahal Zur Israel (Rochedo de Israel), na época da dominação holandesa em Pernambuco” (Levy, 1990).

A ocupação holandesa estendeu-se por outros estados brasileiros, controlando territórios desde o Ceará até as margens do Rio São Francisco entre 1630 e 1637. O local com maior período de ocupação juntamente a capital pernambucana, quando João Maurício de Nassau, militar alemão que foi convidado pela Companhia das Índias Ocidentais para ser o governador-geral da colônia holandesa no Brasil em 1637, a ocupação teve início em 1630 e

findou com a retomada das terras brasileiras por Portugal e uma aliança de locais, em 1654 os holandeses deixam o Estado. Apesar do grande influxo no período da ocupação holandesa, a imigração judaica ao Brasil remonta à época do descobrimento, com os chamados “cristãos-novos” (Levy, 1990).

Na maior colônia portuguesa, alguns deles abdicaram das práticas judaicas, outros as mantinham escondidas por segurança. Mas foi em fevereiro de 1630, com a ocupação holandesa que os judeus dos Países Baixos, alguns dos quais descendentes dos que haviam fugido da Península Ibérica rumo à Holanda, chegaram ao Brasil. Levy (1990) investigou inicialmente o tema para dissertação de mestrado, na Universidade de São Paulo (USP). “Os judeus que vieram ao Brasil eram descendentes dos cristãos-novos que se mudaram para a Holanda um século depois da conversão forçada pela Inquisição no fim do século XV, e durante o XVI. Naquele país, eles puderam ‘retornar ao judaísmo’, recuperando tradições e reorganizando-se enquanto comunidade” (Levy, 1990, p. 45).

Muitos desses judeus holandeses integravam a Companhia das Índias Orientais, uma empresa de mercadores fundada em 1602, cujo objetivo era excluir os competidores europeus daquela importante rotacomercial. No Recife, eles foram abrigados por parentes aqui já estabelecidos, mas constituíram sua própria comunidade na qual podiam professar sua religião em paz, dedicando-se ao comércio, à botânica e à engenharia. Construíram escolas, sinagogas e cemitério, contribuindo significativamente para o enriquecimento da vida cultural da região.

A Holanda, país protestante de forte tradição comercial, abriu suas portas para outras religiões após conquistar sua independência da Espanha. Foi nesse período que muitos cristãos-novos deixaram Portugal e migraram para lá. Existiam alguns calvinistas que tinham animosidades contra os judeus, mas, de forma geral, a política holandesa era de tolerância religiosa. Maurício de Nassau, um grande humanista, defendia a visão de que o bom convívio de grupos de diferentes religiões seria politicamente mais proveitoso, e também do ponto de vista econômico [...]. Com o intuito de transformar Recife na “capital das Américas”, Nassau investiu em grandes reformas, tornando-a uma cidade cosmopolita. Apesar de benquisto, ele acabou acusado por improbidade administrativa e foi forçado a voltar à Europa em 1644 (Levy, 2018).

João Maurício de Nassau foi um conde holandês, enviado ao Nordeste brasileiro em 1637 pela Companhia das Índias Ocidentais. Sua função era governar as terras dominadas pelos holandeses na região de Pernambuco. Seu governo durou sete anos e foi responsável por várias transformações, principalmente urbanística em Recife. Após o fim da administração Nassau, a Holanda passou a exigir a liquidação das dívidas dos senhores de engenho

inadimplentes muitos fatores que levaram à Insurreição Pernambucana e que culminaria, mais tarde, com a expulsão dos holandeses do Brasil em 1654. Na prática, mesmo depois de terem sido derrotados, os holandeses receberam dos portugueses 63 toneladas de ouro para devolver o Nordeste ao controle lusitano no século XVII.

O pagamento envolvia dinheiro, cessões territoriais na Índia e controle sobre o comércio do chamado Sal de Setúbal, segundo disse à *BBC News* Brasil em 2015, Evaldo Cabral de Mello, historiador e integrante da Academia Brasileira de Letras (ABL). O montante equivaleria a cerca de 500 milhões de libras esterlinas (R\$ 4 bilhões) em valores atualizados, de acordo com Sam Williamson, que fez o cálculo na ocasião a pedido da reportagem, professor de economia da Universidade de Illinois, em Chicago nos Estados Unidos, e cofundador do *Measuring Worth*, ferramenta interativa que permite comparar o poder de compra do dinheiro ao longo da história.

“Os judeus que aqui haviam fincado raízes se viram sem alternativa, pois receberam um ultimato do então governador da região. Francisco Barreto de Menezes: três meses. Alguns deles fugiram para o Sertão, outros decidiram voltar à Holanda — dando início à epopeia. Após a intempérie com os piratas e a prisão na Jamaica, 23 deles, entre os quais famílias com crianças nascidas no Brasil, partiram rumo a Nova Amsterdã. Registros populacionais da Prefeitura de Nova York mostram que eles chegaram em setembro de 1654, mas não foram "bem recebidos. A então colônia holandesa era insignificante, quase deserta e governada por um calvinista fanático, Peter Stuyvesant, que impôs várias dificuldades aos recém-chegados. "Stuyvesant não gostava de judeus. Ele não queria permitir a entrada deles. Mas a comunidade judaica da Holanda interferiu a favor deles e eles foram aceitos. O restante do grupo - que havia ficado preso na Jamaica - acabaria se juntando aos 23 posteriormente", acrescenta. Apenas, os 23 judeus conseguiram sobreviver a partir do comércio, que logo cresceu, atraindo mais judeus para a cidade, que viria a mudar de nome (para Nova York) em 1664. Depois da guerra de independência americana, seus descendentes alcançaram plena cidadania. Um deles, Benjamin Mendes (1745-1817), fundou a Bolsa de Nova York. “Na ‘Big Apple’ ou ‘Grande Maçã’ (em português), apelido da cidade de Nova York, um monumento, chamado Jewish Pilgrim Fathers, rende homenagem aos Henrique, Lucena, Andrade, Costa, Gomes e Ferreira Pereira, que ajudaram a fundar e desenvolver a cidade” (Levy, Como 23 expulsos do Recife ajudaram a Fundar Nova York, mar.2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56423846>. Acesso em 10 de set. 2023).

Com a chegada dos judeus em Nova Amsterdã, em setembro de 1654, após a fuga de Pernambuco, parte da comunidade judaica no Recife fugiu para o sertão, enquanto outra parte retornou à Holanda. Assim, um grupo de 23 judeus, incluindo famílias com crianças nascidas em Pernambuco, partiu para Nova Amsterdã. Contudo, em Nova Amsterdã, eles não foram bem recebidos pelo governador Peter Stuyvesant, um fanático calvinista que impôs várias dificuldades aos recém-chegados. De um modo ou de outro, os judeus conseguiram sobreviver em Nova Amsterdã graças ao comércio e atraíram mais judeus para a cidade, que

posteriormente viria a mudar de nome para Nova York em 1664. Após a guerra de independência americana, os descendentes dos judeus alcançaram plena cidadania e alguns deles, como Benjamin Mendes, fundador da Bolsa de Nova York, tiveram papel importante na história da cidade. Em Nova York, nos dias atuais, um monumento chamado Jewish Pilgrim Fathers homenageia os pioneiros judeus que ajudaram a fundar e desenvolver a cidade.

Após a ocupação holandesa, uma nova leva de imigrantes judeus começou a chegar ao Brasil em 1810, oriundos, em sua maioria, do Marrocos. Eles se estabeleceram principalmente em Belém, onde fundaram a segunda mais antiga sinagoga do Brasil, que continua ainda hoje em pleno funcionamento. Ali também construíram o primeiro cemitério israelita do país. A partir de então, a imigração judaica se intensificou culminando com seu apogeu na primeira metade do século XX, após a IIª Guerra Mundial. Além do Nordeste, Sul e Sudeste foram os principais destinos. Os imigrantes partiram, na maior parte, da Europa e de alguns países árabes.

Os judeus convertidos que optaram por permanecer no Estado, após a expulsão dos holandeses, ficaram temerosos por suas vidas e decidiram adentrar pelos sertões, espalhando-se pelo agreste, zona da mata e litorais. O mais distante possível das capitais, para dificultar o encontro com os inquisidores. Não houve um padrão: muitos convertidos se assimilaram com as pessoas que habitavam nessas regiões, já outros tentavam manter o próprio sangue casando-se entre eles (primos com primos) Esses últimos têm mais facilidade em cultivar costumes e práticas judaicas até hoje, mesmo sem entender o que são ou por que os fazem. Esses costumes e práticas são reproduções familiares.

Em algumas pequenas comunidades localizadas no interior de Pernambuco, na zona rural de Caruaru, em Malhada de Pedra, Serra dos Pintos e Serra Velha, é comum encontrar famílias que se casaram entre si, primos com primos, costume um pouco estranho para outras comunidades locais. Costumes comumente identificados entre pessoas dessa região são: não comer carne de porcos ou mesmo marisco, por serem “comidas proibidas”, não se trabalhar aos sábados, o dia santo para os judeus. Mesmo que a maioria dos habitantes daquela região sejam católicos praticam costumes judaicos, por terem aprendido com seus familiares.

Outra possível marca presente no sertão de Pernambuco é a utilização, por parte de fazendeiros, vaqueiros ou mesmo lavradores, de um pequeno chapéu de couro que remete a uma espécie de kipá, típico chapéu usado nas rezas judaicas. Esses mesmos chapéus de couro, no sertão, tomaram o lugar do tradicional solidéu judaico denominado kipar, substituindo assim a cobertura usada sob a cabeça do homem sertanejo, de maneira que o acessório em

suas adaptações foi também repassado por gerações, salvaguardas as suas úteis funções que se voltam para protegê-lo do sol escaldante do sertão.

Em julho de 2017, foi instaurado um tribunal rabínico no bairro de Boa Viagem, na cidade do Recife, vindo de Miami, Flórida nos Estados Unidos. O rabino Abaham Deleon Cohen, através do seu tribunal rabínico, reintegrou ao judaísmo, segundo a lei Judaica, cerca de 36 Bnei Anussim (filhos forçados), descendentes dos judeus portugueses e espanhóis chamados de judeus sefarditas. Eles conseguiram retornar às leis judaicas de acordo com a halachá, a lei judaica. Esses indivíduos possuem sobrenomes bem comuns na comunidade pernambucana, como Pereira, Siqueira, Andrades, Gonçalves, Oliveira, Cardoso, Alves, Bezerra e outros sobrenomes populares.

Os candidatos que passaram pelo tribunal rabínico (Beit Din) foram analisados durante cerca de dois anos, participando de seleções, questionários e entrevistas, além da construção de árvores genealógicas para identificar se possuíam vínculo comprovado com descendência judaica e, portanto, eram elegíveis ao retorno ao judaísmo. Esse caminho de retorno às origens não foi simples. Os Bnei Anussim passaram por diversas provas e pesquisas familiares, como a identificação de costumes e tradições. Ao final, participaram de um banho ritual (mikva) e fizeram o juramento de unicidade, reconhecendo o Deus de Israel. Com isso, cada um recebeu seu certificado de judaísmo. Após esse reconhecimento, muitos deles conseguiram migrar para Israel em busca de reafirmar sua identidade e religiosidade judaica. Outros, aproveitando-se das leis de reparação de Portugal e Espanha, estão migrando para esses países, recebendo a cidadania concedida como forma de reparação pelos danos sofridos pelos filhos dos judeus expulsos de Portugal e Espanha.

A presente análise visa identificar e pesquisar os costumes dos descendentes dos judeus obrigados a conversão forçada pela igreja católica na época da reconquista de Pernambuco pelos portugueses. Os Bnei Anussim ou (marranos excomungados) encontram-se majoritariamente no estado de Pernambuco, foco da ocupação holandesa no século XVII, mas podem ser encontrados em todo o Nordeste. Eles praticam certos costumes que aprenderam dos seus antepassados, vivem praticando atos religiosos judaicos, mas não têm ideia de que são descendentes de judeus.

Esse trabalho encontra-se em um campo exploratório, mas não se atém a ele, possuindo etapas interdependentes que vão desde a revisão bibliográfica, consulta a documentos primários e entrevistas semiestruturadas. Então esse é um trabalho de reconstrução de uma trajetória de um povo e identificação de seus costumes, em que uma fase depende da outra, embasando-a. Advindo daí que esse trabalho com a memória não é algo

simples, correndo o risco de se ater a uma única narrativa e perder a capacidade de generalizar. Sob a perspectiva metodológica, outro desafio é definir a partir de quantos hábitos e costumes pode-se identificar o entrevistado como descendente de judeu. A problemática consiste em redescobrir esses indivíduos, filhos de portugueses e espanhóis forçados à conversão pela Santa Inquisição, e proporcionar a eles a oportunidade de reconhecer suas origens como descendentes de judeus, os Bnei Anussim, fazendo com que compreendam suas raízes.

O criptojudaísmo no Brasil mistura-se à tradição nordestina, principalmente nos Estados onde as famílias de cristãos-novos se instalaram, seja no período inicial da colônia ou nos períodos de dominação holandesa. Esses costumes criptojudaicos ficaram enraizados, embora de modo oculto e somente estão sendo desvendados com pesquisas acadêmicas específicas, reacendendo as chamas antes apagadas pela inquisição católica no Brasil, da identidade e pertença desses descendentes dos judeus sefarditas.

O recolhimento das famílias dentro de casa em dia de sexta-feira, onde toda roupa do corpo ou das camas devem ser trocados e a casa é limpa até às 12h do dia, também fazem parte das tradições judaicas preparativas do *Shabat* (preparação para o Sábado sagrado). As orações em famílias fazendo acompanhar-se de duas velas virgens que são acesas apenas por mulheres, de preferência pela matriarca da casa, na mesa da casa, também é uma tradição de preparação do sábado e em muitas localidades do Nordeste, onde é colocado mel cobrindo a base da vela, no amparo onde ela é colocada. Do mesmo modo, uma brincadeira antiga e que, provavelmente, se mantém no interior do Nordeste é de dar uma moeda para os netos ou crianças da casa para que estas busquem a primeira estrela da noite de sexta feira e contem para o patriarca da casa, sendo esta uma forma antiga de se marcar a hora em que as orações do sábado deveriam ter início.

A influência Bnei Anussim, marrana ou criptojudaica se expande inclusive na culinária, com a preparação do pão ou bolacha de pedra quente, que é uma espécie de bolacha feita com farinha de trigo ou de mandioca, com sal, água e azeite, onde a mesma é assada em uma pedra quente. Trata-se, pois, junto com a popular tapioca, de origem indígena, de uma versão do pão ázimo ou matzá, a bolacha sete-capas e o "pão bolachão" bastante presentes nos estados de Sergipe, Alagoas e Bahia, deixados pela cultura judaica. Também no abate dos animais e no preparo de suas carnes, a cultura judaica se faz presente.

Os atos comuns de vendar os olhos de bois, cabritos, carneiros, bodes e outros animais “não remeros”, que “não fazem mal ao consumo”, segundo o homem nordestino, e ainda, antes do abate do animal, assim como se repete na ritualística sacerdotal ou culinária judaica,

é um costume típico do sertanejo. Principalmente se este vier antecedido de uma oração de preparação para esta tarefa e se, posteriormente ao ato da degola do animal, se fizer todo o escoamento do sangue do animal abatido sobre a terra, tal como o ato típico do abate Kosher ou kasher, que é o abate ritual dos animais denominados “puros” para o consumo.

Muito dos pratos típicos sertanejos, a base de carne de ovinos e caprinos, assados ou cozidos têm origem judaica hispano-portuguesa. Também a condição de "Romper a Páscoa", muito difundida no interior do Nordeste, onde toda a família se reunia na casa do patriarca e esperava até a meia-noite para se comer o cordeiro ou cabrito, assado de pé e com ervas como a rúcula, é uma tradição cultuada pelos antepassados judaicos destas famílias. Além destes, existem ainda muitos outros hábitos e costumes de origem e da tradição judaica no Nordeste e também nessas comunidades de Caruaru presentes, como a marcação com desenhos feitos com carvão e outros materiais, na entrada das casas, com símbolos de estrelas de seis pontas e outras grafias, que representam as mezuzás colocadas nas portas das casas judaicas, por exemplo, tais como bem os descreve o filme documentário chamado: A Estrela Oculta do Sertão (Elaine; Valente, 2016).

A permanência e resistência dos Bnei Anussim são um testemunho poderoso da resiliência e adaptações sucessivas do povo judeu. Desde o início da Inquisição espanhola no século XV até os tempos atuais, os Bnei Anussim enfrentaram perseguição e marginalização, mas nunca abandonaram completamente a fé e a cultura judaica.

A resiliência dos Bnei Anussim manifesta-se de diversas maneiras. Uma das formas é a preservação das tradições judaicas em segredo mesmo em face do agente perseguidor. Por exemplo, muitos Bnei Anussim continuaram a observar festividades e feriados judaicos, celebrar bar e *bat mitzvahs* e praticar rituais judaicos em segredo. Os descendentes dos judeus provenientes da Península Ibérica também mantiveram alguns resquícios da língua judaica, o dialeto ladino, surgido em Portugal e Espanha, e que nas suas variações linguísticas utilizadas em algumas comunidades Bnei Anussim por alguns rincões distantes do Brasil, é uma importante expressão cultural dessa cripto-identidade judaica.

Outra forma de resistência é a migração para novos países, onde os Bnei Anussim pudessem viver abertamente como judeus. Nos últimos séculos, muitos Bnei Anussim deixaram a Península Ibérica e se estabeleceram em países como a França, a Holanda, o Reino Unido, os Estados Unidos e a América Latina. Nesses países, eles puderam reviver suas tradições judaicas e construir novas comunidades.

A resistência dos Bnei Anussim também tem sido manifestada através da resistência política e cultural. No século XIX, os Bnei Anussim começaram a lutar pelos seus direitos

como judeus. Os Bnei Anussim formaram organizações judaicas, publicaram jornais e revistas e até mesmo organizaram manifestações dentro e fora do Brasil para exigir que os seus direitos fossem reconhecidos. No século XXI, os Bnei Anussim continuam, cada vez mais, a lutar pelos seus direitos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O judaísmo trata-se de uma cultura, de uma identidade e de uma religião que possui milênios de história e tradição. Os praticantes da Lei Mosaica ao longo da História foram perseguidos e fugiram de inúmeros países, com isso passaram por diversas situações desde a destruição do Segundo Templo, em 70 d.C., depois a Europa, até chegarem ao Brasil à época do seu descobrimento, formando, inclusive parte de sua primeira leva de povoadores. Devido a isso, boa parte dos nordestinos possuem origem cristã-nova e vários elementos identitários judaicos também são encontradas nesta Região, notadamente nos estados de Pernambuco e na Paraíba.

Mesmo com a pouca representatividade quantitativa daqueles indivíduos que oficialmente se fazem reconhecer na sua judaicidade, em Pernambuco, torna-se evidente a instigante herança religiosa e cultural deixada pelos cristãos-novos, marranos ou criptojudes em várias localidades pernambucanas, e, por isso, no município de Caruaru, localizado no agreste do estado, este fenômeno também se faz evidente. A ascendência da cultura Bnei Anussim ou cristã-nova contribuiu para a perpetuação e para a propagação dos resquícios da fé judaica por todo o Nordeste e particularmente em Pernambuco. A instalação da Kahal Tzur Israel, a primeira sinagoga das Américas, em 1637 foi o primeiro passo para o reconhecimento da religiosidade do povo judeu em terras pernambucanas.

Em nosso estudo foi enfatizada a possibilidade existência da condição de Identidade e Pertencimento entre os moradores da zona rural de Caruaru, descendentes dos primeiros cristãos-novos que começaram a habitar aquelas localidades a partir do Século XVII. Além disso, foi analisado o resultado adquirido pelo questionário produzido pelo Rabino Abraham Deleon Cohen Abravanel e por sua instituição a *Abarbanel Foundation*, que no ano de 2017 veio a Pernambuco a fim de instituir um Beit Din (Tribunal Rabínico), instalado no Recife com o propósito de avaliar e fazer retornar ao seio do judaísmo ortodoxo aqueles Bnei Anussim, marranos e criptojudes que assim quisessem regularizar sua situação religiosa frente ao judaísmo dito oficial.

Portanto, o estudo observou e buscou reiterar o processo da construção da identidade e pertença Bnei Anussim, fruto da conversão forçada ao catolicismo, pode abalizar e direcionar o julgamento feito pelo Rabino Abraham Deleon e seu Bei Din (Tribunal Rabínico), em favor dos Bnei Anussim que assim foram estornados e ou convertidos ao judaísmo de natureza ortodoxa, no Recife no ano de 2017. Também, recentemente, a Rede Globo exibiu no mês de agosto de 2023, especial sobre a Presença de judeus na Serra do Ororubá em Pesqueira/PE,

nele, o presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Pernambuco, Jaques Ribemboim afirma que a localidade de Urui em Pesqueira, pode ser o elo que faltava sobre a confirmação de que os judeus adentraram o Agreste e o Sertão pernambucano. Isso dá sentido histórico, antropológico e atualidade ao estudo acerca de Identidade e Pertencimento Bnei Anussim em Pernambuco. O estudo sobre a Identidade e Pertencimento Bnei Anussim em Pernambuco remete-nos à presença histórica dos judeus no estado.

Fizemos uso dessa entrevista com a intenção de fazer o entrevistado pensar e falar sobre os seus hábitos e costumes e sobre a importância de sua tradição cultural para a efetivação de sua judaicidade. Este estudo está fundamentado nos estudos identitários e de pertencimento cultural e nos seus teóricos de referência, compreendendo o aporte do estudo dos aspectos semiológicos e simbólicos dos signos, categorizando dessa forma também essas condições de identidade e pertença que vão além do cumprimento mecânico das práticas cotidianas, isto é, além dos processos conscientes relacionados com os afazeres desses indivíduos.

Assim, as entrevistas buscam esclarecer sobre como se sistematizam e como são empregados os vários elementos dessa tradição Bnei Anussim para que possamos compreender a realidade/perpetuidade do fenômeno Bnei Anussim em Pernambuco, particularmente, nessas comunidades localizadas na zona rural do município de Caruaru. Situado no campo das Ciências da Religião, o trabalho tem a intenção de, concomitantemente ao aspecto cronológico desde a chegada dos cristãos-novos ao Nordeste brasileiro, buscar o paralelismo desse processo identitário recorrendo aos usos e costumes dessas populações, do Brasil Colônia até o momento atual, por intermédio de um objeto, o uso da própria tradição, que nem sempre é plenamente consciente por parte do indivíduo. Pela aproximação com o fenômeno da própria reverberação de práticas judaicas e criptojudaicis nessas comunidades e como isso contribui para a conservação da tradição no campo religioso brasileiro.

Na fase de conclusão, analisamos as condições recorrentes na perpetuação desses usos judaicos e criptojudaicis, da tradição oral e familiar e através da relação causal intencional e não intencional que representam esses grupos. Construímos esses argumentos sistematizando-os a partir das interpretações identitárias e de Pertença, pontuando as relações entre as representações e os elementos identitários que foram mapeados, como resultado característico do estudo. A região do Agreste e do Sertão pernambucano possuem uma rica história e diversidade cultural.

Durante o período da visitação do Santo Ofício a Pernambuco e à época da expulsão

holandesa, é provável que alguns judeus tivessem fugido para o interior do estado de Pernambuco, buscando refúgio em comunidades mais distantes e isoladas. A afirmação de Jaques Ribemboim de que a localidade de Uruí, em Pesqueira, pode ser o elo que faltava para confirmar a presença judaica na região é extremamente relevante, pois além de trazer atualidade à pesquisa sobre a Identidade e Pertencimento Bnei Anussim em Pernambuco, fornece uma pista valiosa para entender melhor essa parte da história dos descendentes de cristãos-novos que povoaram também a localidade de Caruaru/PE, também situada no Agreste Pernambucano.

A partir dessa descoberta, pesquisadores e historiadores podem se aprofundar na investigação arqueológica, genealógica e cultural para buscar evidências que respaldem essa teoria acerca da presença dos judeus e cristãos-novos também em Caruaru. Isso envolve o estudo de registros históricos, como documentos coloniais, relatos de viajantes e pesquisas antropológicas, além de levantamentos arqueológicos que venham a indicar influências judaicas na arquitetura, maneiras de vida e práticas culturais locais. Esse novo sítio arqueológico instalado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na localidade da Serra do Ororubá, em Pesqueira, Pernambuco, é importante para resgatar e dar visibilidade à história dos judeus que foram obrigados a esconder suas tradições religiosas e culturais, que fugiram do Recife e adentraram o Agreste e o sertão pernambucano, após a expulsão dos holandeses de Pernambuco, ocorrida com a vitória da Insurreição Pernambucana sobre os batavos. A condição da presença de judeus e cristãos-novos no Agreste pernambucano nos ajuda a compreender melhor a formação da identidade pernambucana e a diversidade étnica e religiosa presente na região.

A presença judaica em Pernambuco e em outras partes do Nordeste do Brasil, desde o seu descobrimento, é uma parte não muito conhecida da história oficial, mas que vem sendo cada vez mais estudada e valorizada. A importância dessa pesquisa está em reconhecer e dar voz às comunidades descendentes dos cristãos-novos e Bnei Anussim do Nordeste que contribuíram para a construção cultural e social do estado de Pernambuco, inclusive. Acerca da presença dos judeus no agreste pernambucano, mais especificamente em Uruí, em Pesqueira/PE, o conteúdo exibido pela Rede Globo apresenta documentos inéditos ligados ao judaísmo encontrados no território de uma antiga vila do interior de Pernambuco.

A presença dos judeus e Bnei Anussim em Pernambuco tem a ver com costumes e memórias da população local ligados à alimentação, ao luto, ao modo de viver marranos e como estes podem ter sido, por exemplo, introduzidos e mesclados no cotidiano da população da Vila de Cimbres, distrito da cidade de Pesqueira, agreste de Pernambuco. Neste sentido,

levanta-se também a hipótese de uma rota ou destino de migração de cristãos-novos para a região supracitada.

Para o estudo em questão, é preciso, portanto fazer uso da interdisciplinaridade entre História, Arqueologia e Arquitetura na análise de dados e documentos do século XVIII e XIX, principalmente, cujo conteúdo e importância ecoam na realidade atual. O Agreste pernambucano e o município de Caruaru foram escolhidos como referência para este estudo por apresentar indícios de presença de descendência judaica/cristã nova sem que este aspecto que nunca tenha sido abordado. A escolha das comunidades localizadas na Zona Rural do município de Caruaru se fundamenta ainda pela presença de usos e tradições de origem judaica praticados ainda nos dias de hoje, por famílias inteiras, mesmo quando algumas delas se afirmam católicas, na condição de que ainda assim, as mesmas ainda permanecem e continuam a praticar usos e costumes notadamente judaicos.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Sandy. **Horizontes Sefarditas: A Diáspora Anusim na Era da Globalização**. Seattle: Iberian Ashkenaz Pressconsultada.

ATHIAS, Renato. Isaac Essoudry: **O marroquino dos retornados em Recife**. Medium, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@rathias/isaac-essoudry-o-marroquinochacham-dos-retornados-em-recife-b643ee191e5b>>. Acesso em 08 de dez. de 2019.

BRANN, Ross. **Os judeus secretos do Brasil: um retrato dos cripto-judeus**. Filadélfia: Sociedade de Publicação Judaica, 1999.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Inquisição**. Ensaio sobre Mentalidades, Heresias e Arte. Editorial Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1992.

CHABAD.ORG. Beit Chabad Recife Brasil, 2019. Sobre. Disponível em : <https://pt.chabad.org/centers/default_cdo/aid/117764/jewish/Beit-Chabad-RecifeBrazil.htm> . Acesso em: 08 de dez. de 2019.

GITLITZ, David M. **Conversos on Trial: The Inquisition in Ciudad Real**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1988. Lewin, Helena (coord.) Identidade e cidadania como se expressa o judaísmo brasileiro.

FEITLER, Bruno. **Nas malhas da consciência: Igreja e inquisição no Brasil**. Editora Unifesp. 2019.

FREYRE, Gilberto. **Obras reunidas de Gilberto Freyre**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. V. 2, p. 1001.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 58. ed. São Paulo: Global, 2023

LEVY, Daniela. **Os judeus na formação de Nova York** (Editora Planeta).

LIPNER, Elias – **Batizados em pé** – Editora Imago – Rio de Janeiro-RJ-1983

NETO, Lira. **Arrancados da Terra** - Perseguidos pela Inquisição na Península Ibérica, refugiaram-se na Holanda, ocuparam o Brasil e fizeram Nova York. Editora Companhia das Letras. 2021.

NOVINSKY, Anita. **Cristãos-novos na Bahia: 1624-1654**. Perspectiva, Ed da Universidade de São Paulo, 1972.

NOVINSKY, Anita. , **Bens confiscados a Cristãos-novos no Brasil, Século XVIII**. Editora Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1978, Lisboa

NOVINSKY, Anita. Inquisição. **Cristãos Novos na Bahia**, 11ª edição. Editorial Perspectiva, São Paulo, 2007.

NOVINSKY, Anita. **Gabinete de Investigação:** uma “caça aos judeus” sem precedentes. Brasil-Holanda, séculos XVII e XVIII. Editora Humanitas, São Paulo, 2007.

NOVINSKY, Anita. **O Santo Ofício da Inquisição no Maranhão.** A Inquisição de 1731. Editorial Universidade Estatal do Maranhão, São Luiz, Maranhão, 2006.

NOVINSKY, Anita. **Inquisição:** Prisioneiros do Brasil. Editorial Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 2002.

NOVINSKY, Anita. **Ibéria Judaica.** Roteiros da Memória. Editorial Expressão, Rio de Janeiro y EDUSP, São Paulo, 1996.

NOVINSKY, Anita. **Inquisição.** Rol dos Culpados. Editorial Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1992

NOVINSKY, Anita. **O olhar Judaico em Machado de Assis.** Editorial Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1990.

NOVINSKY, Anita. **Inquisição:** Inventários de bens confiscados a cristãos novos no Brasil Editorial Imprensa Nacional. Casa de la Moneda, Lisboa, 1978.

NOVINSKY, Anita. **Padre Antônio Vieira, Inquisição e os Judeus.** 1991

WIZNITZER, Arnold. **Os Judeus no Brasil Colonial.** A Pioneira – Ed. Universidade de São Paulo-SP, 1966

NUNES, Mendel. "Os Bnei Anussim e a Comunidade Judaica Global." Revisão Judaica de Livros, vol. 3, não. 2, 2016, pp. 32-37.

OLIVEIRA, N. da S.; MAIO, M. C. Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil, **Sociedade & Estado**, v. 26, n. 3, p. 521-550, 2011.

PELED-FLAX, Ariel. "Cripto-judeus do Nordeste do Brasil: um elo vivo para uma herança perdida." **Jornal de Identidades Judaicas**, vol. 5, não. 2, 2012, pp. 51-76.

RIBEMBOIM, Jacques, Ribemboim, José Alexandre e Porto, Waldenio. **Synagoga Israelita do Recife de Portas Abertas.** Recife. Ed. Comunigraf, 2008.

ZISMAN, Meraldo. **Marranismo.** 2.ed. Ed. Bagaço, Recife, 2014.

Documentário:

Os judeus que construíram o Brasil, 2016. A Estrela Oculta do Sertão” de Elaine Eiger e Luize Valente.

Notas:

Capítulo 2

(1) Qual é a conexão entre identidade e autoestima? - Spiegato.
<https://spiegato.com/pt/qual-e-a-conexao-entre-identidade-e-autoestima>.

(2) Artigo: Identidade e autoestima - Correio Braziliense.
https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniaio/2020/05/23/internas_opiniaio,857631/artigo-identidade-e-autoestima.shtml.

(3) Qual é a conexão entre identidade e autoestima? - O Que é. <https://oque-e.com/qual-e-a-conexao-entre-identidade-e-autoestima/>.

Capítulo 3

¹ José Antônio Gonsalves de MELLO, na obra de referência sobre os judeus em Pernambuco: Gente da Nação: Cristãos-novos e judeus em Pernambuco 1542-1654, Recife, Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1996.

² Sobre o problema da definição da “gente da Nação”, ver Yosef KAPLAN, From Christianity to Judaism, Me Story of Isaac Orobio de Castro, New York, Oxford University Press, 1989 e Minam BOD.

³ Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (ANTT), Inquisição de Lisboa, processo 7533. Também essa vez, a escolha do grupo religioso passou antes de tudo por necessidades sociológicas e afetivas, só que vivenciadas de modo oposto ao anterior.

⁴ ANTT, **Inquisição de Lisboa**, livro 230, fl. 272-272 v.

⁵ Id., fl. 267, 273v e 275 v.

⁶ ANTT, **Inquisição de Lisboa**, livro 217, fl. 522-524 v.

⁷ Egon e Frida WOLFF, **Dicionário biográfico: judaizantes e judeus no Bras**

APÊNDICES

Como apêndices, seguem compilados os exultados da pesquisa realizada junto às comunidades localizadas na zona rural de Caruaru/PE.

Neste estudo, apresentamos a compilação de algumas pequenas tradições que nos foram levantadas pela pesquisa realizada junto às famílias moradoras da região rural de Caruaru, as quais possuem em comum sua condição de origem cristã-nova e que ainda praticam atualmente resquícios de sua judaicidade, embora que, na maioria das vezes sem o conhecimento de suas origens judaicas, inclusive. De um modo geral, cada família utiliza alguma releitura própria dessa mesma tradiçãoocriptojudáica, embora permaneça uma inegável similaridade dessas práticas. Cada entrevistado discorreu acerca dessas pequenas variações praticadas em suas famílias, seguindo a ordem das perguntas que lhes foram apresentadas, e por aproximações com as suas tradições familiares, foram marcando dentro dos quadrados aquelas Práticas que lhes foram repassadas e que ainda permanecem mantidas no seio de suas famílias. A quantidade dos entrevistados foi de 15 pessoas, envolvendo ambos os sexos e com faixa etária de 30 a 80 anos. De modo que, quanto aos seguintes hábitos e usos:

Tradições em geral

1. Alguém na família (pai, avô ou outros parentes) já disse algo sobre a família ter raízes judaicas?

100% respondeu Sim;
0% respondeu Não.

2. Houve alguma antiga comunidade judaica na cidade onde sua família veio?

75% responderam que não sabem informar
25% respondeu Sim;
0% respondeu Não.

3. Alguém na família fala uma língua desconhecida que soava como um espanhol "diferente"? Ladino? Hebraico?

10% respondeu Sim;
30% respondeu que não sabe informar
60,% respondeu Não

4. Qualquer parente evitando igrejas católicas?

25% respondeu que Sim;

75% respondeu Não

5. Qualquer pessoa na família participou de reuniões secretas, ou em reuniões onde apenas os homens ou os pais onde autorizados a assistir? Qualquer grupo de oração secreta?

25% respondeu Sim

75% respondeu Não

6. Tem nomes bíblicos comuns na família?

70% respondeu Sim;

30% respondeu Não.

Refeições

7. A prática do jejum era comum na sua família?

80% respondeu Sim

20% respondeu Não

8. Em sua família existe alguma proibição de comer carne com sangue, às vezes, os nervos foram removidos com uma faca especial?

90% respondeu sim

10% respondeu Não.

9. Ovos com manchas de sangue eram/são jogados fora?

100% respondeu Sim;

0% respondeu Não.

10. Carne de porco não foi comido, e se assim for, eles diriam que não é saudável, ou que é pesado?

100% respondeu Sim;

0% respondeu Não.

11. Leite e carne não foram cozidos ou servidos juntos?

100% respondeu Sim;

0% respondeu Não.

12. Somente alimentos preparados pela mãe ou pela avó materna eram considerados "bons"?

75% respondeu Sim;
25% respondeu Não.

13. Um menino seria circuncidado quando completava 7 dias de idade?

60% respondeu Sim;
40% respondeu Não.

14. Beijava-se o pedaço de pão que caiu no chão?

75% respondeu Sim;
25% respondeu Não.

15. Peixes sem escamas não são considerados bons? Moluscos e mariscos foram considerados impróprios?

90% respondeu Sim;
10% respondeu Não.

16. Quando serviram alguma bebida (vinho, cerveja, rum, conhaque ...) alguma das bebidas era/é jogada no chão "para o santo"?

100% respondeu Sim;
0% respondeu NÃO.

17. A mesa de jantar dos seus familiares tinha gavetas? (às vezes das pessoas mais velhas)

70% respondeu Sim;
30% respondeu Não.

Costumes

18. É comum acender velas na noite de sexta-feira?

80% respondeu Sim;
20% respondeu Não.

19. Já houve oratório, ou caixa de madeira onde velas foram acesas e as portas foram fechadas?

75% respondeu Sim;
25% respondeu Não.

20. Celebrava a Páscoa durante a "Semana Santa"?

90% respondeu Sim;
10% respondeu Não.

21. Limpa-se a casa às sextas-feiras durante o dia?

90% respondeu Sim;

10% respondeu Não.

22. Foi proibido de fazer algo na noite de sexta-feira, até mesmo lavar o cabelo?

80% respondeu Sim;

10% respondeu Não.

23. Acendiam-se velas sábado em frente ao altar e ia queimar até o fim do dia?

75% respondeu sim;

25% respondeu Não.

24. Houve reuniões na noite de sexta-feira?

60% respondeu sim;

40% respondeu Não.

25. Havia roupas especiais para sábado, às vezes eram simplesmente roupas novas ou limpas?

90% respondeu sim;

10% respondeu Não.

26. Há celebrações diferentes das católicas, como o Dia Puro, ou uma festa de primavera?

75% respondeu Sim;

25% respondeu Não.

27. Acendia-se oito velas para o natal?

25% respondeu Sim;

75% respondeu Não.

28. Quando algo importante ou triste acontecia iriam rasgar suas roupas?

80% respondeu Sim;

20% respondeu Não.

29. Varrer o chão longe da porta é uma superstição na sua família?

75% respondeu Sim;

25% respondeu Não.

30. Será que eles varrem a partir dos cantos para o meio da sala, em seguida, pegar o lixo?

60% respondeu Sim;
40% respondeu Não.

31. Abençoa-se as crianças colocando as mãos sobre suas cabeças?

75% respondeu Sim;
25% respondeu Não.

32. Seus familiares acreditam que não era bom para apontar para as estrelas? Alguns acreditam iria crescer verruga em seus dedos?

100% respondeu Sim;
0% respondeu Não.

Funerais

33. Cobrem todos os espelhos em casa quando alguém morreu?

80% respondeu Sim;
20% respondeu Não.

34. Colocam pedras perto os túmulos quando visitaram os antepassados?

75% respondeu Sim;
25% respondeu Não.

35. Será que trocava a água do pote ou das bacias em casa do falecido?

85% respondeu Sim;
15% respondeu Não.

36. Tem-se o hábito de cortar as unhas e os cabelos do falecido e, por vezes, embrulhando-as em um papel ou um pano?

75% respondeu Sim;
25% respondeu Não.

37. O corpo foi sepultado o mais rapidamente possível?

100% respondeu Sim;
0% respondeu Não.

38. A casa foi lavada depois do funeral?

90% respondeu Sim;
10% respondeu Não.

39. Durante uma semana o quarto do falecido manteve-se com as luzes acesas?

65% respondeu Sim;
35% respondeu Não.

40. Havia velas nos quartos da casa do falecido, e quase ninguém veio dentro ou fora da casa?

75% respondeu Sim;
25% respondeu Não.

41. Os homens deixam a barba crescer por um tempo?

40% respondeu Sim;
60% respondeu Não.

42. Será que eles mantêm o assento do falecido à mesa, serviu-lhe refeições completas, e deu as refeições para uma pessoa desabrigada ou pobre?

25% respondeu Sim;
75% respondeu Não.

43. não comer carne vermelha por uma semana após uma morte na família?

40% respondeu Sim;
60% respondeu Não.

44. É comum convidar um sem-teto para a casa para comer e servir-lhe a comida que o morto mais gostava?

30% respondeu Sim;
70% respondeu Não.

45. As mulheres da família tinham que cobrir o rosto com um véu?

35% respondeu Sim;
65% respondeu Não.

46. Entraram no quarto do defunto por oito dias e disse: "Que Deus lhe dar uma boa noite. Você foi como nós, seremos como você".

80% respondeu Sim;
20% respondeu Não.

47. Passou uma moeda de ouro, ou o pão na boca do falecido e, em seguida, deu-lhe a um sem-teto?

75% respondeu Sim;

25% respondeu Não.

48. Fez caridade em todos os cantos até que o cortejo chegou ao cemitério?

85% respondeu Sim;

15% respondeu Não.

49. Deu boas roupas e alimentos para pelo menos um sem-teto, todos os sábados, durante um ano?

40% respondeu Sim;

60% respondeu Não.

50. Teve muitas velas acesas nos dias antes do Dia Puro para o defunto?

75% respondeu Sim;

25% respondeu Não.

51. Em alguns lugares, havia um homem conhecido como o "Abafador", que costumava ajudar as pessoas que foram gravemente doente, antes que o médidefuntoasse na casa. O Abafador iria fechar a porta, e parar a pessoa doente de respirar, dizendo calmamente: "vem meu filho (filha), nosso D'us está esperando por você", após o trabalho foi feito, o Abafador iria para os parentes e dizer: "ele (ou ela) foi como um passarinho ..."

10% respondeu Sim;

90% respondeu

QUESTIONÁRIO

Questionários para as entrevistas

Esta é uma compilação acerca de algumas das tradições que algumas famílias ainda praticam hoje, na maioria das vezes sem o conhecimento de suas origens judaicas. Há muitas variações entre estas tradições, uma vez que cada família pode utilizar uma tradição diferente, mas similar de praticá-los.

Você está convidado a escrever as variações praticadas em sua família ao lado das questões, ou no final deste estudo sobre o espaço dado. Por favor, responda a pesquisa. Por favor, marcar dentro dos quadrados dentro as tradições que foram mantidas em sua família:

Tradições em geral

1. Alguém na família (pai, avô ou outros parentes) já disse algo sobre a família ter raízes judaicas?
2. Houve alguma antiga comunidade judaica na cidade onde sua família veio?
3. Alguém na família fala uma língua desconhecida que soava como um espanhol "diferente"? Ladino? Hebraico?
4. Qualquer parente evitando igrejas católicas?
5. Qualquer pessoa na família participou de reuniões secretas, ou em reuniões onde apenas os homens ou os pais onde autorizados a assistir? Qualquer grupo de oração secreta?
6. Tem nomes bíblicos comuns na família?

Refeições

7. A prática do jejum era comum na sua família?
8. Em sua família existe alguma proibição de comer carne com sangue, às vezes, os nervos foram removidos com uma faca especial?
9. Ovos com manchas de sangue eram/são jogados fora?
10. Carne de porco não foi comido, e se assim for, eles diriam que não é saudável, ou que é pesado?
11. Leite e carne não foram cozidos ou servidos juntos?
12. Somente alimentos preparados pela mãe ou pela avó materna eram considerados "bons"?
13. Um menino seria circuncidado quando completava 7 dias de idade?

14. Beijava-se o pedaço de pão que caiu no chão?
15. Peixes sem escamas não são considerados bons? Moluscos e mariscos foram considerados impróprios?
16. Quando serviram alguma bebida (vinho, cerveja, rum, conhaque ...) alguma das bebidas era/é jogada no chão "para o santo"?
17. A mesa de jantar dos seus familiares tinha gavetas? (às vezes das pessoas mais velhas)

Costumes

18. É comum acender velas na noite de sexta-feira?
19. Já houve oratório, ou caixa de madeira onde velas foram acesas e as portas foram fechadas?
20. Celebrava a Páscoa durante a "Semana Santa"?
21. Limpa-se a casa às sextas-feiras durante o dia?
22. Foi proibido de fazer muito na noite de sexta-feira, até mesmo lavar o cabelo?
23. Acendiam-se velas sábado em frente ao altar e ia queimar até o fim do dia?
24. Houve reuniões na noite de sexta-feira?
25. Havia roupas especiais para sábado, às vezes eram simplesmente roupas novas ou limpas?
26. Há celebrações diferentes das católicas, como o Dia Puro, ou uma festa de primavera?
27. Acendia-se oito velas para o natal?
28. Quando algo importante ou triste acontecia iriam rasgar suas roupas?
29. Varrer o chão longe da porta é uma superstição na sua família?
30. Será que eles varrem a partir dos cantos para o meio da sala, em seguida, pegar o lixo?
31. Abençoa-se as crianças colocando as mãos sobre suas cabeças?
32. Seus familiares acreditam que não era bom para apontar para as estrelas? Alguns acreditam iria crescer verruga em seus dedos?

Funerais

33. Cobrem todos os espelhos em casa quando alguém morreu?
34. Colocam pedras perto os túmulos quando visitaram os antepassados?
35. Será que trocava a água do pote ou das bacias em casa do falecido?
36. Tem-se o hábito de cortar as unhas e os cabelos do falecido e, por vezes, embrulhando-as em um papel ou um pano?

37. O corpo foi sepultado o mais rapidamente possível?
38. A casa foi lavada depois do funeral?
39. Durante uma semana o quarto do falecido manteve-se com as luzes acesas?
40. Havia velas nos quartos da casa do falecido, e quase ninguém veio dentro ou fora da casa?
41. Os homens deixam a barba crescer por um tempo?
42. Será que eles mantêm o assento do falecido à mesa, serviu-lhe refeições completas, e deu as refeições para uma pessoa desabrigada ou pobre?
43. Não comer carne vermelha por uma semana após uma morte na família
44. É comum convidar um sem-teto para a casa para comer e servir-lhe a comida que o morto mais gostava?
45. As mulheres da família tinham que cobrir o rosto com um véu?
46. Entraram no quarto do defunto por oito dias e disse: "Que Deus lhe dar uma boa noite. Você foi como nós, seremos como você".
47. Passou uma moeda de ouro, ou o pão na boca do falecido e, em seguida, deu-lhes a um sem-teto?
48. Fez caridade em todos os cantos até que o cortejo chegou ao cemitério?
49. Deu boas roupas e alimentos para pelo menos um sem-teto, todos os sábados, durante um ano?
50. teve muitas velas acesas nos dias antes do Dia Puro para o defunto?
51. Em alguns lugares, havia um homem conhecido como o "Abafador", que costumava ajudar as pessoas que foram gravemente doente, antes que o médico entrou na casa. O Abafador iria fechar a porta, e parar a pessoa doente de respirar, dizendo calmamente: "vem meu filho (filha), nosso D'us está esperando por você", após o trabalho foi feito, o Abafador iria para os parentes e dizer: "ele (ou ela) foi como um passarinho.

GLOSSÁRIO

Asquenazi / asquenazita, refere-se aos judeus oriundos da Alemanha na Europa Oriental e da Polônia e Rússia.

Beit Din, Tribunal Rabínico instituído para julgar questões de ordem religiosa ou jurídica entre os judeus.

Bnei Anussim, “Filhos dos Forçados”, em hebraico. Referente aos judeus sefarditas que foram obrigados a se converterem ao catolicismo durante o período da Idade Média.

Cabalat Shabat, cerimônia de recebimento do Shabat, o sábado.

Chanucá, festa das luzes, festa judaica que comemora a vitória dos Macabeus sobre o exército romano por volta do ano 150 D.C.

Criptojudaismo / práticas criptojudaic, que faz referência às práticas subliminares e às escondidas do judaísmo com medo das perseguições e denúncias que podiam ocorrer caso esses praticantes de práticas judaicas chegassem a serem descobertos.

Cristão-novo, diz-se do judeu e dos seus descendentes convertidos à força ao catolicismo durante a Idade Média.

Diáspora Sefardita, diz-se da saída forçada dos judeus da Península Ibérica que os levaram devido às perseguições promovidas pela Igreja Católica em Portugal e na Espanha, a migrarem para os países do crescente, outros países da Europa e também para o novo continente recém-descoberto, a América.

Halachá, diz-se do compêndio das Halachot (plural de Halachá, cada uma das leis religiosas judaicas).

Iom Kipur, o Dia do Perdão judaico.

Kahal, ajuntamento, comunidade judaica.

Kahal Tzur Israel, (Comunidade Rochedo de Israel, em hebraico). A primeira Sinagoga das Américas, localizada na Rua do Bom Jesus, no Bairro do Recife.

Kidush, bênção da santificação do vinho, obrigatória nas cerimônias judaicas.

Kipar, solidéu, cobertura usada na cabeça pelos judeus.

Ketubá, registro de casamento em conformidade com as leis judaicas.

Kosher ou kasher, o que está em conformidade com os preceitos e as regras dietéticas judaicas.

Marrano, diz-se do judeu que foi convertido à força ao catolicismo.

Mezuzá, caixa contendo a prece Shlemá, Ouve, oh, Israel, afixada na porta de casa lar judaico.

Pessach, a Páscoa judaica.

Rabanute, o conselho religioso máximo da ortodoxia judaica estabelecida no Estado de Israel e responsável pelas questões de outorga ou não de cidadania israelense aos postulantes de processos de conversão ao judaísmo no mundo.

Roldão, personagem mítico da prosa baixo-medieval francesa. Roldão, sobrinho do Imperador Carlos Magno fora um dos doze Pares de França que são personagens de história lendária que surge nas canções de gesta da literatura medieval francesa. Constituem uma tropa de elite, formada por 12 cavaleiros que são a guarda pessoal de Carlos Magno da França, liderada por Roldão ou Rolando, sobrinho do rei.

Rosh Hashaná, o Ano Novo judaico.

Sefarad/ sefarditas, Sefarad significa “muito longe”, em hebraico.

Sefarditas diz-se dos judeus provenientes da Península Ibérica.

Shabat, o sétimo dia da semana, o sábado guardado como mandamento de descanso no mundo judaico.

Shofar, instrumento musical feito a partir do chifre do carneiro que é utilizado nas cerimônias judaicas de Ano Novo.

Vaichulu, a partir do século III da Era comum foi estabelecido o costume de recitar a passagem de Gênesis sobre a conclusão da Criação no serviço de orações da noite de sexta. Posteriormente foi introduzida a recitação desta mesma passagem no lugar como introdução ao Kidush, que é dito no lugar a fim de permitir que todos os membros da família, inclusive os que não assistiram o serviço de orações na sinagoga na véspera do Shabat, possam recitar ou escutar esta passagem (Shabat 119b).

Teudá, certidão, registro de documento de cerimônia de nascimento ou de conversão ao judaísmo.

Torá, os cinco livros escritos por Moisés, composto pelos livros Gênesis, Êxodo, Números, Levíticos e Deuteronômio, os cinco primeiros livros velho-testamentários.